ANNO XXIV — N.º 20
Rio, 17 de Maio de 1930

preparado da CASA BAYER, famoso em todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de saude normal.

En toda a parte os medicos receitam-n'a, porque ella é, além de efficaz, absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA é *recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Ultimo sonho

D. Clemilde limpou o soalho salpicado de sangue; conchegou o linho candido ao rosto livido da filha; accommodou-a no leito alvo, e sentou-se á cabeceira.

Eunydes, quieta, pensativa, vagava os olhos tristes, velados, pelas paredes brancas do quarto.

D. Clemilde, murmurando quasi imperceptivelmente a saudação do anjo, ia meditando nos mysterios dolorosos da Paixão. A' medida que as contas do rosario lhe iam passando pelos dedos, contas de lagrimas desfiavam-se-lhe dos olhos, que não se cansavam de chorar.

Eunydes rasgou, emfim, o enveloppe finissimo, forrado de roxo; e tirou, com surpresa, a linda cedula novinha, vermelha, com seus grandes numeros a sorrir.

— Mamãe, como é bom o meu padrinho. Veja o que elle me deu, hoje, dia de meus annos.

E sua mão ossea agitava no ar o rico presente.

— Sim, filha, foi sempre assim o teu padrinho, magnanimo. Bemdito seja Deus, que poz no mundo as almas generosas.

— Mamãe, quando eu sarar, comprarei lindos vestidos; irei ao baile da Associação. Sim, tenho esperança de que ha de voltar para mim aquelle tempo feliz, a quadra mais bella de minha vida.

— Filha, Deus é grande.

— No anno passado, no dia de hoje, dancei tanto com Leufredo. Elle veiu aqui em casa. Corina, a minha boa amiga, já estava cansada de tanto tocar para nós. Lembra-se, mamãe?

— Lembro-me, filha. Esse tempo ditoso ha de voltar. Deus é pae.

— Mamãe, não sei o que me diz que Leufredo vem hoje.

— Não creias, Eunydes. Elle está doente, de cama, na cidade distante, para onde foi, ha mezes.

— Doente ?! Coitado ! Tambem, por que se ausentou para tão longe, sem nunca mais dar noticia alguma? Que saudade de Leufredo! Si eu ficar melhor, irei servir-lhe de enfermeira. Que felicidade!

— Partirei comtigo, filha.

— A senhora tem um coração de ouro.

— Sou tua mãe, Eunydes.

— Como é bom a gente ter mãe!

Cansada, Eunydes adormeceu e sonhou. Sonhou que, lá, no baile da Associação Commercial, era ditosa nos braços de Leufredo, ao rythmo da valsa sentimental, ao rythmo do amor.

E Eunydes era bella, de uma belleza fresca, cheia de ternura.

Quando passavam, elegantes, em volteios rapidos, ouviam-se os cochichos do despeito.

E, feliz em seu sonho, Eunydes sorria pallido sorriso.

Muito tarde, naquella ultima noite, regressaram, a passos vagarosos, conversando, a sós, baixinho; entregues a esse doce colloquio, que outra cousa não é sinão adoravel pretexto para que, por momentos, se conservem unidos dois corações. A' porta da casa de Eunydes, ficaram ainda largo tempo, trocando segredos dalma, até que a lua, fria e triste, descambava para o occaso...

Eunydes acordou. Os olhos encheram-se-lhe de lagrimas ao voltar á triste realidade. Aquelle leito de dores. Aquella molestia implacavel. "Por que não morri em meu sonho?", murmurou ella. "Ao menos teria morte feliz".

Depois:

— Mamãe!

— Que é, filha? Estou junto de ti, á tua cabeceira.

— Ah! não a tinha visto. Como a senhora é bôa! Mas, está chorando? Não chore; não quero que a mamãe chore. Veja o meu canarinho como está alegre, cantando. De certo, é por ser hoje dia de meus annos. E lá fóra, quanta claridade. O sol que se ergue numa glorificação de luz. E eu aqui, neste leito...

— Filha, Jesus tambem soffreu muito. Todas as manhãs offereço a Elle o teu padecimento. Serás venturosa um dia.

— Mamãe, mamãe, acuda!

Nova hemoptyse. Eunydes se desfazia em sangue. Recostaram-na em almofadas. Recorreram ás bebidas acidas e geladas e aos adstringentes. Extracto de ratanhia e ergotina impregnava o ar.

Passado o accesso, o medico, amigo da familia, pondo a mão na fronte da enferma, lhe disse:

— Não ha consequencias graves. Vel-a-emos brevemente restabelecida.

Eunydes fitou nelle os olhos mortos, numa dolorosa duvida.

O medico se retirou. O carteiro annunciou a correspondencia.

— Mamãe, não veiu carta de Leufredo?

— Não, filha. Elle está doente na cidade, para onde se retirou ha tempo.

— Doente! Ah! Coitado!

Desdobrando o jornal, d. Clemilde deu com a noticia do consorcio de Leufredo, naquella cidade longinqua. Ia rompendo em pranto, quando Eunydes a chamou:

— Mamãe, mamãe, me acuda!

Novo accesso. A pobre Eunydes agitava-se, asphixiada, como ave debatendo-se nas ansias da agonia. Depois, subito, se immobilizou nos braços da morte.

Quadro funereo. Pranto a noite toda.

No dia seguinte, cêdo, chorava o sino na torre alta. Seus dobres tristes punham manchas de som na alegria radiosa daquella manhã. O enterro, niveo e silencioso, de Eunydes se dirigia, compassado e longo, para a campa do repouso eterno...

JOSÉ BENEDICTO CURSINO

Nenê

Lola Kneip

QUE lindo estás, Nenê, com essa tua roupinha alva de linho, toda enfeitada de lacinhos côr de rósa, que te fez a mãesinha terna e boa, que agora se debruça, um sorriso de amor nos labios roseos, sobre a tua minuscula pessoinha!... Nenê, sabes com quem tu estás parecendo? Com Jesus de Nazareth, na noite gloriosa em que, por vontade de Deus, veiu ao mundo e recebeu, deitado na caminha pobre de feno, a adoração misericordiosa dos Magos e dos pastores. Elle tinha, como tu, uma cabecinha cheia de cachos loiros e uns olhos azues como o céo de onde veiu. Uns olhos grandes e luminosos, abertos para o soffrimento e a piedade. E umas carnezinhas roseas como as tuas, como as carnes de todos os bebês que vêm ao mundo... Com a differença, Nenê, de que o divino Messias, o desejado das nações, descansava numa cama pobre e não tinha, como tu, camisas alvas com lagos mimosos, a cobrir-lhe a carnezinha rosada e núa... Porque seu divino Pae quiz que elle nascesse no meio da pobreza e da humildade, para ensinar a todos que não é nos palacios ricos que residem a ventura e a bondade.

Tu, Nenê, nasceste no meio do luxo e da far[...]. Nasceste, quem sabe?, para um destino de hon[...] de glorias, para uma vida toda cheia de deslu[...]mento e triumphos. Mas, Nenê, porque nasceste no [...]cinho luxuoso de uma casa rica, não te esqueças n[...] de que és humano como os outros, filho de Deus [...] todos nós. Não te enchas de soberba e orgulho. [...] de nada vale, Nenê. Mais tarde, quando estiveres [...]lhinho, enrugadinho e tremulo, uma nevoa te[...] a to obscurecer a luminosidade dos olhos; quand[...] se aproximar para ti a hora angustiosa e horrive[...] Morte, é que tu verás que vida inutil e vazia tiv[...] nem um gesto nobre de piedade a lembrar, nem [...] benção misericordiosa do pobre a cahir, como um [...] de luz, sobre a tua tremula cabeça de neve...

E então verás que a tua vida foi toda inutil e [...] prestigio. Toda a tua vida de pompa e de gloria[...] Porque não terás a lembrar, na hora derradeira, [...] verdadeiro acto de nobreza e altruismo: uma es[...] piedosa, para alguem que agoniza de fome... E q[...]tas lagrimas de remorso te cahirão dos olhos! L[...]brarás toda a tua mocidade perdida, a tua vida [...] gloria, a nunca praticada obra de nobreza: um [...] de caridade.

Por isso, Nenê, sê bom. E's rico, e as esmolas [...] um dia fizeres, nunca te farão falta. E nem as pala[...] de conforto que te sahirem da bocca. E, em u[...] instancia, lembra-te que Jesus podia ter nascido [...] palacio de reis, mas, por humildade e desambição, [...]feriu a cabana humilde e tosca, onde, sobre o berç[...] pobre de feno, se arroxearam de frio as suas car[...]nhas rosadas e núas...

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer p[...] o desenvolvimento da cultura brasileira.

O MÊDO...

NÃO pudemos saber como foi aquillo. Teve a rapidez das grandes catastrophes.

Vimo-nos cercados por uma muralha de agua que, devido á phosphorescencia, parecia tambem uma muralha de fogo. O bote teria virado si Tremassin não houvesse arriado toda a vela.

Eu estava afflicto por causa da presença da joven esposa de nosso amigo Bard.

Miralat e Tremassin nadavam apenas para sahir do perigo; mas Bard e eu eramos grandes nadadores. A senhora Bard só poderia, pois, ser salva por algum dos dois.

Vi claramente o que era preciso fazer e lhes gritei, em meio do horrivel temporal, com uma voz que dominou o vento e as ondas:

— Amigos!... Si naufragarmos, prendam-se ás taboas... Você, Bard, approxime-se de sua esposa!

Minhas palavras foram acolhidas bem diversamente.

Estavamos tão acostumados a pilheriar em meio do perigo, que Miralat e Tremassin soltaram formidavel gargalhada. Mas Bard, que estava mais perto, se impressionou ao ouvir o tom de minhas palavras, e soltou uma abafada exclamação. Seu casaco, que começou a tirar, nos acoitou o rosto.

Comprehendi que se divertia.

— Bôa precaução! — gritei.

Mal acabava de o dizer, quando uma onda mais furiosa cahiu sobre nós. Andámos dando voltas durante uns segundos. Depois nos sentimos tão rudemente levantados de um lado, que, por instincto, me segurei para não cahir.

— Bard! — gritei. — Vamos sossobrar!

As phosphorescencias fizeram-me ver, então, que, afastando sua mulher, Bard saltava á agua.

Não tive tempo de reflectir. O bote virou, e eu me vi ás cambalhotas debaixo de uma especie de sino. Meus braços tropeçaram com um corpo que se agitava sob a agua. Não duvidei nem um momento de que se tratava da senhora Bard. Segurei-a fortemente, e afundei.

O vento e as ondas levaram o bote, e eu, então, reappareci com minha carga á superficie livre.

Si eu houvesse perdido o sangue frio, só por segundo, a senhora Bard teria mergulhado no abysmo. Felizmente, conservei a necessaria calma e, apesar do furor do vento e das ondas, não soltei minha presa e explorei, com a vista, os arredores.

Divisei, então, Bard, a uma braça de distancia. O homem nadava com energia.

— Bard! — gritei. Tua mulher está aqui... Soccorro!

Estavamos quasi juntos. Bard voltou o rosto alterado pelo terror, e se apressou ainda mais.

Comprehendi que o impellia o instincto de conservação e que nada o tiraria delle.

— Elle nos abandona! — disse uma voz a meu ouvido. — Deixe-me morrer e salve-se o senhor.

Era a senhora Bard. Com uma coragem de que existem raros exemplos, se esforçava para alliviar-me a carga, afer-

rando-a com uma das mãos a meu hombro.

Amava a seu marido e acabava de ler o horrivel egoismo do medo nesse rosto que, um momento antes, ella havia coberto de beijos ardentes.

— Não se desespere, senhora... — diss-elhe. — Posso resistir ainda.

Ella ouviu-me? Não o sei. Nossa situação se tornava cada vez mais perigosa.

A violência havia cessado, mas as ondas pareciam augmentar.

Aproximavamos-nos da costa, e eu só tinha forças para salvar-me eu só.

Bard continuava nadando á minha frente. Elle tambem previa, sem duvida, o instante terrivel em que chegariamos ao ponto mais difficil. Voltava a cabeça e procurava, como eu, uma taboa qualquer, para apoiar-se nella. A sorte favoreceu-me: vi, antes delle, um pedaço de nosso bóte: a especie de tarimba movel que tinha no fundo.

Era a salvação! Lançava-me com ardor para agarrar esse objecto, quando Bard o viu tambem, e, com uma presteza que minha carga me impedia de ter, se apoderou delle e o afastou de mim.

— Bard! — gritei em tom supplicante.

Mais uma vez meu amigo nos deixou ver seu rosto convulsionado pelo terror. Em seus olhos não havia nada de humano. Arrastado pela taboa, desappareceu nas trevas. Então, ficou patente seu modo de proceder: sacrificava-nos.

Pouco mais tarde, envolvido numa onda terrivel, me julguei perdido, irremediavelmente perdido. A joven senhora continuava nervosamente agarrada a meu hombro, mas eu a sentia enfraquecer cada vez mais.

Talvez tenha comprehendido que minhas forças se esgotavam, porque, de repente, me soltou.

Vacillei? Não poderia dizel-o. Mas essa vacillação deve ter durado muito pouco, porque immediatamente mergulhei e de novo trouxe á superficie a senhora Bard.

Sobre o que occorreu depois, não tenho sinão noções confusas. Parece que me encontraram na praia, ao lado de minha companheira de infortunio.

Tremassin e Miralot, agarrados a uma taboa, haviam chegado antes de nós e haviam pedido soccorro. Uma consideravel multidão nos rodeava, apesar da hora avançada. As tochas illuminavam os medicos inclinados sobre mim e sobre minha companheira.

Fui eu o primeiro que recobrou os sentidos. Vi Bard ajoelhado junto a sua joven esposa, chamando-a com os nomes mais carinhosos. Recordei, então, o naufragio, e eu tambem fiquei esperando ansiosamente o desfecho daquella scena.

A espera não foi longa. A senhora Bard abriu os olhos, surprehendida. Depois, como occorrera a a mim, a recordação se apresentou em seu espirito.

Nesse momento, Bard se atirou sobre sua mulher, com a intenção de abraçal-a.

Nunca esquecerei como repelliu ella seu covarde marido; como o conteve com um olhar mais frio que o gelo, emquanto me estendia a mão, com uma effusão commovedora.

Depois daquelle tragico dia, nunca mais a vi. Mas, tres mezes depois, soube que o joven casal movia uma acção de divorcio. Talvez eu tenha sido a unica pessoa a quem essa noticia não causou surpresa.

O que nem todos sabem

Quando morreu o jornalista Léon Plée, apenas tres pessoas o acompanharam ao cemiterio: seu filho, Carlos Vincent e Julio Claretie. Para consolar o filho desse esquecimento, lhe recordaram que Leibnitz foi conduzido á derradeira morada acompanhado apenas por seu criado.

•

O novo planeta que o observatorio Lowell, no Arizona, Estados Unidos, descobriu recentemente, está, segundo os calculos do mesmo observatorio, duas vezes mais distante do Sol do que Neptuno, que, por seu turno, está a uma distancia maior 30 vezes do que a que nos separa do astro-rei. O planeta agora descoberto está, pois, de 9 a 10 milhões de kilometros do Sol.

•

Os noruguezes levantam tres dedos da mão direita para jurar. Dessa maneira representam a Trindade, emquanto repetem uma larga fórmula que termina o testemunho expressando o desejo de ser castigados com o fogo eterno e ver destruidas suas propriedades na terra, si jurarem em falso.

•

Todos os pianistas e violinistas famosos usaram ou usam cabellos mais ou menos compridos. Paganini, Mendelssohn, Beethoven, Listz, Rubinstein, Sarasate, Kubelik e o grande Paderewski, para só citarmos esses, servem de exemplo para comprovar a predilecção dos virtuoses daquelles dois instrumentos musicaes pelo cabello longo.

•

O menor revólver do mundo tem duas pollegadas de comprimento e pertence a miss Elsee Aymar, de New London (Estados Unidos). Está dentro de um pequeno estojo, com uma caixinha contendo 100 projectis, que podem matar um homem a 50 metros de distancia.

As residencias particulares da China são decoradas com riquissimos trabalhos de talha. Cada habitação é, alli, uma verdadeira obra de arte. As portas de madeira que separam os compartimentos entre si ostentam bellissimas lavras, e as janellas são adornadas com bizarros desenhos geometricos. A superioridade do chinez como talhista data de tempos immemoriaes, pois esse laborioso trabalho está de accordo com o paciente temperamento daquelle povo.

•

Ha 32 linguas vivas no mundo, isto é, linguas que se falam e se escrevem: portuguez, francez, inglez, hespanhol, italiano, allemão, hollandez, norueguez, flamengo, russo, dinamarquez, sueco, hebreu, tamil, grego, malaico, persa, telugo, bengali, siamez, hindú, gujarati, arabe, bumez, turco, japonez, singalez, chinez, javanez, coreano, polaco e esperanto.

DOMINADORAS

SCENA I

Personagens: Dona Agatha — Senhor Isidoro

SENHOR ISIDORO. — Filha, tu me trazes mettido em um sapato. Não sou mais criança e sei muito bem o que faço...

DONA AGATHA. — Sim, sim... Vocês homens tudo sabem, e depois, vem a casa abaixo!... E como não querem ouvir-nos...

SENHOR ISIDORO. — Mas si ha vinte annos te ouço e tudo vae cada vez peor!...

DONA AGATHA. — E eu ha vinte annos te aconselho. E tu, nada. Não fosse eu, e tu já terias fracassado, morrido talvez. E agora eu estaria sosinha e contente...

SENHOR ISIDORO. — Ora, mulher, não digas disparates... Bem sabes que eu não movo um pé sem te consultar. O que fiz hoje foi uma casualidade: Achilles me propoz o negocio, este me pareceu bom e eu acceitei... Mas não ha nada formal ainda.

DONA AGATHA. — Ah!... Pois então o desfaze. Achilles nunca me inspirou confiança.

SENHOR ISIDORO. — Um amigo de toda a vida!

DONA AGATHA. — Que tambem pode ser toda a vida um semvergonha, e tu ignoral-o.

SENHOR ISIDORO. — O negocio é claro...

DONA AGATHA. — Naturalmente. A principio, tudo é claro: depois é que começa o escuro, o revolto...

SENHOR ISIDORO. — Podemos tirar, limpos de pó e palha, vinte contos.

DONA AGATHA. — Dos quaes terás que dar a Achilles dezenove contos novecentos e noventa e nove mil réis... Parece que estou adivinhando!... Porque todos os negocios de meia são assim. Um trabalha e o outro... lucra.

SENHOR ISIDORO. — Mas, para evital-o, ha contratos, documentos, garantias...

DONA AGATHA. — Ri de tudo isso. Meu pae, que era advogado, dizia sempre: "Um contrato é, ou a desconfiança mutua entre duas pessoas que se conhecem muito e querem fingir honestidade e rectidão, ou a armadilha que um esperto lança a um imbecil..." E si elle, que era advogado, o dizia, é porque o sabia!... Não, Isidoro, não... Agora mesmo vaes escrever ao Achilles dizendo-lhe que não te convem o negocio, que reflectiste bem...

SENHOR ISIDORO. — Mas, escuta: quem manda aqui, tu ou eu?

DONA AGATHA *(muito convencida)*. — Tu, é claro! E podes fazer o que quizeres. Faze de conta que eu não disse nada. Mas depois não me venhas com lamentações. Eu, prevajo; tu, procedes.

SENHOR ISIDORO *(cedendo)*. — Vamos, vamos... Comtigo não se pode falar... Far-se-á o que quizeres... Vocês, as mulheres, sabem prever... Têm um olfato para essas cousas... Emfim...

DONA AGATHA *(triumphante)*. — Afinal, Isidoro, tu tens melhor criterio... Si vaes, depois, dizer-me que te trago mettido num sapato, que te domino...

SENHOR ISIDORO. — Ora, ora!... Tens cada uma... E's uma... Salomona!... Vou escrever a Achilles, dizendo-lhe que não conte commigo...

SCENA II

Personagens: Laura. — Henrique

HENRIQUE. — Vae ser um banquete magnifico... Far-se-ão representar todos os clubs... E depois se organizou um espectaculo excellente no *Edison*... Tomam parte as melhores artistas de *variétés*...

LAURA *(sobresaltada)*. — "Variétés"?!

HENRIQUE. — Não te alarmes, tontinha... Vel-as-emos da platéa... Ainda si estivessemos em palco *avant-scène*!...

LAURA. — Ai, Henrique!...

HENRIQUE. — Que tens, querida?

— LAURA. — Ai!... Eu vou passar esta noite muito mal!

HENRIQUE. — Mas, que suppões?... Que imaginas?... Não te digo que são todas pessoas respeitaveis, distinctas?

LAURA. — Sim. Mas, logo que virem as taes artistas de *variétés*, perderão a distincção... Ai, Henrique!... Vou ter um ataque de coração.

HENRIQUE. — Mas, filha...

LAURA. — Além disso, não podes ir a banquetes, com o estomago delicado que tens... Não pensas numa ulcera?... Essas comidas de restaurantes são sempre indigestas...

HENRIQUE *(que é um pouco apprehensivo)*. — Nisso estás com a razão.

LAURA. — Por que não te desculpas, dizendo que não podes ir?

HENRIQUE. — Impossivel! Compromettí-me com Palmares.

LAURA. — Isso é o menos. Basta avisar-lhe que ficaste repentinamente indisposto... *(Aproxima-se delle, carinhosa, e lhe cinge o pescoço com os braços)*. — Hein, querido?... Eu te prepararei uma comidinha como tu gostas... E depois... depois, iriamos tomar ar... Que te importam esses homens do banquete?... Não é melhor que fiques aqui com tua mulherzinha? *(Beijo-o repetidas vezes)*. Não queres darme esse gosto, mão?

HENRIQUE *(completamente vencido)*. — Bem sei eu disso!... Onde posso estar melhor do que junto de minha mulherzinha?...

LAURA *(prudente)*. — Mas si é um compromisso, si não tens outro remedio sinão ir, não quero que por minha causa deixes de ir... Si eu tiver um ataque de coração, Josepha me soccorrerá.

HENRIQUE *(abraçando-a)*. — Estás louca?... Não, não... Falarei immediatamente com Palmares, dizendo-lhe que não vou. Realmente, eu ia passar uma noite bem aborrecida... Fico comtigo!

LAURA. — Meu querido!... Mas que fique esclarecido que tu é que não queres ir, e que eu não te pedi nem te exigi nada...

FANFRELUCHE

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares, são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e immenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Ferid[illegible], Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

O Campeão Internacional

"Roberto: o amor excessivo que sentes pelo sport matará talvez o nosso amor. Tenho ciumes e estou triste. O pensar que os sports te interessam mais do que eu me desespera, e resolvi que escolhas hoje mesmo. A partida desta tarde, na qual quizeste tomar parte, apesar de minhas lagrimas, quero seja a ultima. Precisas tomar uma decisão definitiva. Tive que tornar-me forte para falar-te assim. Imita-me tambem, si queres conservar tua noiva. — *Maria.*"

"P. S. — Estarei perto de ti para saber tua decisão."

* * *

Sentado em uma cadeira de madeira, emquanto seus collegas do Club Neuville se preparavam para a luta, Roberto Lucas, o celebre campeão internacional de rugby, lia, pela decima vez, a carta que acabavam de entregar-lhe.

Abriu-se uma porta, e até elles chegou o barulho da multidão, que esperava, impaciente, que começasse a partida.

Um delles tocou-lhe no hombro:

— Vamos, Lucas. Está na hora de começar:

O estadio de Neuville achava-se completamente cheio para assistir á partida de rugby. Neuville e Lorbes iam disputar o *match* annual.

De repente, todas as cabeças se voltaram para o logar onde appareciam os *brancos* de Neuville e os *azues* de Lorbes.

Ao occupar Lucas seu posto, ouviu-se uma salva de palmas. Elle lançou um olhar á tribuna central.

— Vocês estão promptos? — perguntou o juiz.

Lucas levantou um braço, e a partida começou. Neuville, com jogo franco; Lorbes, com prudencia e receio. Dentro de poucos minutos todos jogavam com ardor. Começou a chover.

A assistencia levantou-se: o campeão intervinha.

— Avança, Lucas! Bem! Bravo! — gritavam.

Mas a acclamação terminou bruscamente por uma decepção: Roberto, sem causa que o justificasse, acabava de soltar a pelota.

Murmurios, explicações, commentarios... Incerteza... Seus partidarios diziam:

— Não é nada... A pelota escorregou-lhe...

No emtanto, se calaram, porque Lorbes começou a ganhar. Houve um momento em que, opportunamente, lançaram a pelota para Lucas. Um dos *azues* se interpoz. Os *torcedores* dos *brancos* se puzeram a rir deante de tal presumpção, mas viram, attonitos, que Lucas, o campeão internacional, cahia ao solo e se levantava coberto de barro.

O assombro paralysava os habitantes de Neuville. Que occorria a Lucas? Por que jogava tão mal, elle, que era um *az?*

Os jogadores de Lorbes animavam-se, emquanto que os de Neuville, vendo-se abandonados por seu chefe, oppunham uma resistencia esteril.

O publico sublevou-se. Começou a insultar e a lançar accusações contra Lucas, que via nos olhos de todos olhares de odio. Um velho, pallido de raiva, cuspiu para elle. Lucas parecia um corpo sem alma. O tumulto era tão grande que ninguem ouviu o juiz dar o apito que indicava o fim do *match*.

Emquanto os jogadores, silenciosos, se vestiam, Lucas poz o abrigo e se dirigiu á porta, entre a hostilidade de todos. Comprehendeu, então, que, para aquelles homens, seus amigos e admiradores de hontem, não passava de um estranho, talvez um traidor. E, sem dizer uma palavra, com a cabeça baixa, se afastou.

Junto ao caminho esperava-o um automovel. Lucas avançou para elle. Detraz do crystal uma carinha ansiosa o aguardava. Elle subiu, e o auto partiu immediatamente.

— Maria — disse Roberto, com voz apagada — era isso o que querias de mim? Pois eu te satisfiz.

A moça conservava-se calada, sonhadora. Com quanta astucia havia agido! Joven inconsciente, por um capricho impuzera uma humilhação e um sacrificio immenso a Roberto, que arrancára, brutalmente, á sua paixão favorita. Quanto elle demonstrava querel-a para ter-lhe obedecido! e o que devia ter soffrido!

Sentiu uma piedade infinita ao considerar a amargura que reflectiam os olhos de seu noivo, e pensou que havia sido má e egoista e que era indigna de merecer seu perdão.

Desolada, procurava palavras para consolal-o. Mas não as encontrava. Tomou, então, humildemente, uma rosa que trazia presa na golla de seu abrigo e a entregou a Roberto.

O rapaz, com a flor entre os dedos, ficou um momento immovel, como si não o comprehendesse. Depois, subitamente, deixou cahir a cabeça sobre os joelhos de sua noiva, e começou a soluçar.

Chorava por sua honra e sua gloria que haviam morrido. E, enquanto chorava, sobre sua cabeça deslisava, caridosa, a pequena mão que o havia subjugado, a elle, tão orgulhoso e tão forte.

E chorava sem se envergonhar, como uma criança culpada... E culpado havia sido, com effeito, porque offendera o Amor — o deus Amor — o mais ciumento e implacavel de todos os deuses.

ANDRÉ CASTAING

VEGAS

ONDA (S. Paulo) — Analysemos os factos. V. Ex. me escreveu, certa vez, pedindo o meu proximo romance "Uma garçonne carioca". Nessa carta me enviou a importancia de 10$000, cujo recebimento só accusei por honestidade, uma vez que a carta não veio registrada. Toda gente sabe que o correio não se responsabiliza por correspondencia de porte commum.

Ora, como o meu livro não estivesse prompto, propuz enviar-lhe o meu poema "O Suave enlevo", com uma dedicatoria amavel e, futuramente o romance.

Depois de tal proposta, que V. Ex. acceitou, suppuz poder dar o meu romance pouco depois de ter recebido a sua missiva. Que fiz então? Contemporizei umas duas semanas, na esperança de poder fazer-lhe uma surpreza, mandando-lhe dois livros meus com dedicatoria.

Mas V. Ex. precipitou-se de tal modo que me atirou uma carta, como quem atira uma pedrada, chamando-me de tratante.

Sem duvida, persuadida de que eu comprara... um bonde com os seus dez mil réis.

Ora, isso é demasiado imprudente. E não sei como é que uma paulista é capaz de semelhante attitude.

Emfim, o exemplar d'"O Suave enlevo" já seguiu sob o registro n. 84.085. V. Ex. tem haver nas minhas mãos a importancia de 5$000. A dedicatoria não foi porque não costumo render homenagens ás pessôas que me detraem.

E agora, faça o obsequio de se não precipitar nos seus julgamentos...

CHAPLIN (Minas) — Li os versos modernistas que me remetteu. E da impressão que recolhi tenho a dizer simplesmente o seguinte: Não creio nessa literatura chamada moderna, nem brasilica, nem futurista, nem em *ismo*, nem naquillo. Creio nos talentos legitimos que realizam arte, a bôa arte, que nos encanta, que nos empolga, que nos domina os sentidos, sem que saibamos como, nem por que; si é porque é passadista ou modernista.

Marinetti, em *Destruzzione*, é para mim, tão grandioso, como Guerra Junqueira, Heredia ou Geraldy, no seu relicario de arte a sentimento que é *Toi et Moi*.

De modo que, em literatura, não vejo escolas, nem credos, nem formulas, nem correntes reaccionarias; vejo arte, vejo esthesia, vejo belleza — e só.

De resto, no Brasil, digamos, no Rio, o modernismo — como o entendem nos Estados — não pegou. Os modernistas são citados como exemplo de extravagancia, de aberração, de curiosidade, para divertir o povo. Do mesmo modo que se exhibem nas exposições da roça da carioca bezerros bi-cephalos, gallinhas de tres pernas, etc. Todos admiram o phenomeno; mas ninguem vae adquiril-as para as suas capoeiras...

Desculpe essas imagens gallinaceas e bovideas. Mas eu lhe queria patentear que futurismo foi uma *blague* que passou pelo Rio. Ninguem se lembra disso. Nem o sr. Guilherme de Almeida, que é hoje um apóstata da nova religião literaria.

Ora, feito esse reparo eu lhe devo declarar que os versos do *Colapso* e *Bailarina incognita*, encarados sob o ponto de vista da arte moderna, são perfeitamente acceitaveis. Mas não me agradam, porque lhes falta aquella scentelha estellar, maravilhosa e divina, que é scentelha de Belleza Immortal.

HILTON SETTE (Pernambuco) — As suas poesias não servem para o *Fon-Fon*. Talvez fiquem bem numa publicação de espirito mais coherente com as idéas literarias modernistas.

O sr. diz:

"O sol assassinado no poente
morria numa poça de sangue mui
[to grande
lá para traz daquella collina
[verde...

(Não será preciso repetir que o
[criminoso evadio-se)

E a tarde num preito de saudade,
muito violacea, tratava de enter-
[ral-o
na cova da noite...

Então o sino da capellinha branca
[começou a dobrar.

Emquanto o céo, coberto de luto,
todo aceso de estrellas
procurava ajudar as diligencias...

Mas p'ra mim, quem mattou o sol foi
[uma mulher. —
Quem sabe se não foi
[a lua?"

Tudo isso pode ser poesia, no seu entender e no dos futuristas, cuja liberdade, no dominio da extravagancia literaria, é immensuravel. Mas para mim, isso é authentica noticia policial, em estylo humoristico.

A sua poesia deve, portanto, figurar no "Boletin da Chefatura de Policia do Recife", e não no *Fon-Fon*, semanario mundano carioca.

MINEIRO (Minas) — Impossivel fazer o estudo de sua letra. Só farei graphologia remunerada e particularmente. Uff!

NINON-ROSE (Capital) — V. Ex. é carioca? Qué, gentes? E' mesmo? Emfim, pode ser...

A poesia que me enviou — mediocre, aliás, — é a letra de uma velha canção popular com que a minha avó me embalava.

Pode dizer á pessoa que lhe offereceu como sua, que ella se encontra nos cancioneiros populares, edições de engraxate.

Essa pessoa está fazendo cortezia com o chapéo alheio.

Conhece a anecdota do namorado piegas? Um bello dia, elle copiou um daquelles modelos do "Secretario dos Amantes".

Essa é uma obra popular. Trata tudo quanto é modelo de carta amorosa e as respectivas respostas, na pagina seguinte. Exemplo: a declaração do apaixonado está na pagina 67; a resposta da joven deusa, na 68.

Pois bem: o cavalheiro da anecdota copiou uma das cartas, e remetteu-a á namorada. Esta, que tambem era fregueza do "Secretario dos Amantes", mandou-lhe a seguinte resposta: "Vire a folha e leia a resposta no verso. Da sua — Felismina".

Pois bem, D. Felismina... Oh! desculpe: D. "Ninon-Rose", mande a pessôa dos versos "virar a folha"...

Agradeço-lhe os cumprimentos que me envia e queira acceitar a expressão da minha sympathia.

Para que se tenha uma idéa do espirito da pessôa que lhe offereceu os versos do "Cancioneiro Popular", aqui vae uma amostra da referida canção:

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

Não te esqueças de mim, quando
[das aves
Escutares mavioso e lindo canto

Quand[illegible]çar-te a fronte a brisa
[amena
Não te esqueças de mim que te
[amo tanto...

Si a natureza te cercar risonha
Repleta de alegria e formosura
Quando serena, a lua esbranquiçada
Se te mostrar em mystica doçura.

Quando da noite proxima sentires
Todo o mysterio de seu negro
[manto
Quando, o sino gemer a Ave-Maria
Não te esqueças de mim que te
[amo tanto...

.. ..

O. A. (Capital) — Oh, coisa horrivel! Poetas, poetas, poetas, sempre poetas! Quando abro uma dessas cartas que se agrupam sobre a mesa, é já com um temor extraordinario — assim como quem pegasse num petardo, receioso de uma explosão inevitavel.

Sim, porque, pelo sobrescripto, pela qualidade do enveloppe, geralmente de papel ordinario, burguez, e a machina, eu presinto que é um poeta que me vae sahir dali com uma xaropada poetica.

E' um horror! E' uma coisa apavorante! No fim do dia estou com os nervos imprestaveis. Parece que regresso de assistir a um espectaculo desenxabido, especie de enterro, de interrogatorio policial, conferencia sobre o plantio das batatas... (pelos poetas) ou uma necrópsia... literaria.

Santo Deus! Não haverá por ahi uma alma caridosa, que me livre desses poetas sem entranhas?

Mas, vamos lá, sr. O. A.

Li os seus versos. Todos elles são mediocres, embora mais ou menos perfeitos na factura. *A Caveira* é um soneto passavel. Mas possue versos forçados, v. g.,

Como uma santa em busca da
[capella.

O assumpto é exploradissimo. Desde Shakespeare, no *Hamlet*, até hoje — via Augusto dos Anjos e Alphonsus Guimaraens — a caveira tem sido o thema predilecto dos poetas que amam a philosophia funebre, necrologica.

Francamente, apesar das palavras gentis que teve para mim, não encontro meio de applaudil-o com sinceridade.

No entanto, o sr. é um prosador bem acceitavel. A sua chronica *O Ataque* revela essa qualidade; e si o nego como poeta acredito que, futuramente, será um conteur ou um chronista interessante.

Entreguei *O Ataque* ao secretario, visto não ter tempo de lel-o. Quero crêr que elle lhe fará justiça, publicando-o na primeiro opportunidade.

Convem esperar a sua vez.

LAGRIMA (Capital) — V. Ex. é muito desconfiada. Porque interpreta mal uma delicadeza da minha parte?

Não sou um timido, que receie tomar attitudes. Si eu não quizesse receber não usaria da "amavel condescendencia" a que se refere na sua carta e que interpreta como sendo uma evasiva.

Ora, por que havia eu de complicar as coisas? Diria: "Não posso acceitar a sua e, portanto, não attenderei o seu telephonema".

O que eu quiz dizer foi claramente o seguinte: só attendo telephonemas de pessôas que revelem a sua identidade ou que sejam minhas conhecidas.

Ha, por ahi, um grupo de senhoritas desinteressantes que se divertem em nos dar trotes sem graça e deploraveis.

Ora, é cacete de mais attender a uma dessas expoentes da pobreza de espirito, que nos vêm roubar o tempo com propostas de encontros imaginarios á porta dos cinemas ou nas casas de chá ou á esquina da rua suburbana onde moram.

Não é insipida uma creatura de tal ordem? Que faria V. Ex. si os maus fados a puzessem, de quando em quando, em contacto com essas desalmadas e insulsas caceteadoras?

Pelo amor, seja mais justa, sim?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

* * *

GRAPHOLOGIA — Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.

* * *

• Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o côupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 17-5-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

PHEDRA (Capital) — No primeiro momento, tive um desejo louco de fazer uma perfidia com V. Ex. Com sobrehumano esforço, consegui dominar esse impulso de meu espirito sceptico e irreverente, que, de tanto sonhar e se modalizar ao sabor das fantasias, dos affectos platonicos e das mentiras femininas, acabou por se deformar — assim como uma tuba que se machucasse e se tornasse imprestavel para emittir um som. Muito bem.

V. Ex. está livre, portanto, de um trote que, aliás, seria uma ingratidão, attendendo ao abraço (espiritual?) que me envia, de Copacabana, quando, ainda ha pouco, tremia de pavor que eu a viesse conhecer com os seus bellos olhos estrabicos...

(Isso parece ironia, mas é apenas um detalhe sem importancia...)

Li a sua missiva azul-celeste, onde recorda as palavras de um poema *A Bola azul*, e como me detive, um momento, em considerar as imagens que me suggeriu com o fulgor da sua penna, senti que se operou na minha alma uma dessas bruscas e inesperadas transições. Sim, porque na minha alma, ha sempre, num dualismo singular, um garoto, *gavroche* legitimo, que vive a assobiar pela rua, e um homem sentimental, que ama os crepusculos, acredita na arte e persegue o amor...

A transição brusca, inesperada, que se operou em mim, foi o silencio do garoto e a presença do homem sentimental.

Cheguei a acceitar o seu abraço (espiritual?) e a meditar na delicadeza das emoções que só as creaturas de sensibilidade fina, educada e superior poderão comprehender e sentir.

Emoções fugitivas!...

Um sorriso de mulher que nos olha com sympathia, emquanto o nosso coração bate assustado, sob a dissimulação de um sorriso perturbado... Um sonho que se desfaz como uma bôlha de sabão... Um trecho musical, que chora num violino... (Adoro o instrumento de Paganini) Um perfume que nos evoca os cabellos de uma creatura que encheu a nossa vida... Encheu-a e esvasiou-a com a sua fuga... Um fragmento de dialogo. — "Amo-te! — Adoro-te." Ou então: — "Adeus"!

Emoções fugitivas! Quanta coisa linda a sua missiva azul me veio evocar!

Mas espere... Vamos fazer ponto final. Falemos baixo e fujamos devagarinho: o garôto que na minha alma acordou. Começa a assobiar...

Tome lá o seu abraço platonico, senhorita Phedra... Estou com um medo louco do garôto...

Yves.

A passageira solitaria

de H. P. Blomberg

O medico de bordo, doutor Barnes, estava jogando o xadrez commigo, quando um dos *stewards* de camara entrou na cabine, depois de pedir licença, e lhe falou ao ouvido.

Barnes, cuja rainha corria mortal perigo nesse momento, interrompeu o jogo, todo pesaroso.

— Bem. Que havemos de fazer? Vou até lá...

Deixou-me só na cabine e sahiu atraz do *steward*, depois de umas breves palavras de desculpa.

Eu realizava minha primeira viagem no *Indian Prince*, um navio já velho, mas animoso e agil ainda em suas longas travessias oceanicas. Era um navio frigorifico, e só podia transportar um numero reduzido de viajantes, de Buenos Aires a Londres e de Tilbury Docks até a Dársena Norte, onde até as gaivotas pareciam conhecer o branco paquete da estrella vermelha.

Fazia cerca de trinta annos que elle navegava nessa linha.

Haviamos sahido do Gran Dock numa manhã fria de outomno. Lá, na Inglaterra, a primavera esperava os cinco passageiros solitarios do *Indian Prince*: quatro homens e uma mulher. Ella devia ter uns vinte e dois annos. Procurei seu nome no registo de passageiros e soube que se chamava Lily Sanderson. Tinha os cabellos loiros e os olhos escuros, quasi negros. Nem feia, nem bonita, apesar de sua fria reserva de passageira solitaria, captivava a todos os homens de bordo, até o fosco chefe dos *stewards*.

— O *Indian Prince* — disse-me, um dia, o seguinte ao sahir do Rio da Prata, o doutor Barnes — é o navio das viajantes sosinhas. Esta é a minha sexta viagem no *Indian*, e em cada uma sempre encontrei uma dama mais ou menos só a bordo.

— Que quer o doutor dizer "mais ou menos"?

— Que viajam, ou completamente sós, como a senhorita Lily Sanderson, que ahi vae passando com um livro sob o braço, ou com crianças. Dir-se-ia que ellas, essas solitarias passageiras que atravessam o oceano com seus filhos e com seus sonhos, fossem almas que unissem os inglezes da Inglaterra aos inglezes que vivem na America. Viajam com ellas a esperança, o amor, o lar...

O doutor Barnes, que contava apenas trinta annos, costumava falar ás vezes desse modo, apesar de sua profissão. Era um cirurgião com alma de poeta.

— Possivelmente o senhor terá razão, doutor Barnes — disse eu.

E fiquei olhando a silhueta esbelta de Lily Sanderson, que, com um livro aberto sobre os joelhos, contemplava o Atlantico.

— Na vespera da partida do vapor — informou o medico, alinhando as peças do xadrez — subiu a bordo um homem já entrado em annos. Estava um pouco enfermo, mas não de modo a lhe ser prohibida a viagem. E' cego e chama-se Claudio Moore. Desde que embarcou não sahiu de seu camarote. Pobre senhor!...

Haviamos deixado atraz as aguas iracundas do golfo Santa Catharina. Nessa tarde, depois que o *steward* se foi com o doutor Barnes, deixando em perigo de morte sua imprudente rainha, me puz a pensar nas reflexões do medico.

Aquellas mulheres que iam sós pelo oceano, com seus filhos, seus sonhos, suas esperanças, seus amores... Cada viajante era uma novella vivente. E pensei que, certamente, Lily Sanderson tinha a sua novella, que nem Barnes nem eu conheceriamos nunca...

Nesse momento regressou o medico. Olhou-me com certa preoccupação. Mas não era por sua rainha moribunda no taboleiro de xadrez.

— Está mal... — murmurou.

— Quem? A rainha? — perguntei, olhando o taboleiro.

— Não. O cego... E' o coração... Jamais tornará a ver a primavera nas verdes campinas de Inglaterra... Pobre senhor! Sabe que me perguntou elle, depois do segundo ataque cardiaco?

— Que foi, doutor?

— Si viajava alguma mulher no *Indian Prince*. Disse-lhe que, naturalmente, viajava a passageira solitaria de sempre, a instituição de bordo. Elle sorriu debilmente, e exclamou: "E' verdade, doutor. Quando fui pela primeira vez á America, tambem ia uma senhora, só, com uma filhinha de tres annos, juntar-se ao marido, que trabalhava na Argentina... Nunca mais a vi..." Bem. Disse que nesta viagem levavamos uma senhorita ingleza. "Eu sei que nunca chegarei á Inglaterra. Sou só no mundo. Antes de morrer, antes que me atirem ao mar, quero ter perto de mim um rosto de mulher, quero sentir sua mão sobre este velho coração, que breve vae rebentar..."

O doutor Barnes guardou, meditativo, as peças do xadrez.

Elle adormeceu. Dei-lhe um preparado de opio. Ha de despertar á meia noite. Rogarei, então, á senhorita Lily Sanderson que faça a caridade de visitar o moribundo.

Assim se fez. A viajante solitaria accedeu christãmente a isso. Deixámol-os a sós, o cego que morria e a passageira do *Indian Prince*. A Via Lactea fulgurava sobre o oceano.

O doutor Barnes e eu fumavamos em silencio, emquanto o branco navio corria fatigosamente pelo mar.

Eram mais de duas horas da manhã quando Lily sahiu da cabine do cego. Chorava copiosamente.

— E' verdade que elle está muito mal, doutor?

— Morrerá antes de chegar a Londres, senhorita Sanderson — respondeu o medico.

E foi então, nessa meia noite do Atlantico, que o romantico cirurgião e eu conhecemos a novella da passageira solitaria.

— Eu tinha tres annos. Fazia dois que meu pae se achava em Buenos Aires. Deixou-nos, a minha mãe e a mim, para ir procurar trabalho na America. Era neste mesmo vapor, ha exactamente vinte annos. Tambem viajava nelle esse senhor cego. Era, então, moço, e enxergava como qualquer um de nós. Por isso se apaixonou por minha mãe, que era muito bonita. Mas elle era um cavalheiro, e não o disse nunca emquanto eu, uma menina de tres annos, brincava perto delle, saltando-lhe nos joelhos, innocente e feliz, e alheia ao drama daquelle coração. Como chorei quando nos separámos daquelle homem, ao chegar a Buenos Aires! Elle estreitou-me apaixonadamente contra seu peito, e antes de se afastar para sempre, deixou em meus pequeninos braços uma caixa fechada contendo cem libras esterlinas em notas de banco. Sabia que iamos juntar-nos a meu pae pobre em terra estra-

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

A passageira solitaria

(*Conclusão*)

nha, e nos deu quanto tinha. Porque amava a minha mãe...

— E como o reconheceu? — perguntou o dr. Barnes, commovido.

Lily Sanderson enxugou suas lagrimas.

— Disse-me seu nome. Minha mãe nunca o esqueceu.

— E elle?...

— Lembrou-se da menina que brincava em seus joelhos e lhe jurava amor eterno sobre o mar, ha vinte annos. Confessou-me que não se casou nunca, porque nunca deixou de amar a minha mãe.

A viajante afastou-se lentamente. Empallideciam as constellações sobre o oceano. E ao amanhecer o cego deixou de existir.

* * *

Primaveras de Inglaterra.

Vestida de escuro, muito pallida, estranhamente triste, Lily Sanderson desembarcou no cáes de Tilbury depois de se despedir, chorando, de nós.

Os olhos azues do medico estavam lacrimosos.

— Que lhe pareceu a historia da ultima passageira do *Indian Prince*? — perguntou-me, em voz baixa.

Respondi-lhe que a achava bella e triste, como todas as historias do mar.

CAMPEÃO

DE HORMINO LYRA

O almirante Marques de Leão, primeiro ministro da Marinha da presidencia marechal Hermes, era homem culto, de educação aprimorada, typo fino, e physicamente um forte e espiritualmente um forte.

Curioso da athletica, ninguem poderia suppôr a força herculea, por elle possuida com os exercicios physicos feitos todos os dias. Quando jovem official, ninguem o vencia na queda de braço, na esgrima; praticava o *jiu-jitsu* e, por ser bom brasileiro, diz quem o sabe, ninguem lhe levava vantagem na capoeira. Hoje, os lutadores, os *sportsmen* chamar-lhe-iam campeão.

Bem morigerado, tolerante, cultivador e cultor da paciencia, da resignação, da honra e submissão digna; nisso não o excederia o *Job* biblico, tambem não lhe levariam a palma os monges mulsumanos nem os varões invulneraveis e veros apostolos do positivismo.

Ninguem conseguia brigar com elle; ninguem, porque evitava, por todos os meios e modos, se azedassem as discussões.

Uma vez, quando ainda era official subalterno, um collega seu quiz exasperal-o. Disse-lhe desaforos inqualificaveis, e Leão ouvia-os e aconselhava o insolente a retirar-se. Este, porém, confiante no caracter morigerado, no genio pacato do ignorado athleta, persistia na investida insolita.

De repente, perdeu a calma habitual, e com o index e o medio da dextra, nervosamente, bateu na cabeça do petulante; este virou duas cambalhotas e ficou sem sentidos.

Estupefacção dos presentes! Ninguem, absolutamente ninguem poderia suppôr que aquelle pacato official tivesse tanta força physica.

Indignação do tenente. Não podia comprehender como conseguiu afastar-se da norma traçada na vida, com o fim de nunca perder a calma. Poderia ter morto o outro... Oh! mas si fosse morto o companheiro, seria elle, Leão, o unico culpado, por ter abusado da propria força, pois só elle sabia quanto era forte.

E o athleta teve pavor de si! Antes nunca chegasse a Sansão! Que horror! Por um triz não fôra assassino!

*

Ainda quando official subalterno, na rua do Ouvidor caminhava o futuro ministro da Marinha a paisano.

(Paisano é natural da mesma terra, originario do país habitante, indigena; mas a nossa gente de guerra dá esse nome ao individuo que não enverga o uniforme militar).

Caminhava apressadamente Marques de Leão e déra encontrão em garbosa senhorinha, que se achava ao lado de um casquilho franzino e peticego.

No mesmo instante se voltou para a senhorinha, pediu-lhe desculpas. Entanto, o mancebo, affectado no alinho, desvanecido nos trajes, não se conformou com as escusas e quiz fazer-se de [illegible] *sette!* Empertigado, emperrado, uma pilha de nervos, começou a insultal-o com palavras; o tenente, porém, fazia ouvidos de mercador. Aquelle, julgando que este fosse pusillanime, adeantou-se e segurou-lhe na manga do casaco.

Si o outro lhe apertasse o pulso com a mão, o bigorrilha gritaria de dor e... quem sabe lá o que mais aconteceria...

Entrementes, em esforço sobrehumano, procurava o official mentalmente o meio de evitar o escandalo. Matutou, matutou e resolveu pôr em execução o que lhe veiu ao pensamento: palmeou a dextra atraz da orelha e chegou o ouvido perto do neurasthenico.

— E' surdo... coitado! rosnou a pilha de nervos. Não vale a pena dar no pobre diabo!

E acenou para que se fosse embora o singular campeão!

Incomparavel!

MARAVILHA CURATIVA HUMPHREYS

Remedio Incomparavel Para

Lesões, Feridas, Contusões, Queimaduras, Escaldadelas, Hemorrhoides, Dôr de Dentes, Nevralgia facial, Rheumatismo, Picadas de insectos, Ulceras, Queimaduras do sol, Resfriamentos na garganta.

Exija a Maravilha Curativa Humphreys.

Não se acceitem substitutos

Loção maravilhosa para uso depois de fazer a barba e como uma preparação geral do toucador.

Allivía instantaneamente todas as affecções da pelle, taes como erupções, espinhas e cravos.

GRATIS

O Manual de Humphreys é um livro muito util que trata sobre todas as molestias que podem ser cuidadas em casa indicando os remedios para as tratar. Teremos verdadeiro prazer em remetter gratuitamente este livro muito valioso.

Dirijam-se a

DIRIJAM-SE A SCHILLING, HILLIER & CIA., LTDA.
Caixa Postal, 564 — Rio de Janeiro

MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS

P - 1

BOM FEMINISMO

De ASTAROTH

POUCOS homens serão, como nós, apologistas do feminismo.

Apressamo-nos a dizer que não é do feminismo que anda por ahi a cortar cabellos "á l'homme", a vestir-se com roupas masculinizadas, a beber "whisky", a fumar cigarros.

Não. Somos apologistas do bom feminismo, d'aquelle que quer igualar o direito das mulheres ao dos homens.

No seculo em que estamos, seculo das maravilhas e do progresso vertiginoso, da sciencia e da intelligencia, não são, não pódem mais ser acceitas as velhas, as archaicas leis e praxes que faziam da mulher uma especie de animal domestico.

A meiga companheira da nossa viagem pelo mundo não póde mais consolar-se com a posição de dependencia em que viveram nossas mães.

O anseio de liberdade e de igualdade, a vontade de collaborar na obra de civilização e progresso, o desejo de se emancipar do jugo do "marido e senhor" são cousas muito justas, que dignificam muito a mulher.

Já lá se foram os tempos em que as coitadinhas passavam das mãos dos paes brutos, mal educados e prepotentes, para as mãos dos maridos autoritarios, despoticos e grosseirões.

Hoje, na maioria dos lares onde ha um homem culto, a dona da casa senta-se á cabeceira da mesa; os cartões de visitas do casal trazem o nome da senhora em primeiro lugar e em muitos lares os vencimentos do marido são entregues no dia primeiro do mez á esposa, ordinariamente mais financista do que elle.

Pouco a pouco, o homem vae erguendo a mulher até o seu nivel e, si o deixarem fazer, elle em breve acabará por eleval-a ainda mais e se tornará o escravo submisso della.

Arrancar, porém, "ex-abrupto", do homem, aquillo que elle concederá devagar, é um erro.

As feministas, para pisar um terreno mais sympathico, devem evitar tratar de certos assumptos, de um dos quaes ellas fazem questão fechada: a politica.

A mulher já tem abertas na sua frente todas as portas por onde os homens ingressam na vida publica; uma só, uma unica está fechada para ellas: a politica.

Justamente para ella, convergem os esforços das feministas!

Ellas, decididamente, se batem por uma cousa que milhares de homens abandonam: o direito de votar.

Os governos chegam a pensar em crear o voto obrigatorio para o fim de compellir os "fujões" a concorrerem ás urnas e isso é a maior prova de que o direito de vóto não é muito disputado pelos homens.

Será que as mulheres têm a veleidade de pensar que, entrando para a politica, farão com que esta se moralize? Será que ellas se julgam mais fórtes do que tantos homens que entram para a politica com um caracter illibado, com as mãos limpas e com a honra immaculada e que della saem salpicados de lama, de sangue e deshonrados?

Não julgo a mulher moderna capaz de semelhante estulticia.

A politica chama-as pela simples razão de ser vedada a ellas.

As cousas que não estão collocadas ao alcance da nossa mão são as mais desejadas.

A mulher, uma vez obtendo o direito de votar, verificará que se bateu em prol de uma causa que

(Continúa na pag. 24)

Um acontecimento

Um dos grupos tirados por occasião da benção, achando-se presentes ao acto pessoas intimas da firma proprietaria.

SÃO taes os surtos de progresso commercial da nossa capital, que motivam louvores o esforço, intelligencia e operosidade daquelles que o sabem dirigir.

Referimo-nos ás novas installações d'"A Luneta de Ouro", de Casas, Rocha & Cia., á rua do Ouvidor 141, inaugurada a 28 do mez findo, cuja benção foi celebrada pelo rev. monsenhor Egidio Lari, d. d. secretario do exmo. revmo. sr. Nuncio Apostolico, com numerosa e selecta assistencia, representada pela nossa elite social, alto commercio e imprensa.

A referida firma compõe-se dos conceituados commerciantes desta praça, srs. Luiz Alves Casas e Antonio Dias da Rocha, discipulos do laborioso fundador da casa, sr. Aurelio Monteiro, e que, depois de varias direcções, vêm

MARCA REGISTRADA

procurando conservar as gloriosas tradições de 25 annos, desenvolvendo amplamente suas secções de officinas de imagens, paramentos, pinturas e concerto de imagens, bem como seus stocks de harmonios, livros religiosos, optica, binoculos e objectos finos para presentes, etc., etc., tornando-se um estabelecimento digno da nossa cidade.

Sempre honrada e preferida do revmo. clero, que jamais declinou suas sympathias, correspondendo á incansavel dedicação, cavalheirismo e esforço de seus actuaes proprietarios, credores dos melhores applausos, "*A Luneta de Ouro*" terá um futuro compensador.

Fazemos sinceros votos pela sua prosperidade, assim como pela felicidade pessoal de cada um dos socios da firma.

Damos uma objectiva do acto inaugural.

SOBRE A MULHER

De P. J. STAHL

A senhora V... é uma mulher encantadora, muito honesta, muito bôa, muito respeitada e amada por suas bellissimas qualidades. Quer saber de que se orgulha ella? De seu pé.

—De certo, seu pé é uma maravilha.

—Não. Mas é necessario que o orgulho de uma mulher encontre sempre onde se fixar.

* * *

A affeição é um intermedio entre o amor e a sympathia. E o que resta do amor: algo mais do que a amizade e algo menos que o sentimento. Uma mulher dedica affeição a um homem a quem não ama, porém que ainda lhe agrada.

* * *

O coração não tem rugas — disse madame de Sevigné. Tanto peor! Si as tivesse, não teria coragem de commetter loucuras a certa idade.

* * *

Agradavel é aquella mulher que, não sendo joven, nem bonita, nem espiritual, póde passar.

* * *

A amizade de uma mulher a um homem é frequentemente o amor que só se mostra de perfil.

* * *

Quando uma mulher feriu o coração de um homem, abandonando-o depois sem intentar acção de divorcio, diz-se que *se separaram amigavelmente...*

* * *

A mulher assidua me recorda os premios de applicação que, nas escolas, se concedem, geralmente, ao alumno menos intelligente.

* * *

Conheci uma mulher que havia aprendido a chorar deante do espelho: "Outr'ora — dizia ella — quando eu chorava, me desfigurava por completo; hoje, chóro como um anjo."

* * *

As mulheres respeitam a autoridade, amando-a loucamente. O homem que não domina uma mulher, nunca é amado por ella.

* * *

A senhora V... deu uma quéda de seu cavallo, deante de numeroso publico. "Ao menos terei cahido bem?" — perguntou, pondo-se de pé immediatamente: "Sim" — responderam os espectadores "Não" — contestou o marido.

* * *

Só outra mulher póde curar as feridas causadas ao homem por uma mulher. De onde se deduz que o remedio é peor do que a enfermidade.

* * *

Muito justa é a celebridade que glorifica a ilha de Itaca: nella viveu uma mulher fiel.

* * *

A mulher é o objecto de culto da mulher.

Acreditem

Assim como a flor carece
Dos bellos raios do sól,
Não prescinde a nossa cutis
Do "Sabonete Eucalol".

Quem existe mais forte do que uma débil mulher?

* * *

O unico milagre que ainda se verifica em nossos dias é o da encantadora Circe, que transformava os homens em animaes.

* * *

O despeito de uma mulher é a manifestação mais inoffensiva e breve de sua ira. Mas a ninguem aconselho que o affronte.

* * *

Uma mulher deseja tudo, até o que não vê. Não ha mulheres distrahidas.

* * *

Uma campanha é bastante para transformar uma ingenua em um general esperto.

* * *

Admiramos a mulher fiel. Mas existem mulheres modestas que não gostam de ser admiradas.

* * *

Uma mulher fria é uma casa cuja escada foi esquecida pelo architecto, uma lampada sem azeite, um pharol sem luz, um lar sem fogo.

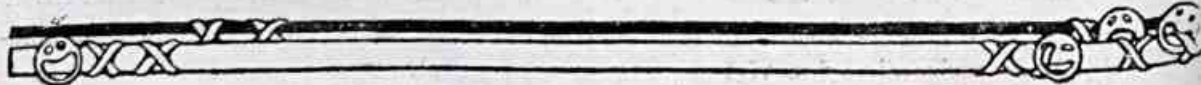
* * *

As mulheres tudo perdôam e tudo justificam, excepto a indifferença.

* * *

Uma ingenua é uma planta de linda flôr e insipido fructo.

* * *

A religião das mulheres se assemelha á dos marinheiros: invocam a Deus quando tudo se perdeu.

BOM FEMINISMO *(conclusão)*

nada lhes servirá. Galgar os altos postos da politica, ser votada, ir para o Congresso, para a Presidencia das Republicas...

Mas é preciso que as caras feministas reparem, olhem, analysem friamente o que é a ascensão a um simples lugar de intendente municipal.

Acreditamos que as mais ardorosas feministas sejam capazes de tudo, mas lhes fazemos a justiça de julgal-as incapazes de cabalar uma eleição em promiscuidade com os elementos que são indispensaveis em um pleito.

Será possivel que haja senhoras capazes de ir procurar o "Moleque Pé de Pato", o "Chico da Bahiana", o "Bola de Pedra" e outros degenerados e facinoras para seus "cabos" eleitoraes? Será possivel que dentro de um coração feminino se engendrem as tramas, as conspirações, os assassinatos, as perfidias, os conchavos vergonhosos, as traições e as mil acções menos dignas a que são impellidos, ás vezes, homens de "élite", homens de sciencia, magistrados e sabios?

Mas, minhas senhoras, não ha talvez voragem, abysmo peor do que a politica!

Della nascem as guerras, as luctas fratricidas que tantas lagrimas fazem correr dos vossos olhos piedosos.

Pugnae por todos os direitos que vos são ou que vos forem negados, procurae hombrear com o homem na sciencia, nas artes, na magistratura, na burocracia, no engrandecimento da Patria, em tudo, em fim, onde o vosso talento e o vosso coração possam produzir.

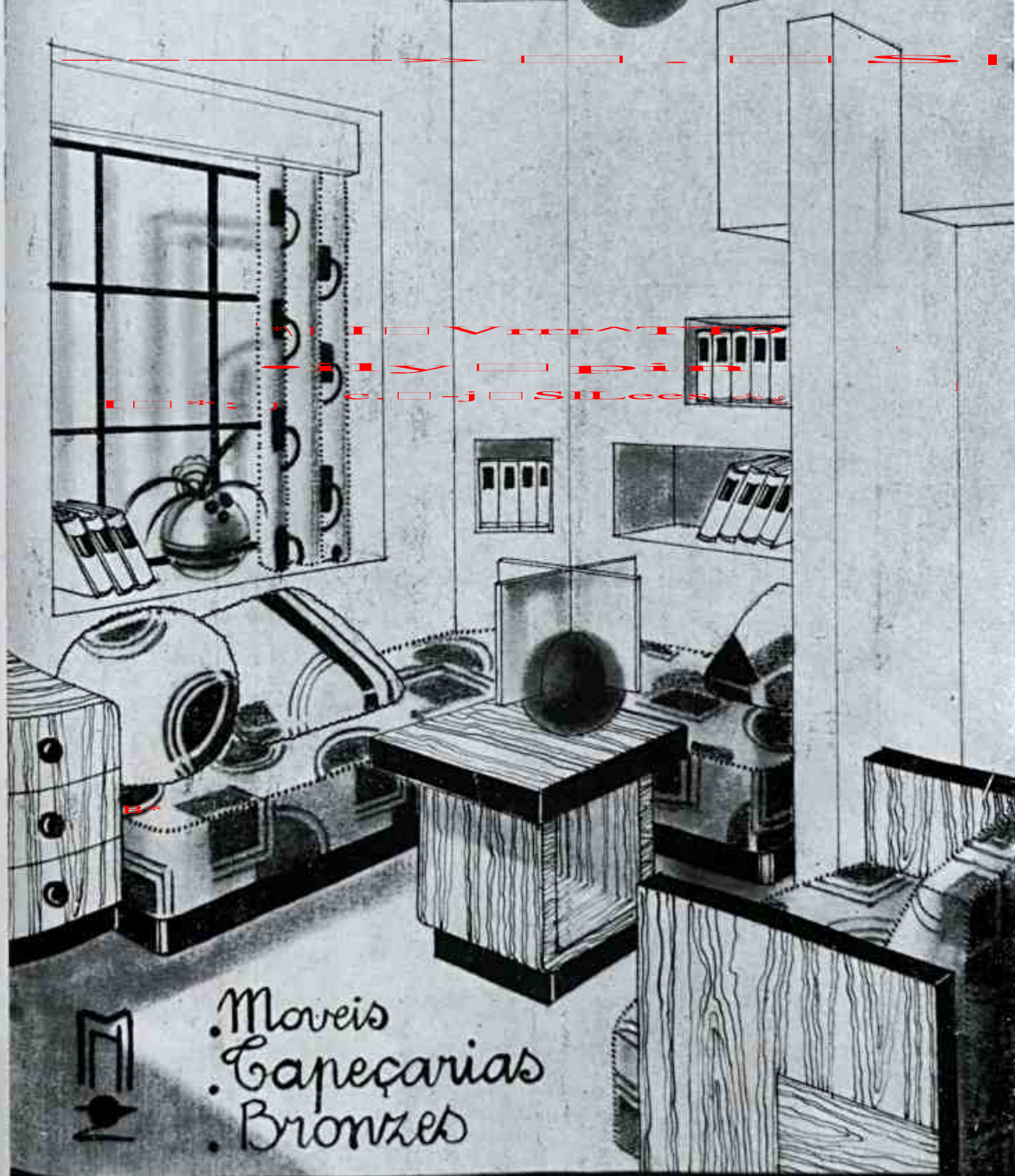
Deixae ao homem a politica e a carreira das armas.

Essas são privativas do nosso sexo e nellas qualquer mulher, por mais virago que seja, se sentirá "deplacée".

Demais, a mulher não poderá, embora o queira, deixar de ser o anjo do lar.

Trabalhando nos mil mistéres em que poderá occupar a sua intelligencia, ao entrar no lar, a mulher será a Esposa, a Mãe, a Mulher; com a politica, não.

Para ser patriota, para ser util ao seu paiz, para cumprir o seu destino na terra, a mulher não precisará ingressar na politica; bastará que seja Mãe, que seja educadora e que lance no coração dos seus filhos as sementes da Bondade, da Honra, do Patriotismo, da Honestidade, e que cerque cuidadosamente a formação do caracter desses filhos para que elles possam ser por sua vez uteis ao seu paiz.

Os grandes paizes, as Patrias respeitadas e felizes não serão aquellas onde as mulheres votem e sim aquellas onde os homens colloquem a Honra e o Caracter acima do estomago.

Leandro
MARTINS e C.ia
decoradores
.Moveis
.Tapeçarias
.Bronzes

30-7=?
Faça a conta!
São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.
Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.
Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.
KOHOUT.
A SAUDE DA MULHER
Joaquim Raganni
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

NUMERO 20

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro 17 de Maio de 1930

O poder emotivo e hygienico da lagrima

A lagrima teve sempre, em todos os tempos, a poderosa funcção de commover. Inventada pela mulher, para acompanhal-a na vida, como um lenitivo e um consolo, nem sempre, entretanto, a lagrima exerceu esse doce mister de enfermeira do coração. Ella ha sido utilizada tambem como arma da maldade feminina contra os homens que não se deixam vencer pelas ameaças e pelos encantos de uma linda mulher...

Chorar é, portanto, uma arte. Uma arte delicada, subtil e profundamente, femininamente humana.

Ha lagrimas de pesar e de dor, como ha lagrimas de despeito e de inveja, de ciume e de odio, de saudade e de angustia e até de prazer. Mas só nos olhos da mulher. Só esta é que sabe e tem o direito de chorar. O homem, quando chóra, parece rir de si proprio e dos outros. Porque o pranto nos olhos do homem é uma ironia lacrimosa...

Nos olhos da mulher é, porém, sempre magoado, sempre dolorosamente triste. Por isso mesmo é que commove. Por isso mesmo é que vence a nossa rebeldia instinctiva, o nosso amargo scepticismo, a nossa melancolica aspereza de homem. Eu me interesso por bem poucas mulheres que riem. Mas todas as mulheres que choram me conquistam. Porque, fingidas ou sinceras, todas, chorando, têm a doçura e a humildade de Nossa Senhora. E ninguem é capaz de perceber quando é falso o pranto nos olhos da mulher. Ninguem é capaz de saber si essas lagrimas

pertencem, superficialmente, por olhos, ou si vêem, profundamente, da alma.

Muitas mulheres feias se tornam bonitas quando seus olhos se veiam pela garôa prateada das lagrimas. As formosas, então, vestem de ternura a sua belleza si o pranto lhes ensombrece a claridade da retina.

E' por isso que as mulheres choram. E' por isso que ellas enchem o mundo de lagrimas. Por isso e tambem porque sabem que poucos homens pódem resistir ao pranto da mulher.

Imaginem agora si ellas, as mulheres, as Evas chorosas de todos os seculos e todos os paizes, soubessem da recente e ainda não divulgada descoberta de um chimico allemão: as lagrimas contêm um producto chamado *lisonima*, que tem a virtude de matar toda especie de microbios. Nesse sentido foram feitas experiencias de resultados positivos.

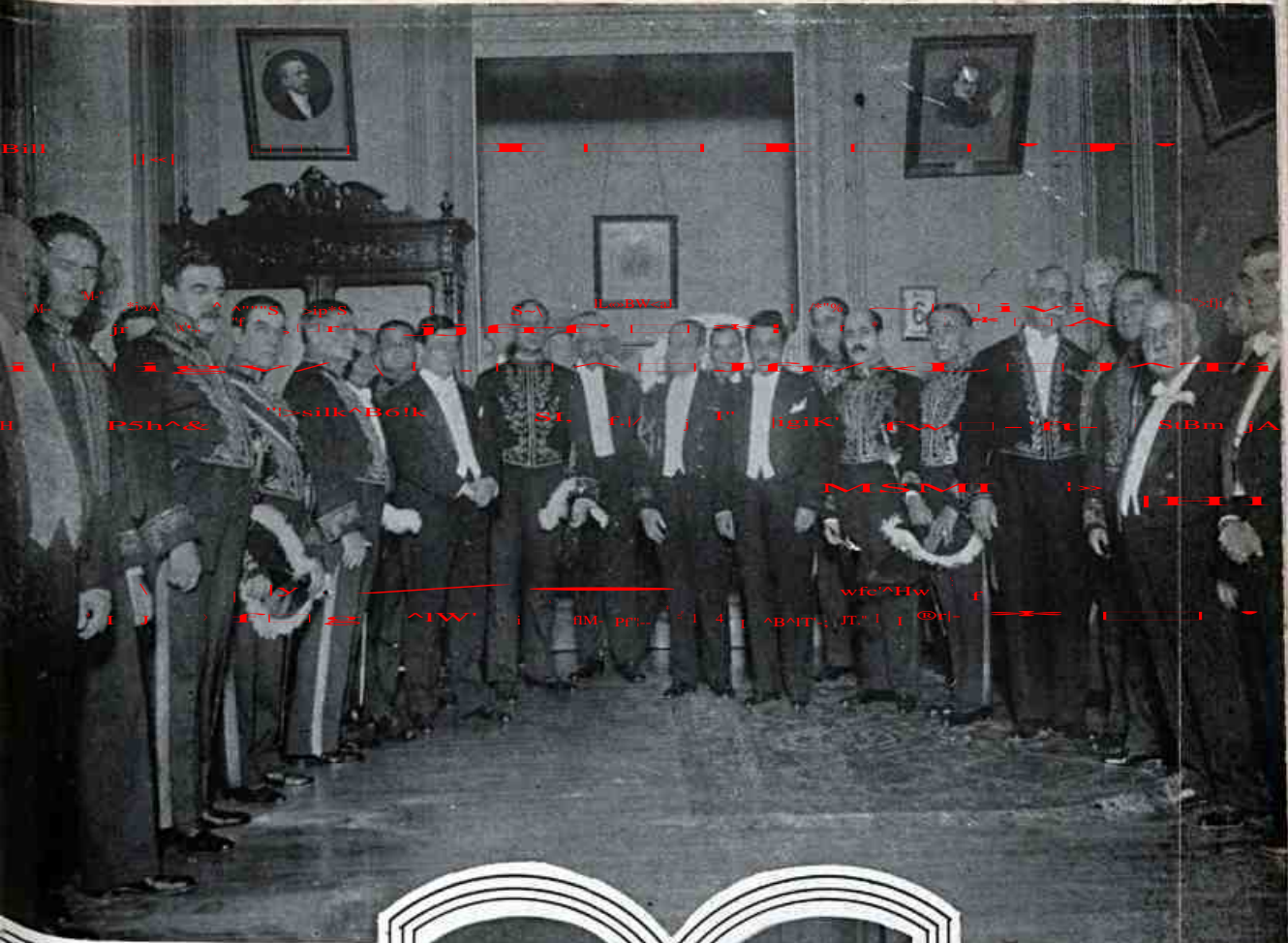
De maneira que as mulheres têm, nas suas lagrimas, não só a arte de commover os homens, mas tambem a de matar os microbios, desinfectando os olhos e limpando-os de todas as impurezas materiaes.

Faço esta revelação em beneficio da hygiene dos olhos femininos e em beneficio da minha propria alma desolada e emotiva, que só se sente bem deante da melancolia e do pranto.

E aconselho ás mulheres a que chorem sempre, chorem muito, chorem infinitamente. Chorem até mesmo, e sobretudo, quando tenham vontade de rir...

MARTINS CAPISTRANO

A Academia Nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia e a Sociedade de Gynecologia e Obstetrícia realizaram quinta-feira penultima, uma sessão conjuncta para homenagear o seu eminente membro, professor Fernando Magalhães, por motivo do seu regresso da Europa.

Miss Frances Grant, representante do «Roerich Museum», de Nova York, actualmente nesta capital, inaugurou, quinta-feira penultima, na séde da embaixada dos Estados Unidos, sob o patrocinio do embaixador Edwin Morgan, uma exposição de telas do grande pintor russo Nicolas Roerich, a qual tem despertado vivo interesse em nosso meio artistico.

Teve um alto cunho de elegancia e espiritualidade a posse do sr. Affonso Taunay, na Academia Brasileira de Letras, na cadeira que pertenceu ao poeta Luis Murat, e que tem o numero 1. O novo academico foi recebido pelo sr. Roquette Pinto. A essa recepção compareceu o que o Rio possue de mais significativo no mundo das letras e em nossos circulos sociaes.

NOTA ELEGANTE

O casal Amarilio de Noronha, que a 14 do corrente completou mais um anniversario matrimonial, festejou dois dias antes essa data auspiciosa, reunindo no palacete de sua residencia, á rua Professor Gabizo, os seus amigos mais intimos, para offerecer-lhes uma taça de champagne, uma lauta mesa de doces e... um salão magnifico para se dançar.

A noite de segunda-feira, estava um pouco quente, mas ninguem, vendo o salão espelhante sob a

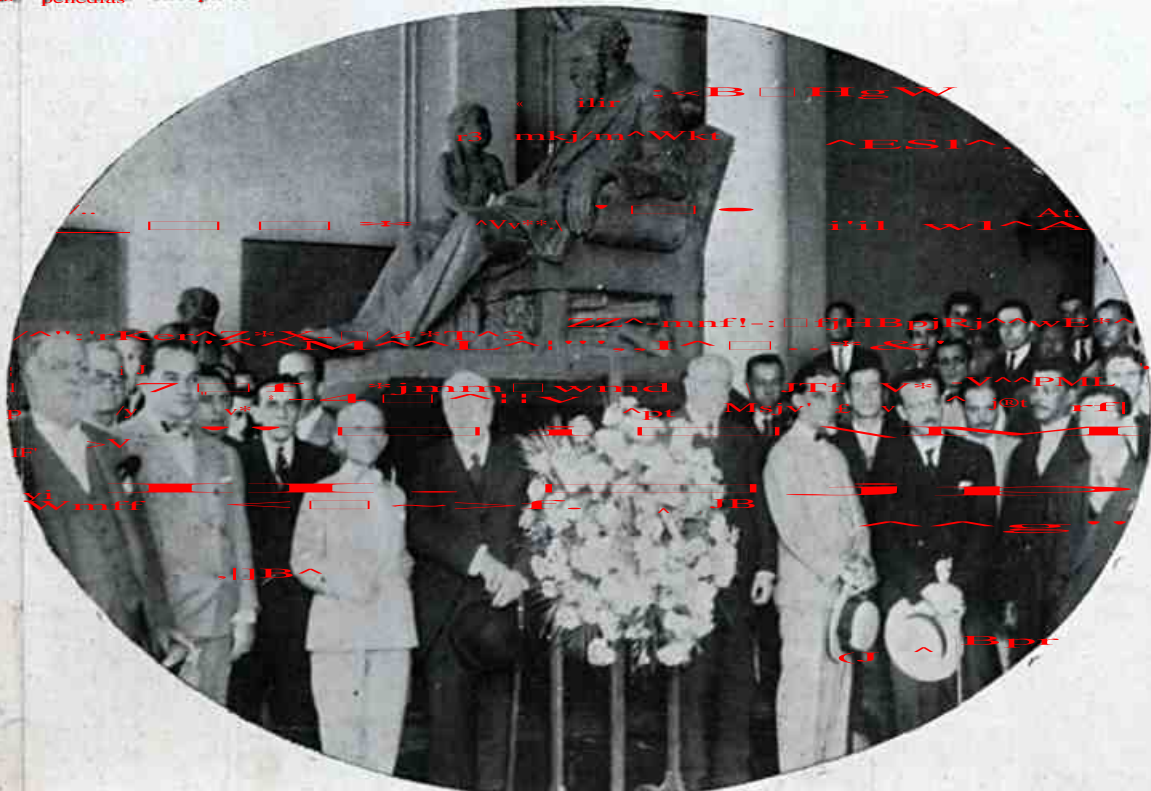
luz que o inundava e ouvindo a sonoridade de uma radiola que valia pela melhor orchestra, ligou ao calor, e dahi as horas deliciosas decorridas no ambiente fidalgo da residencia Amarilio de Noronha. Foi uma festa linda e rutilante. Pouco apparato e muita alegria. Uma alegria differente dessa alegria convencional e cerimoniosa que a gente vê, mas não sente, nas festas onde não brilha o sorriso da simplicidade...

No Theatro Casino, a Associação dos Artistas Brasileiros e um grupo de amigos do poeta Moacyr de Almeida realizaram uma tocante homenagem á sua memória, falando diversos oradores sobre a personalidade e a obra do poeta. E' um flagrante dessa solennidade que a gravura acima nos offerece.

FILIGRANAS

A noite é limpida, estrellada e envolta num silencio cheio de mysterio. A lua boia no espaço, esverdeada. E o vulto das penedias ensopa-se na sua luz, numa immobilidade espectral.

Só, inteiramente só, na grande noite silenciosa, converso commigo mesmo. E essa conversa é uma tortura. Porque eu recordo, vivo os dias que passaram, os felizes e os infelizes. Soffro por esses, vivendo-os outra vez no pensamento. Soffro por aquelles, apunhalado de saudades.

Ao longe, um toque de clarim vibra agudamente no pateo duma fortaleza e quebra a magia da minha solidão...

O Centro Carioca promoveu, no dia 8 do corrente, um culto civico á memória do architecto e educador brasileiro Bethencourt da Silva, mandando uma commissão de directores visitar e florir a estatua do fundador do Lyceu de Artes e Officios existente no saguão daquelle estabelecimento.

Enquanto o dia nasce...

Pela ogiva, que é antes um postigo,
e mal te emmoldurára
o fragil busto, a esplendida cabeça,
vejo na curva azul da Guanabara,
como num quadro antigo,
um retalho de céo, uma amostra de mar,
e, ao dilúculo, a sombra ainda espessa
dos morros e da matta, e no dedo annular
de uma torre de egreja, o halo indeciso
do novilunio, como a se ensaiar
para que a luz augmente e a lúa cresça
e de alto a baixo desça
e, do alicerce ao viso,
toda a torre se possa illuminar...

Tudo isso, pela ogiva pequenina,
através da distancia e através da neblina...

E através desta lagrima, através
desta gota que veio e não contive,
vejo-te núa, da cabeça aos pés,
isto é, vejo através da tua imagem,
que é o meu lei-motiv
de arte, aos meus olhos de imaginação,
vejo através de tua imagem
na lagrima que veio e não contive,
a intimidade do meu coração...
Ah! coração tão nobre e tão selvagem,
todo de ingenuidade e natureza,
pagando, por um nada de ventura
e um ephemero instante de belleza,
uma vida — e que vida integra e pura!
um amor — e que amor de perfeição!

HERMES FONTES

JARDIM ABERTO

D. Jayme

UM GRITO DE BRASILIDADE

O anno passado, o presidente Adolfo Konder realizou uma excursão ás fronteiras de Santa Catharina com as Missões argentinas, que, valeu por uma bella lição de brasilidade. Entre aquelles que o acompanharam nessa bandeira official, figurava o escriptor Othon d'Eça. Suas notas de viagem, tomadas pelo caminho ao sabor dos pousos e bivaques, no paneiro das embarcações fluviaes ou na lua da sella das mulas pachorrentas, reunidas em volume sob o titulo *Aos hespanhoes confinantes*, fôram editadas recentemente.

Um formoso livro pela clareza do dizer e a originalidade dos commentarios sobrios, leves, incisivos. Todo de esbocetos, ás vezes primorosos. Duas, tres pinceladas dão as paisagens e as criaturas perfeitas, vivendo, bolindo. É uma nota de bom humor, de alegria, alviçareira, sempre. De quando a quando, uma lenda local, um trapinho de folklore acenando como um galhardete, uma observação sagaz ou um traço de epicurismo natural e moço. E, exercendo absoluto dominio, o mais absoluto dominio: "como um palio aberto, a exaltação enternecida da terra brasileira, o amor pelo Brasil."

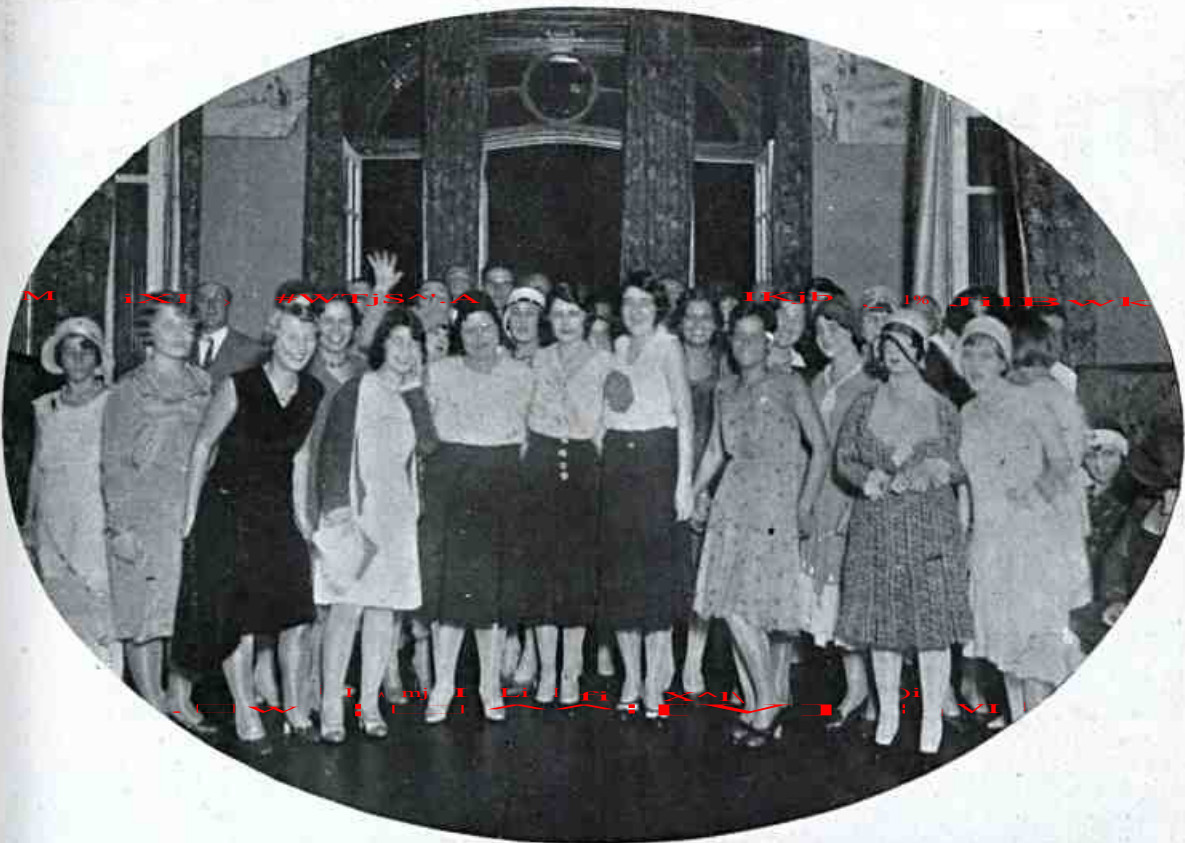
Varadas as montanhas portentosas, transpostas as selvas intrincadas, vencidos os rios encachoados, o presidente catharinense e seu pequeno sequito chegaram á fronteira do Brasil com a Argentina, no fundo de sacco missioneiro. A zona dos hespanhóes confinantes, segundo o proprio letreiro do livro. Ali ha uma povoação do mesmo feitio que Sant'-Ana e Rivera no Rio Grande do Sul. "Barracão e Barracon — descreve o chronista — são uma só e unica povoação cortada por um fiapo de agua abandonado..." E eis aqui o quadro triste: no lado argentino, ordem, organização, escola, autoridades vindas de Buenos Aires, escolhidas a dedo e bem pagas no seu desterro, nunca pessôas do logar; escriptorios de vendas de immoveis situados no lado brasileiro, certificado de nascimento de crianças nascidas no Brasil, brasileiros sorteados para o serviço militar no exercito argentino, meninos brasileiros pasmados para a bandeira da patria que não conheciam! Tudo por que? E Othon d'Eça responde: "Pelo abandono, pelo impatriotico desdem, pelo anachronico sectarismo que fazia os nossos homens publicos, até ha pouco, se bobarem deante da bojuda Humanidade, dando de hombros ao Brasil."

Naquelles confins ignorados de nossa terra, o escriptor itinerante avistou crianças saindo de uma escola. Eram quasi todas brasileiras, moravam do lado de cá e frequentavam as aulas do lado de lá. Por que? Porque do lado de cá não havia escolas. Elle entrou naquella e assistiu a uma lição. O mestre indagou dos alumnos quaes os grandes vultos da historia patria. A maioria de brasileirinhos respondeu juntamente com a minoria de argentininhos: — San Martin, Sarmiento, Rivadavia, Mitre... Qual a mais bella e gloriosa bandeira? Idem: — A argentina... Uma victoria do exercito nacional: — Ituzaingó...

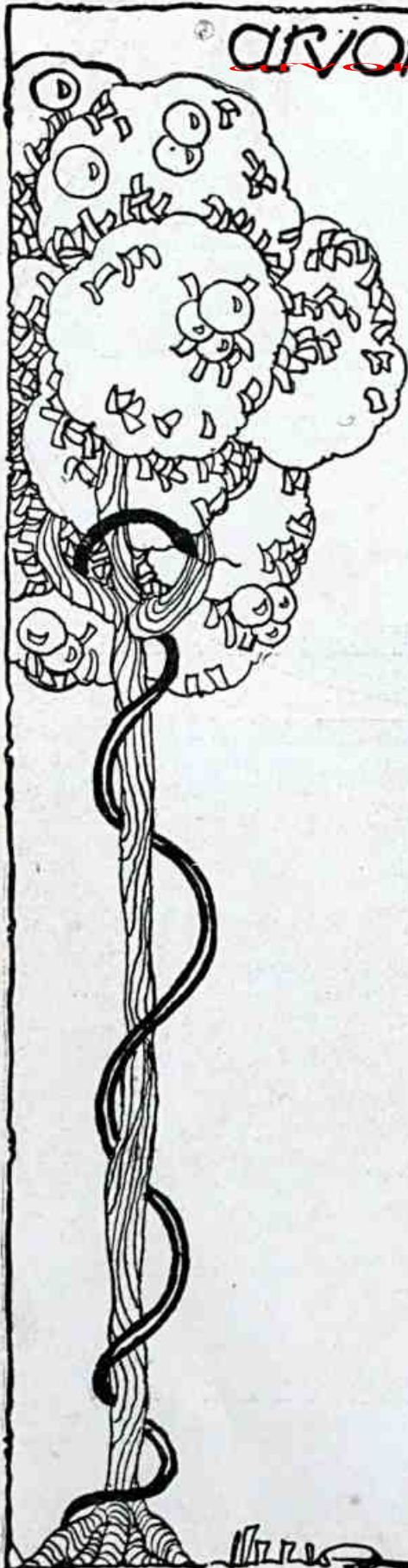
Felizmente, o presidente Konder viu isso e estou certo que isso lhe doeu. Estadista moço e cheio de brasilidade, emprehendeu essa remota excursão bandeirante para se informar do que se passava e já providenciou para o abrasileiramento da região fronteiriça, creando em primeiro logar a escola brasileira.

O servicio de la frontera entre os nossos vizinhos é coisa seria

O NOVO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

Barbosa Lima Sobrinho, que é um dos mais formosos espiritos da moderna geração de intellectuaes, não necessita de apresentação. Jornalista de meritos inconfundiveis, prosador elegante, «causeur» fino e malicioso, é uma intelligencia fidalga e seductora. Militando na imprensa carioca, o nosso illustre collega soube dominar o meio, enfrentando competições e vencendo os seus concorrentes. E é assim que acaba de ser eleito, pela segunda vez, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, cargo esse em que fica «the right man in the right place» e representa mais uma victoria para os verdadeiros plumitivos. Barbosa Lima Sobrinho é um dos directores do «Jornal do Brasil».

e, por meio delle, os argentinos, que tão alto apregoam o nosso imperialismo absorvente, submettem, absorvem as populações brasileiras da zona fronteiriça e, si não lhes impõem o hespanhol, forçam-nos, de resto, á dependencia humilhante do asylo, da protecção legal — até aqui um farrapo vil de neblina na banda brasileira.»

O livro do escriptor catharinense é um grito de brasilidade. O governo devia ouvil-o, meditar sobre elle e, acabando de vez com o inutil serviço de catechese official dos silvicolas, ninho de pepineiras para militares positivistas e positivoides, crear o serviço de fronteiras, não de inspecções espectaculosas feitas por generaes atacados de caudilhismo telegraphico, mas de organização permanente e vigilancia continua pela escola, pela protecção legal, pelo conforto possivel, de maneira a não permittir a absorpção de brasileiros pelos hespanhóes confinantes. E' um grande e urgente problema a resolver.

Animada e cheia de brilho mundano foi a festa que o Praia Club offereceu, segunda-feira á noite, á sociedade de Copacabana. Os salões do palacio da avenida Atlantica movimentaram-se galantemente ao contacto das mais lindas silhuetas femininas.

Mon ame en pleurs s'est souvenue... escreveu Theophile Gautier.

A minha alma tambem assim vive recordando os dias bons e gloriosos que se fôram, os dias de alegria, os dias de prazer, os dias de amor...

E' toda uma procissão de lembranças que desfila, ás vezes lenta, ás vezes rapida. E a distancia do tempo a tudo dá um encanto tão grande, mesmo na penumbra da tristeza, que a minha alma, muda, solitaria, se perde embevecida nessa recordação.

Toda ella floresce de saudades. Toda ella se orvalha de pranto. E, quando volto a mim dessa contemplação do passado, sou como um homem que tornasse duma longa viagem.

Ao longe, na bruma crepuscular dos dias idos e vividos, refiz os passeios encantadores, os encontros deliciosos, o demorado prazer das conversas harmoniosas e o mergulho dos olhos embevecidos em outros olhos embevecidos. E, como a agua duma fonte que corre e chora, ri e canta, pela minha memoria correram, choraram, cantaram e riram as lembranças saudosas.

Tão depressa a mão cinzenta e magra do tempo tangeu para longe os momentos felizes! Tão depressa se apagaram no horizonte da vida as horas de amor! E de tudo ficou lá dentro dalma essa agua corrente, que soluça e borbulha, que geme e que vae passando...

Minha alma, chorando como a do poeta, revê todo esse passado, tão breve e tão longo ao mesmo tempo; ao mesmo tempo tão perto ainda e tão distante...

Olhos fechados, vejo, milagrosamente vejo as scenas e as figuras, sinto a doçura das caricias e ouço as vozes suaves. Olhos fechados, vejo tudo melhor do que quando os tinha abertos. A vida dentro de nós é bem mais intensa, bem maior do que dentro de nós...

Mon ame en pleurs s'est souvenue
de l'avril, oú guettant au bois
la violette á sa venue,
sous l'herbe nous mêlions nos doigts...

A descoberta do tumulo de uma Vestal, feita ultimamente, em Roma, fez minha alma dar um mergulho no bojo immenso do passado.

Por que?

Sei eu porque!

Aliás, falar em vestaes nos dias que correm, é reviver toda uma tradição de castidade que já não é deste mundo.

* * *

A sacerdotisa de Vesta, cujo tumulo foi, agora, encontrado, morreu velhinha, e velhinha, de cabellos brancos e alma tambem branca, é que a evoco, tantos seculos depois, e a vejo, serena e pura, a alimentar o fogo sagrado da deusa a que servia, e a que fizera o voto de sua castidade.

* * *

Recrutadas entre as melhores familias de Roma, as Vestaes iniciavam-se no seu sacerdocio entre a edade de seis e dez annos e a elle deveriam consagrar-se no minimo por um prazo de trinta annos, conservando-se sempre rigorosamente castas.

Não se isolavam, porém, de todo, do mundo, do convivio social, como fazem as nossas freiras, que são as Vestaes que servem a Deus na paz e no isolamento dos claustros. Recebiam suas visitas, davam seus jantares, assistiam aos jogos...

Aquella, porém, que quebrasse seu voto de castidade que deixasse extinguir-se o fogo confiado á sua guarda, era enterrada viva no Campus sceleratus.

* * *

Penso em ti, que eras a branca e casta Vestal da minha adoração: uma Vestal maquillée, de labios carminados, e grandes olhos negros sombreados de bistre.

O deputado Deodoro de Mendonça é uma das figuras mais illustres do parlamento brasileiro. Representante do Pará na Camara Federal, ali tem sabido honrar o mandato que lhe foi confiado pelo povo de seu Estado, impondo-se, ainda, pela sua intelligencia, cultura e fidalguia de trato, á admiração dos seus collegas. Reeleito, agora, o deputado Deodoro de Mendonça recebeu, por esse motivo, carinhosa homenagem dos seus amigos e admiradores, os quaes lhe offereceram um jantar, que foi uma festa de sincera e expressiva cordialidade. Em nome dos manifestantes, o escriptor Oswaldo Orico fez o discurso de saudação a Deodoro de Mendonça, que agradeceu em vibrante e commovida oração.

E não sei que fazer comtigo, que deixaste extinguir-se o fogo sagrado do nosso amor. Não sei se te deva perdoar ou "enterrar viva" no Campus sceleratus da minha saudade, feita de tristeza e de revolta.

* * *

Não. Sinto que devo perdoar-te, porque as Vestaes de hoje são sempre assim, como tu: fazem votos... a prestações.

MAX LINDER

Faianças

A imagem da morte

Uma creatura que se assigna espiritualmente *Chiméra*, me envia, numa carta azul como a tristeza, esta palavra enthusiastica: ... "Sim, meu caro Yves, saiba viver a sua vida pelo amor que exalta a vida e que é a propria vida!"

Não sei quem é o autor (ou a autora?) dessa phrase vivida e coruscante. Será um Adão? Será uma Eva? Pouco importa! O que importa é a suggestão que ella me offerece. A suggestão de um paradoxo.

Não que os paradoxos me tentem. Mas porque são uma fórma original da verdade dita pelo avesso.

Assim, respondo eu ao signatario (ou signataria) da phrase, com este paradoxo...

Mas não! Não é paradoxo. E', antes, um modo de dizer uma coisa que alguem acharia absurda.

Vejamol-a. O amor não exalta a vida — mas a belleza da morte.

Só elle é capaz de nos dar a sensação da morte artificial, dentro da exuberancia da vida.

Um exemplo? Um beijo de amor é o caminho que levava a essa morte apparente.

Imaginemos o quadro. E' a hora suave do crepusculo... Ou como diria o poeta:

Dans le coin silencieux
naît la fleur crépusculaire...

Nessa hora de meias tintas, duas sombras caminham, lado a lado, pela silenciosa alameda do parque taciturno.

Estatuas brancas de marmore, objectivando lindos motivos estheticos, em attitudes plasticas e lascivas. Rosas. (Ponho rosas aqui, porque eu as adoro)... Arvores de copa verde e espessa. Acacias. A areia dourada chiando sob os pés. Um rumor de brisa, agitando a folhagem. O luar de fevereiro. (Não; em fevereiro o calor é muito intenso. Ponhamos o luar de junho, que é frio.) O luar de junho, como uma perola triste, rolando na cinza escura das brumas.

Agora, as duas sombras se fundem. Beijam-se. Não é preciso dizer qual é a de Eva e a de Adão.

O que é importante é notar o que se passa entre ellas.

Primeiro, o rythmo do coração se acceléra. Bate desordenado. Depois, ha uma nuvem densa que lhes vela o olhar abstracto. A respiração se lhes torna difficil. Uma sensação de angustia os domina de todo. Dir-se-ia que estão sob um estado de electrificação. Um sabor acido lhes contrae a mucosa buccal. Tonteira. Obumbramento da consciencia. Angustia cada vez mais afflictiva, numa sensação indefinivel de prazer e de dôr. Soluços que se perdem na garganta. A vertigem que annulla as forças e faz perder os sentidos. Catalepsia absoluta.

. . . .

Que é o amor, afinal, senão a presença da morte, sob uma fórma passageira, dentro da exuberancia da vida?

Não! *Chiméra* (homem ou mulher, elle ou ella, Adão ou Eva,) não definiu com propriedade o amor: — o amor que é a propria vida!

Diria melhor: o amor que é a imagem da morte.

A melancolia é o apanagio das almas contemplativas...

Um homem vulgar

— Meu amigo. E' inutil. Não finja.

— Mas eu não finjo, Margarida.

— Finge, sim. Pois a gente não vê logo que você não é esse homem que se apresenta no que escreve?

Sorri. Não disse nada. Ella insistiu:

— Pois não se vê logo... E olhe: não sou eu só quem o diz...

Abri os olhos num espanto silencioso.

— Juro! — assegurou ella.

E contou:

— Certa vez, estava eu numa roda de amiguinhas, num jardim lindo, cheio de rosas brancas (eu adoro as rosas) e fluctuando na doçura triste da luz lunar...

— Muito bem. Gostei da tirada...

— Não brinque. Não seja irreverente.

— Desculpe. Conte o resto. Vamos lá!

— O luar era tristo. Alguem disse que se recordara de você: "— Porque"? — indaguei. — "Porque elle é triste como esse luar... Quando passa pela rua, deixa um rastro de melancolia atraz de si..." Era uma das minhas amigas que falava.

— E depois?

— Depois... Depois, todas disseram o que penso de você.

— Ora!

— Ora, não! Você não é esse homem de espirito ferino que pretende ser aos olhos de toda gente...

— Eu nada pretendo. São as minhas leitoras que me julgam deste modo.

— Não! — repisou. Você não é o que parece ser...

— E que sou, então?

— Um melancolico... Um homem triste... Um sentimental!...

— Basta! Basta! — atalhei, rindo com estrépito. — Vocês, mulheres, quando se mettem a fazer psychologia, acertam sempre, porque erram demais. Ai de nós si acertassem de facto!

— Diga o que disser, você é um homem que finge uma personalidade que não possúe, e esconde aquella que é a sua. Talvez por pudor de parecer deslocado do seu tempo... Talvez por uma attitude literaria... Talvez porque deseje passar por um *blagueur*, um *blasé*, um desencantado. E' elegante ser assim... A gente adquire um prestigio que decorre do facto de ser mysterioso, enigmatico, indefinivel, "autrement que les autres..."

Limitei-me a sorrir. Ella continuou o seu commentario:

— Você é um homem irremediavelmente lyrico... com ares displicentes... Mas não é o sarcasta que deseja ser...

Houve um silencio. Pergunte-lhe si ainda tinha alguma coisa a accrescentar. Disse que não.

Tomei a palavra e escandalizei-a com esta revelação:

— Sabe o que sou? Apenas um homem vulgarissimo: um burguez.

O sorriso é das almas jovens e sadias.

Gente chic

Os senhores já assistiram a um casamento de gente chic? Falo de gente chic. Porque o da gente pobre é uma ceremonia que não interessa. E' uma coisa vulgar e sem graça.

Um dia chega um grupo de meia duzia de pessôas mal amanhadas e dirige-se á pretoria local. Quem são essas pessôas? Os noivos, os padrinhos e, ás vezes, dois ou tres convidados. Casam, mas ninguem se apercebe disso. E' como se não casassem.

Mas um casamento de gente chic arrasta um bairro inteiro, um bairro, dois, tres, á egreja. O transito é interrompido. As moças abrem alas á frente do templo, invadem-lhe a escadaria, o adro, a nave, as tribunas, os corredores... Uff! Dahi a pouco, todo aquelle trecho está transformado num carnaval — tal é o colorido festivo local e o tom de galhofa com que aguardam a solennidade.

Pode ser que nem sempre seja assim. Mas ha dias assisti a um casamento que teve uma concorrencia assombrosa. Nunca vi uma multidão feminina tão elegante. Mas tambem nunca vi tanta falta de compostura.

Basta dizer, meus senhores, que houve assuadas, pilhérias, gritaria e pateada. Não sei si os noivos, dignos de toda a distincção, foram attingidos por esses apupos. Os convidados o foram.

Na multidão de espectadores, onde tambem me achava, havia solteironas de olho comprido,

A turma de doutorandos da Assistencia Publica e Hospital de Prompto Soccorro prestou uma homenagem ao dr. Girondino Esteves, offerecendo-lhe um jantar intimo. O grupo acima foi tomado após o ágape.

gente que desejava casar até com um mosquito; havia melindrosas ridiculas, que faziam espirito agarotado. A meu lado, estimuladas pela idéa do acto, havia senhoritas que *flirtavam* heroicamente, na tentativa de arranjar um noivo a toda pressa. Umas, positivamente *fanées*, como certos cravos que se estiolam ao calor das paixões recalcadas; outras, um pouco mais toleraveis, com uma carinha de boneca allemã, "made in Germany", mas intoleraveis de pedantismo, de pose, (por que, Santo Deus?) e attitudes superiores (?) como quem diz: "E' vendendo-nos caro que encontramos noivos."

Havia tambem senhoras irritantes, como aquella que parecia uma phoca, cheia de joias e babados. Queriam vêr melhor, e collocar-se numa posição estrategica. Mas, com isso, nos desalojavam do nosso logar e nos pisavam os pés, amarrotavam-nos a roupa branca e nos bafejavam com aquelle aroma confuso, que não sabemos si é de Coty ou de .. Os senhores sabem qual é o outro...

Ora, eu bem que podia ter-me dispensado de assistir áquelle espectaculo deprimente. Mas é que aguardava uma princezinha que me disséra:

— Vá vêr-me. Quero sentir que, naquella tarde, á entrada daquelle templo, alguem me espera como para um noivado...

E dizer que não era eu o noivo que a devia esperar...

A vida é sempre cheia de absurdos.

O dr. Mauricy Santos, director do Hospital de São Geraldo e chefe dos cirurgiões do Hospital da Gambôa, foi, por motivo de seu natalicio, ha dias, homenageado pelos seus assistentes e pelos medicos daquelles dois estabelecimentos hospitalares, os quaes lhe offereceram um almoço intimo, que se realizou sob a presidencia do dr. Carlos Palhares.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

Adeus...

"Adeus, não, não!" E tua pequenina alma timida, de criança, que já não encobria sua descrença no evangelho do solitario, voltou para a cabana humilde onde, um dia, nos areiaes quentes do deserto da minha vida, ergui o templo da minha inquietação interior, o templo da amargura de todas as desillusões que a minha fé de resignado iria transformar no pão eucharistico da paz e da consolação de outras almas.

Tu vieste, um dia, para a grande iniciação. Sobre ti descera, lento e lento, a garôa da duvida e da Melancolia. As vozes do Evangelho do solitario, que fazia rebentar em flores a sua propria angustia, ecoaram, porém, no teu coração inquieto e afflicto.

E tu vieste para a terra longinqua, onde as minhas rosas florescem. Cedo, porém, assaltou-te a primeira desillusão porque sentiste, comprehendeste que eu "não era feito dos sonhos que sonhava" e que o milagre dos meus rosaes, sempre a florirem, era feito de angustia e de soffrimento; realizava-se na dôr, pela dôr, e para suavizar a dôr dos que, tristes e desilludidos, viessem bater á porta rustica da cabana do solitario.

E, um dia, tu, que vinhas realizando em mim o suave milagre que eu tanto desejara operar em ti, enchendo de alegria e de paz tua alma descrente e afflicta, voltaste para a garôa da tua melancolia, na tua terra distante.

E não notaste a garôa que se diluia no céo de meus olhos, já tão habituados ao deslumbramento verde da miragem de esperança que, comtigo, se ia!

Mas... voltaste, attrahida pela nostalgia da terra longinqua onde minhas rosas florescem. Voltaste para "cantar commigo" a canção floral e mystica de todos os anseios de nossos corações.

E eu bemdisse a tua vinda, emquanto o sino de meu coração bimbalhava, festivo, no templo humilde e silencioso da cabana do solitario.

Mlle. Teresa Roca é uma galante chilena da melhor sociedade de seu paiz. Estando em ferias, na sua «estancia», quiz bem «posar» para o FON-FON, nessa attitude sympathica de «chilenita» graciosa que parece uma dessas musas de canções-tango. E' com «saludos cariñosos», que ella nos cumprimenta — de lá da sua bella patria.

REPUXO DE PETALAS

Rosa branca — Quando o olhar carinhoso e meigo de meu Principe desce sobre mim, toda minha alma virgem palpita, enternecida... Saúdo-o e recolho, no seio casto e perfumado da minha corolla, o calor daquelles olhos negros e sonhadores, que são a minha alegria, a minha ventura, a minha vida!

Rosa vermelha — Tola! Bem se vê que és de uma ingenuidade de moça da roça, de camponia rustica! Pois eu, quando elle passa, *mon Prince Charmant*, cresço, estendendo-me no meu caule e offereço-me, vermelha e offegante, ao seu beijo ardente, estuante de volupia.

— Despudorada!

— Despeitada!

— Viuva alegre!

— Casta Suzana!

Foi assim, numa manhã luminosa de primavera, que vim a comprehender que as rosas, como as mulheres, tambem brigam pelo seu *Prince Charmant*...

TENTAÇÕES

AS LEMBRANÇAS DO CARNAVAL

Fantasiada de cigana (uma compenetrada ciganinha carnavalesca), a galante Noemia, filhinha do casal J. A. Belém, parece, com sua tristonha carinha de chôro, estar ainda com saudades do guizalhante Momo...

NO Municipal, nos intervallos, as más linguas trabalhavam.

Uma dama, demasiadamente conhecida pela sua perversidade, indagava de um jornalista:

— Por que será que Fulano, (e lá disse o nome com todas as letras), deixa a mulher em casa e vem para o theatro sózinho?

O nosso collega não soube explicar, deixando a interrogação no ar...

A dama indagou, em seguida, com um sorriso cheio de malicia:

— E por que será que Fulana vem ao theatro sempre só, não se fazendo acompanhar do marido?

O jornalista, comprehendendo então a perfidia de *madame*, pronunciou uma barbaridade qualquer, e riram ambos gostosamente.

Nós olhámos para um vão de porta que dá entrada á platéa, e vimos o "Fulano" e a "Fulana", juntinhos, trocando amabilidades, felizes...

E, mentalmente, fizemos este raciocinio innocente: certo a esposa delle e o marido della preferem ficar em casa, dormindo... o que é sempre melhor do que assistir ás scenas de adulterio, thema estafante e obrigatorio do theatro francez...

Mas, na nossa terra, nem a gente tem mais a liberdade de dormir o seu somno tranquillo.

NÃO ha duvida: as paulistas, com toda a sua frieza, são capazes de inflammar corações e virar a cabeça a muita gente bôa que conhecemos.

Ha mesmo, aqui bem perto, alguns escriptores, jornalistas e poetas, que vivem dominados pelas paulistas. São heróes platonicos (alguns, bem entendido) que se apaixonam por photographias e cartinhas perfumadas, como si estas fossem as proprias donas de umas e de outras.

E curioso é que esses heróes de cavallaria se dão ao doce encanto de esperar que as paulistas visitem a nossa capital... para conhecel-as pessoalmente...

Que pachorra! Que paciencia, neste seculo de vertigem e realidades flagrantes!

Si as paulistinhas amadas, através de retratos e effusões epistolares, soubessem dos *vulcões* que a sua *frieza* produz, certamente viriam da terra das garôas, somente para extinguil-os...

NA *première* da temporada do theatro francez, tivemos ensejo de registar alguns casos interessantes, que constituem verdadeiras charadas para as pacatas creaturas que vivem fóra do mundo onde a gente se diverte...

Entretanto, com uma simples *mirada* pela sala ouro rosa, e uma inspecção nos corredores, adivinhámos situações, focalizámos os artistas da comédia da vida, e nos divertimos muito mais do que com as scenas desenroladas no palco onde Madeleine Lely fazia inauditos esforços para encantar a platéa, mettida na pelle de Francine, doida amante de René.

E vimos coisas do outro mundo, alegres, comicas, e até tristes...

Um *flirt*, porem, chamou a nossa attenção, porque não atinámos com a finalidade do mesmo.

Elle, um rapaz que se considera irresistivel, estava inteiramente dominado pelo olhar quente de *madame*, que nós suppunhamos aposentada para as lides do amor, dada a sua idade avançada...

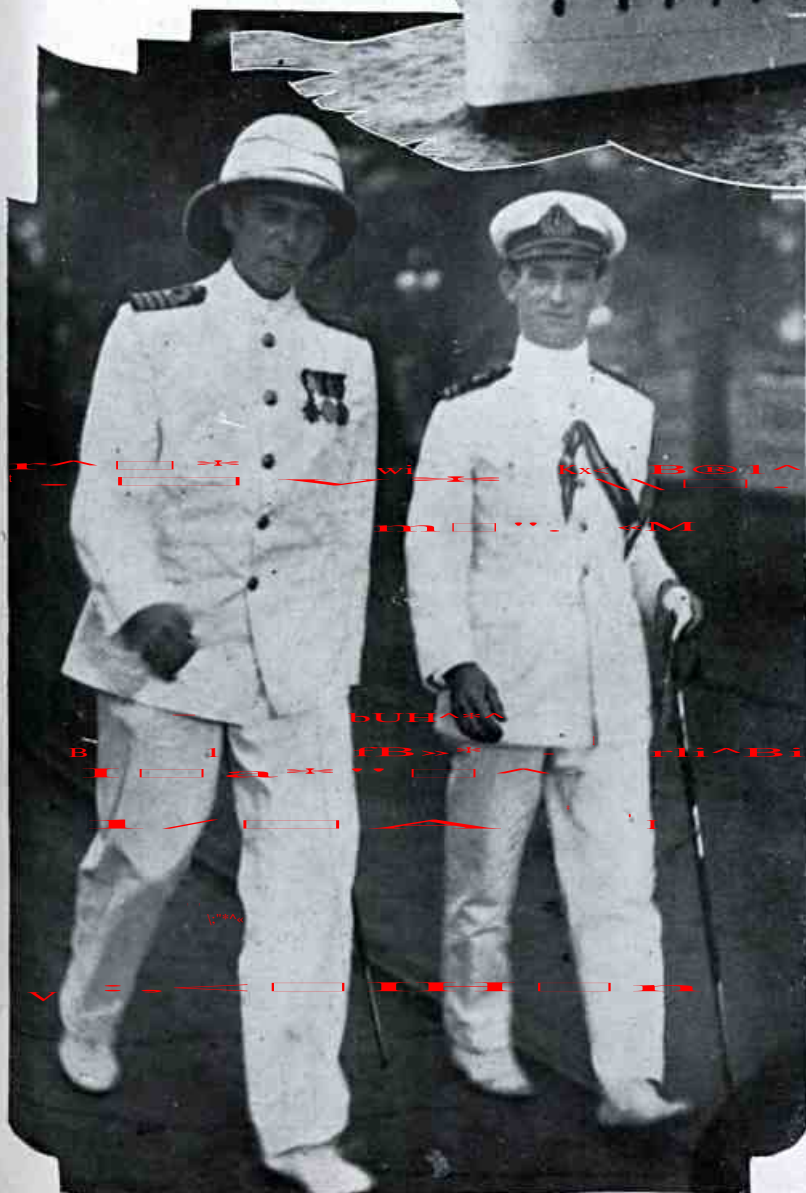
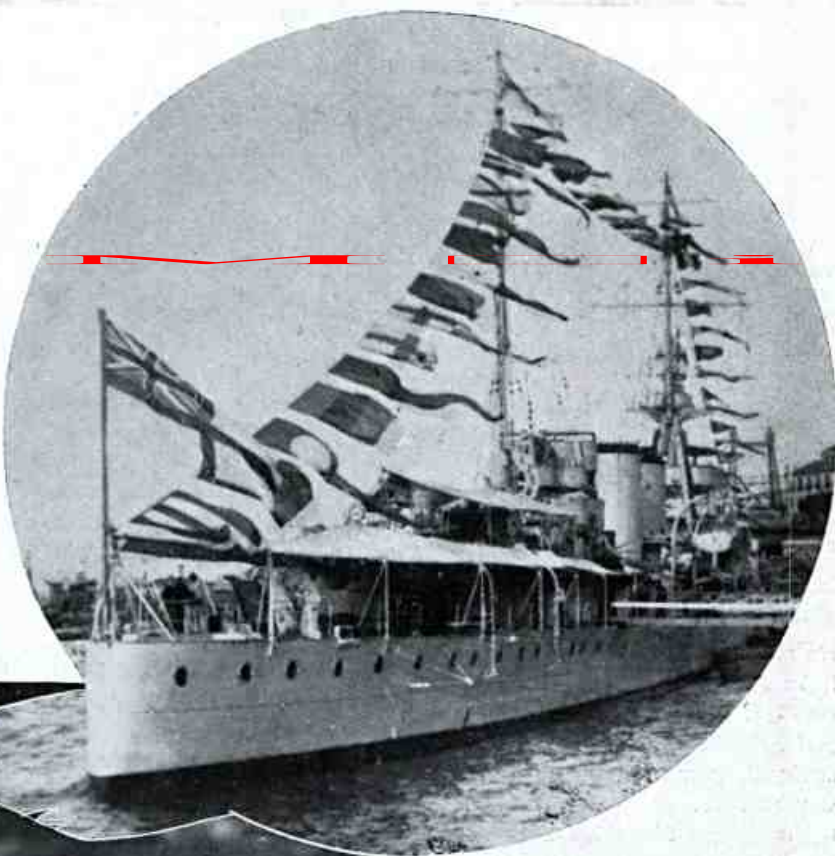
Mas, a fuzilaria de olhares não cessou durante todo o espectaculo, continuando na escadaria á sahida do theatro até a hora da despedida.

Quando o rapaz estacou na calçada, envolvendo ainda num derradeiro olhar cheio de mysterio, ao tempo que *madame* o animava com um leve gesto de cabeça, como a dizer: "Até breve"...

Cruzes!

A menina Ariette, filhinha do capitão Mendes Gonçalves.

(Photo Annunciato)

O cruzador inglez «Dragon», que aqui chegou no dia 6 do corrente, assignalou um motivo de grande satisfação para o Brasil. Varias foram as homenagens prestadas á sua distincta officialidade e á maruja britannica, pelas autoridades navaes do paiz e pelo nosso «grand monde». Esta pagina fixa um perfil da grande nave da Marinha Ingleza e uma attitude do seu commandante, o capitão L. H. B. Bevan, que está acompanhado do official da nossa Armada, posto á sua disposição.

Advertencia

Versos de amor, si os fizéres,
guarda-os com recato e com pudor,
aos olhares cubiçosos das mulheres,
negues frases de amor...

Sejam versos de felicidade ou soffri-
[mento
prende-os a ti,

pois a grandeza emocional de nossas
[almas
está na habilidade de a esconder.

Olha o mar,
com suas perolas formosas:
á tona, encapellado, brame,
em revolta horrisona e malsã.
Entanto, lá ao fundo elle é sereno,
para as filhas semelha um nazarethno;
e como pae carinhoso
sabe ser calmo e sabe ser bondoso
ao guardar seus thesouros
que são glorias!...

(Como são lindas para nós essas his-
[torias!...)

Repara bem o céo immenso e azuleo:
ao negrume das horas abre o manto
fulgente das estrellas.
Dobra-o, entanto, apressado, com
[egoismo,
quando os olhos humanos se illuminam
dos alvores esplendidos da aurora...
(E' o receio do sol que revigora!...)

Contempla, em fim, o mundo ingrato:
as esperanças sempre delusorias,
as mentiras, os vexames, as inglórias
attitudes de todos os humanos...
(E' a genese indestructivel dos arca-
[nos!...)

Escuta:
guarda em tua memória os lindos versos
que fizeres,
sejam elles de amor.
Enclausura-os, si puderes,
com estrenuo pudor,
pois inconstante e leviano e ardiloso
[e insensato
é sempre o coração de todas as mu-
[lheres!...

ADOLPHO CELSO

a bandeira de Guabijú —

DE GUSTAVO BARROZO

«Bravos orientales
himnos entonad
que Artigas va al templo
de la libertad.»

(Hidalgo — *Canción patriótica*)

A infantaria de Artigas, cerca de seiscentos homens, na maioria correntinos, desenvolvia-se em linha de combate nas coxilhas de Guabijú. Sobre um teso, com seu pelotão de apoio, um obuz fazia ouvir de quando a quando a sua voz potente. E, dominando as baionetas que faiscavam ao sol, a bandeira azul e branca, laivada de sangue, fluctuava.

O general João de Deus Menna Barreto galopando pela testada da sua columna de cavallaria miliciana, gritou á soldadesca fremente de enthusiasmo:

— Eu quero hoje aquella bandeira!

Sabia-se que José Gervasio Artigas devia estar proximo com o grosso de suas forças e que aquella gente a pé, commandada pelo bravo tenente-coronel Pablo Castro, era uma simples vanguarda atirada sobre o pampa para tomar contacto com o inimigo.

A má pontaria dos artilheiros entrerianos tornava o obuz uma arma despresivel. Menna Barreto escolheu vinte e cinco lanceiros para se apoderarem delle. E com o resto, espada na mão, cabellos ao vento, hirto sobre o grande cavallo baio, carregou a linha de infantes.

Recebeu-o uma descarga violenta, que derrubou cavallos e cavalleiros. Immediatamente, a infantaria correntina formou quadrado. Ouviam-se os brados de victoria dos milicianos que conquistavam o canhão. E as lanças começaram a morder o peito dos artiguistas.

As cavallarias brasileiras, reconduzidas com habilidade, deram segunda carga contra o quadrado. Poucos infantes tiveram tempo de tornar a carregar as armas. O choque rompeu uma das faces da formação e Pablo Castro foi derrotado. Os cavalleiros lancearam e sabrearam os soldados dispersos á vontade. Mais de quatrocentos homens, dois terços do effectivo que entrara em combate, fôram mortos, feridos ou prisioneiros. O tenente-coronel escapou graças á velocidade de sua montaria. Entrou, esfarrapado e ensanguentado, pelo acampamento do seu chefe, com a noticia do revez. E Artigas, não se dando conta que em Guabijú pelejava sómente uma vanguarda do exercito brasileiro, mandou apagar as fogueiras, arrumar o trem, atrelar as parelhas e juntas, desarmar as tendas, destruir os ranchos e montar a cavallo, rumando assustado e apprehensivo para o Queguay. Parecia que os lanceiros de Menna Barreto já lhe vinham no piso, coroando o cimo das lombas proximas...

No momento da dispersão da infantaria de Pablo Castro, um dragão riograndense perseguio o porta-bandeira artiguenho, lembrando-se da recommendação de seu general. Matou-o a lança e trouxe a insignia comsigo.

Formada a tropa para a revista, logo após o combate, erguidas as acclamações rituaes, apagados os toques triumphaes dos clarins, o rude cavallariano pedio licença ao tenente que commandava o seu pelotão e foi apresentar o tropheo a Menna Barreto.

— Está aqui a bandeira que V. Ex. pedio, disse elle, baixando os olhos sob a pala grossa da barretina de couro preto.

O general, com um sorriso, perguntou:

— Como é o seu nome?

— Marcolino Bento da Silva.

— Sargento Marcolino, tornou Menna Barreto, desfralde essa bandeira.

O homem desenrolou o pedaço de panno ao vento do pampa. Na lista branca central, havia qualquer coisa escripta. O chefe brasileiro falou para os seus ajudantes de ordens:

— Na batalha de Catalán, o anno passado, Corrêa da Camara tomou uma bandeira cheia de insultos ao Brasil e a El Rei. Esta deve ser igual.

Um dos officiaes segurou com as mãos a fimbria do estandarte e leu:

"Bravos orientales
himnos entonad
que Artigas va al templo
de la libertad."

O general concluiu:

— Elles agora estão menos barbaros. Preferem escrever nas suas bandeiras versos patrioticos. Assim, a gente pode guardal-as. Esta vae para o general Curado.

E afastou-se.

O novo sargento dizia para os companheiros que lhe ficavam perto:

— Artigas vae ao templo.... Ao templo?.... Não vae a templo nenhum.... Elle vae para o Queguay-Chico e, depois, para mais adeante, com medo...

— Silencio na fileira! gritou a voz rouca do commandante do pelotão.

FILIGRANAS

A agitação da humanidade me incommoda. A inquietação da humanidade me faz medo. Tenho a impressão, ás vezes, quando contemplo o mundo com certa philosophia, duma fita cinematographica accelerada. Parece tudo doido. E tudo quer ganhar ou fazer dinheiro, quer divertir-se, quer gozar...

Então, á memoria me vem o conselho divino de Lati: *Laissons tout et jouissons seulement au passage des choses qui ne trompent pas, des belles créatures, des beaux jardins et des parfums de fleurs...*

Dos flagrantes da cerimonia inaugural do «Prato de Sôpa" na Escola Alcindo Guanabara, vendo-se no medalhão a respectiva directora, d. Andréa da Fonseca, no momento em que distribuía o prato de sôpa aos alumnos daquelle estabelecimento.

Penêdo, no Estado de Alagôas, é uma cidade alegre, como póde documentar a presente photographia, que fixa um aspecto do baile a fantasia com que a melhor sociedade local festejou, a 19 de abril passado, a «Mi-Carême», nos salões do Penêdo Tennis Club.

Baton & Rouge

MEU amor, o crepusculo matinal velava ainda, na cinta diffusa do céo, o dia de teu anniversario, e eu, já de pé, antegozava o prazer de saudar ao mesmo sol que — ha quantos annos atraz... não sei — raiou sobre a terra para glorificar teu nascimento.

Meu amor, a manhã do dia de teus annos como se parece comtigo! Uma linda manhã fresca, cheirando a rosaes em flor, arrapintada de rouge...

* * *

Meu amor, o céo protestou contra a minha irreverencia, a dizer-me que, no seu reino, nos seus dominios sideraes, não se conhece o rouge, nem o maquillage artificial.

Se a manhã despontou rubra — disse-me — é que o olho branco e ardente do sol a colheu de surpreza quando ella, deparando-se para descer sobre a terra, ainda tomava seu banho de cheiro, fazendo-a ficar vermelhinha de pudor.

"Essas moças ahi da terra — accrescentou o céo, meio enfarruscado — é que, artificial e artificiosamente procuram imitar, ora o frescor casto, cheiroso e pudico das nossas manhãs, ora o resplandecente fulgor das nossas estrellas. Bolinhas!..."

* * *

E o céo, enciumado de ti, e despeitado commigo, velou de nuvens sombrias a manhã radiante do dia de teus annos. Mas, ainda assim, não deixou de te prestar sua homenagem — uma homenagem um tanto maliciosa e perfida, porém que valia como um symbolo glorificador da belleza da mulher de hoje...

E distendeu, no velario sombrio do espaço, a faixa colorida do arco-iris...

* * *

Meu amar, não sei se comprehendeste esta pilheria do céo — uma brincadeira de máu gosto, que muito me aborreceu.

Mas, que fazer, se tudo, na vida, tem algo de blague e até mesmo Monsieur le Ciel c'est un blagueur?

* * *

O mal das mulheres.. não será, de certo, como querem uns, o de fallarem em demasia, como umas bonequinhas automaticas, de corda pour toute la vie, a dizerem as mais lindas e encantadoras futilidades.

SOCIEDADE CEARENSE

Senhora Noemia Pompeu, dama da alta sociedade de Fortaleza e esposa do dr. Thomaz Pompeu Filho, secretario da Agricultura do Ceará.

Essa, bem ao contrario, é uma de suas mais apreciaveis qualidades. Porque esta vida, sem a adoravel gralhada das mulheres, seria de uma monotonia insupportavel.

* * *

Tambem não é o "seu" mal o serem ellas levianas e insinceras, falsas e vaporosas como lindas mariposas artificiaes, feitas de sol, para, artificialmente, encherem de deslumbramento a terra e os olhos da gente. Porque se ellas — as mulheres — assim não fossem, tambem o amor, que só é bom e delicioso pela... variabilidade, seria de uma monotonia intoleravel.

* * *

A sinceridade, em o amor, de todas as filhas de Eva implicaria, mesmo, a morte do amor. Porque o amor, para viver e vibrar, e ter essas grandes palpitações de eternidade que o fazem desafiar todos os soffrimentos, todos os impossiveis, todas as dores — a propria morte — tem, nada-vida mesma, o elemento mais poderoso de seu estimulo, da sua força, da sua duração.

Uma mulher de cujo amor um homem nunca chegasse a duvidar não só falharia á sua missão primacial na terra — que é a de semear a illusão em torno de nós — como tambem nunca seria doida, loucamente amada.

O espinho, mesmo "cheirando a flor", da duvida, é uma necessidade na illusão de todo grande amor. E, por isso, é que as mulheres, que têm a instinctiva clarividencia de todas essas coisas, sempre foram rosas com... espinhos.

* * *

O mal das mulheres — o grande mal das mulheres é julgarem que todas as coisas lindas e doces que os homens lhes dizem são verdadeiras. E que só ellas sabem e têm o direito de mentir e enganar, suave e deliciosamente...

FRAGONARD

A disputa do campeonato carioca

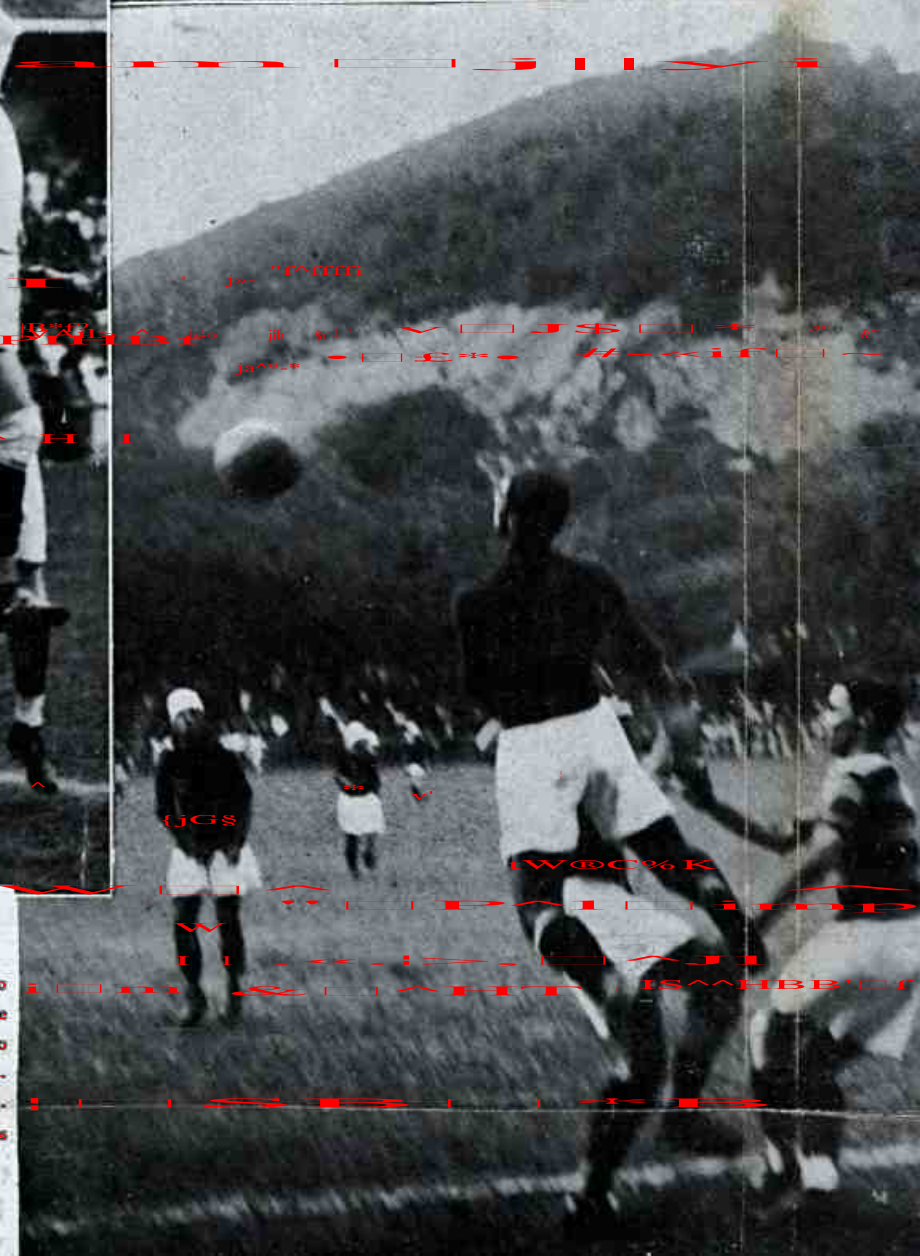
A disputa do campeonato carioca de football tem despertado o maior interesse e enthusiasmo nos circulos sportivos desta capital. Domingo ultimo, no campo da rua Paysandú, coube ao Flamengo e ao America a vez de se defrontarem, o que fizeram galhardamente os dois «teams» disputantes, defendendo ambos, de modo brilhante, as côres de seus clubs. A numerosa assistencia, que acompanhava a pugna, vibrou de enthusiasmo, numa «torcida» formidavel pela victoria do quadro de sua predilecção.

O CEGO E A LANTERNA

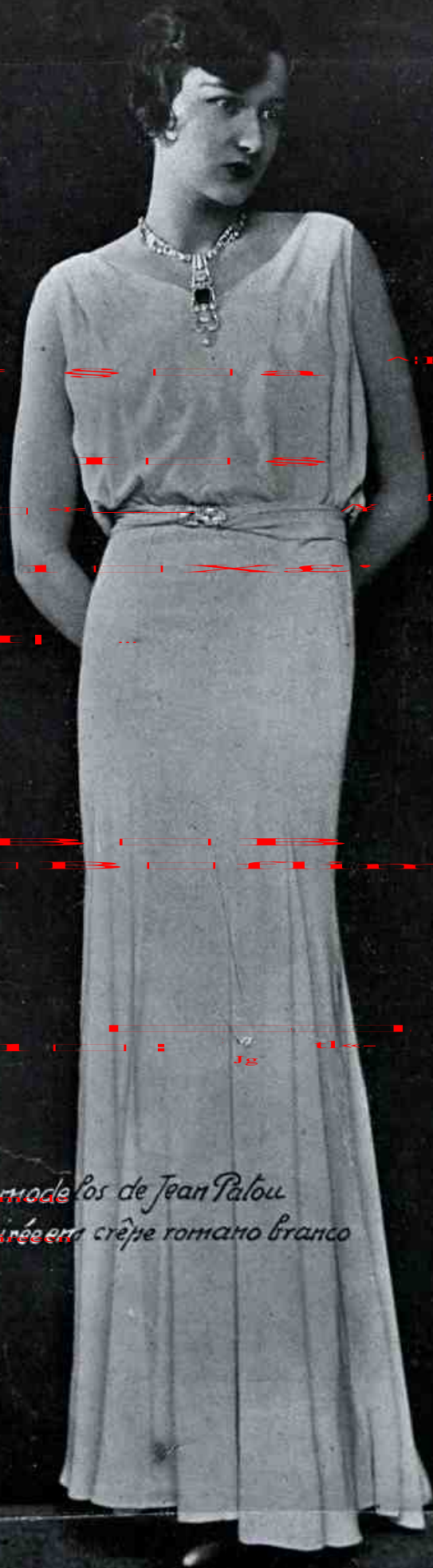
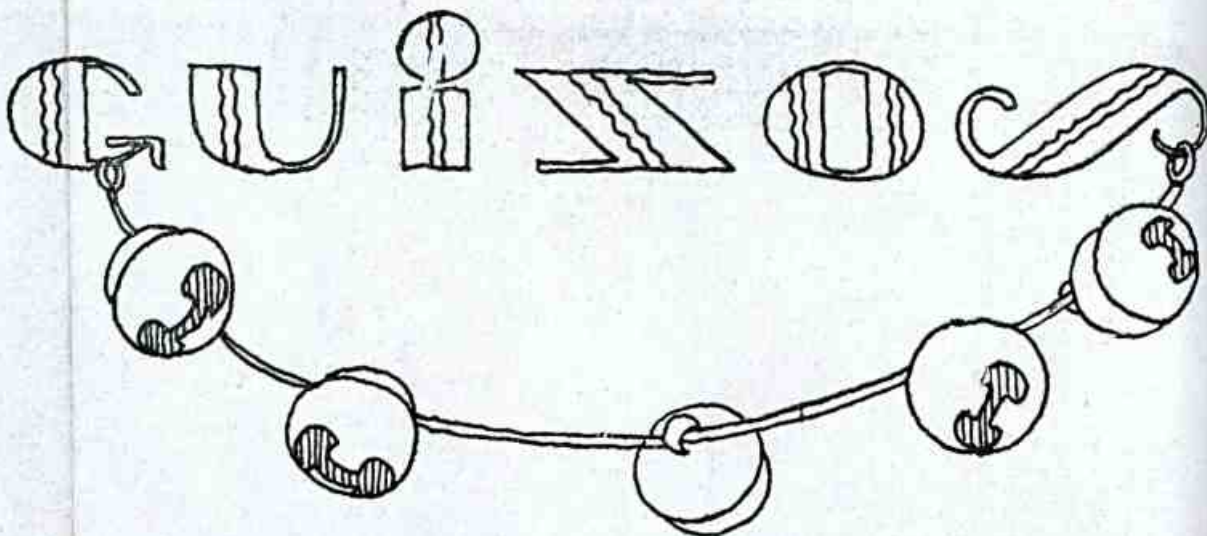
Um cego caminhava, uma noite escura como bocca de lobo, levando um cantaro ao hombro e uma lanterna na mão.

Um vizinho, que se encontrou com elle, lhe disse:

— Pedaço de asno, para que levas essa lanterna, si a noite e o dia são iguaes para ti?

— A lanterna — respondeu o cego — não é por mim que a trago, mas por tua causa: para que, na escuridão, não vás tropeçar em mim e quebrar-me o cantaro...

A partida de domingo ultimo, no «field» da rua Paysandú, entre as «équipes" do Flamengo e do America, offereceu lances impressionantes, de verdadeira sensação, como os que focalizamos nesta pagina.

A MULHER CHÍC

Ensemble de baile em crepe Billis rosa, guarnecido de franjas

Os ultimos modelos de Jean Patou
Vestido de soirée em crêpe romano branco

A CAUÇÃO DOS MEUS DIAS

MAS, meu amor, ainda não foi possivel...

Ainda não esqueci as horas azues da nossa vida em commum, quando eu era quasi uma criança e tu uma garotinha loira, o lindo raio de sol dos meus dias.

Tenho bem viva a impressão da tua bocca junto á minha bocca, do teu claro sorriso, e a saudade da felicidade que passou não me abandona um só instante, torturando-me, fazendo de mim um sêr absolutamente indifferente para as emoções de outros braços, porque nenhum sabe prender-se ao pescoço como os teus.

Cerro os olhos, e dentro dos meus sonhos a tua figurinha de porcelana, bizarra, baila eternamente, pondo em desassocego os meus nervos.

Ainda não foi possivel te esquecer.

Meu amor...

MULHERES...

DEFINIR a mulher é coisa impossivel.

Mas, dizer mal das mulheres, sobre ser facil, é tarefa supremamente agradavel ao homem...

Principalmente, dizer mal da mulher que não nos quiz... é uma delicia, porque todo o desaforo allivia.

A mulher não é a virtude, nem o vicio, pois a sua alma é um mixto destas duas coisas; entretanto, quando a analysamos, é claro que desprezamos a qualidade bôa para fixarmos o lado peor.

E' lá diz o proverbio popular que na mulher não ha em que se fiar...

Não tenho o proposito de pôr em duvida a sabedoria popular.

Não confirmo nem contesto: registo.

Evito sempre tratar de assumptos dos quaes não entendo.

De mulheres, por exemplo, não percebo patavina.

Mas, não sei porque, palpita-me que Francisco I tinha razão quando dizia:

"Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie."

O SANTO DO BRASIL

ANCHIETA, o santo do Brasil, é, de facto, a grande expressão poetica da conquista, a nota emocional da colonização, o profundo romantismo das origens nacionaes.

E' um conceito justo e feliz do joven e vigoroso escriptor bahiano Pedro Calmon, que imaginou e executou um formoso livro evocando a figura do apostolo das selvas brasileiras.

Os themas historicos só agora vão sendo objecto de trabalhos literarios, e isto mesmo de valor pouco apreciavel.

Raros são os livros que podem ser lidos com encanto, e entre esses devemos incluir o de Pedro Calmon.

O pincel de Benedicto Calixto já havia immortalizado na téla a epopéa da vida de Anchieta, e agora o escriptor bahiano completa a obra do pintor paulista, fornecendo para a nossa estante um livro cujas caracteristicas mecerem o applauso da alma brasileira.

Foi o livro de Pedro Calmon que encheu de alegria o meu ultimo domingo vadio, fazendo-me reviver as emoções que experimentei ao percorrer as praias do litoral paulista, no tempo da minha mocidade, quando muitas vezes parei maravilhado deante do cavallete de Calixto, que a esse tempo procurava desvendar, cobrindo-os de bençãos, todos os segredos do mar, do solo brasileiro, que Anchieta tanto amou.

UM EXEMPLO

QUEM vae a S. Paulo, ouve falar na defesa do café, na producção do trigo incorporada á riqueza da terra, na organização do mercado de fructas, na pecuaria; ouve falar de sports, de industrias novas; assiste ao espectaculo sempre confortador de uma população laboriosa agitada pelo grande sonho de fazer fortuna para installar-se bem em bungalows que são verdadeiras joias de architectura, com um automovel para devorar kilometros de estradas que são pavimentadas como as ruas das capitaes modernas.

Em S. Paulo tem-se a sensação de que todo o mundo trabalha na ansia de produzir algo de util, a impressão de uma officina onde se forja o caracter e o civismo indispensavel á grandeza patria.

E, coisa surprehendente!, não se ouve falar em politica, porque tal assumpto só interessa aos politicos.

Entretanto, no seio da terra paulista vive o estadista moço, raro typo de energia, que breve estará á frente do governo da Republica.

Sahindo de S. Paulo, quem percorre os outros Estados e aporta ao Rio só um assumpto ouve como thema de todas as palestras, como nota obrigatoria dos jornaes: — politica!

O funccionario, o caixeiro, o barbeiro, o quitandeiro, o conductor de bondes, a cozinheira, o gato, o cachorro entendem e discutem politica, desancam os politicos...

E ouvindo e observando os salvadores da Patria, nós temos fatalmente de reconhecer a superioridade da raça forte dos Bandeirantes e devemos pedir a Deus que o resto do paiz siga o nobre exemplo de S. Paulo.

Porque já é tempo de termos juizo...

MARION

Grandeza e Progresso de S. Paulo

Dr. Mario Bastos Cruz, secretario da Justiça e Segurança Publica do Estado de S. Paulo.

Realizações do governo Julio Prestes na Secretaria de Justiça e Segurança Publica

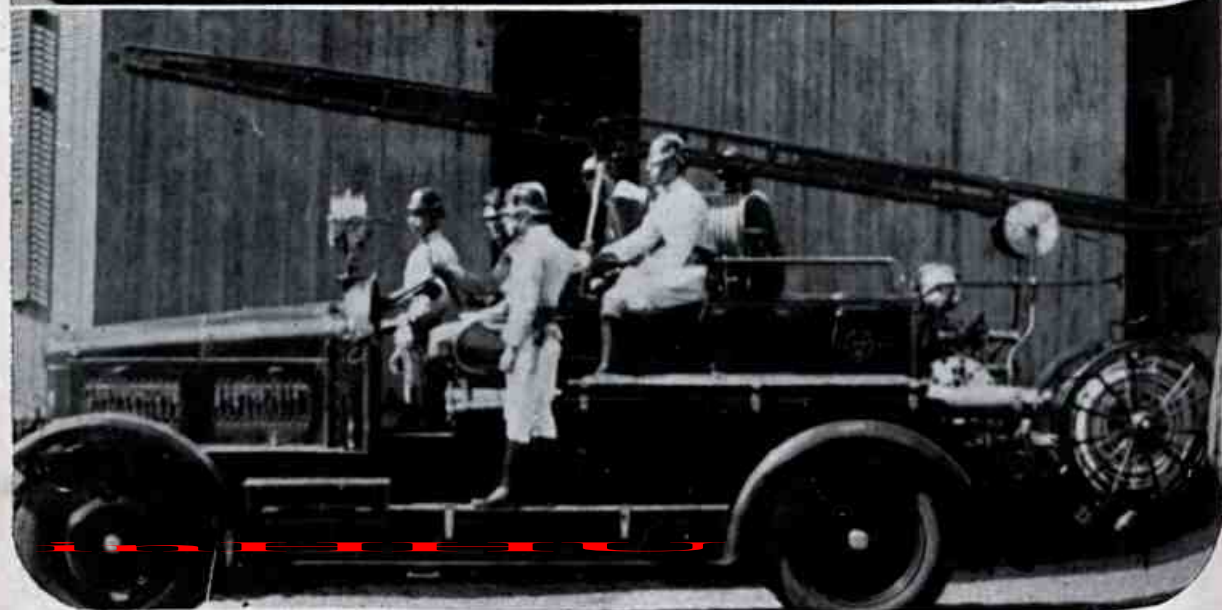
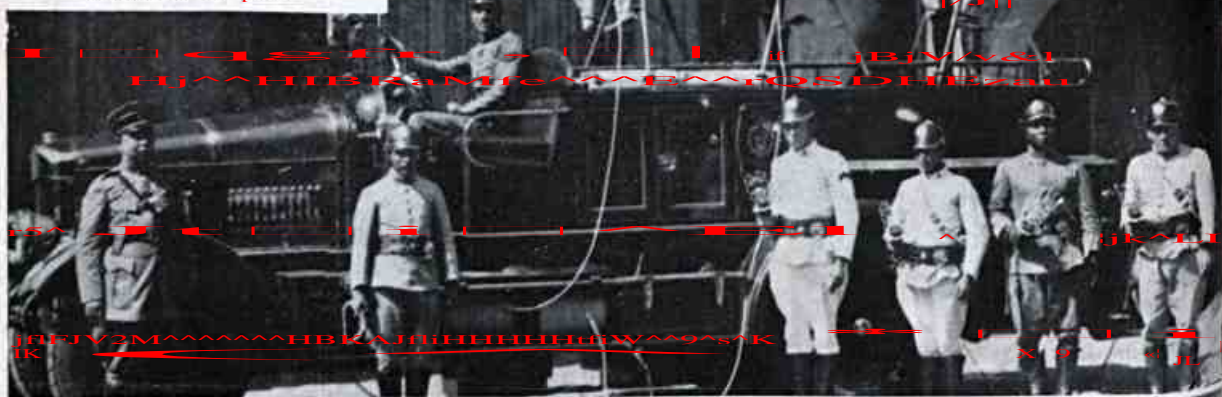
UM dos aspectos mais interessantes e mais enaltecedores do governo do Presidente Julio Prestes é o que diz respeito ao aproveitamento da actividade da culta intelligencia da mocidade paulista. Um exemplo typico offerece, neste momento, a sympathica individualidade do dr. Mario Bastos Cruz, uma figura moça, cujo prestigio se affirma brilhantemente, em traços de accentuado relevo, no scenario politico - administrativo de São Paulo, onde surgiu, como por encanto, vindo de Campinas, cidade em que exercia o cargo de delegado de policia.

Dahi o trouxe o presidente Julio Prestes, investindo-o logo nas altas funcções de chefe de policia de São Paulo, cargo a que o distincto patricio deu o melhor desempenho, revelando sua admiravel capacidade de trabalho, seu elevado criterio administrativo, sua inteireza de caracter, seu nobre cavalheirismo.

E tão bem se houve s. excia. no exercicio de seu posto, que logo depois, para outro alto cargo de confiança o designou o governo do Estado, nomeando-o secretario da Justiça e Segurança Publica.

São Paulo é, assim, e sempre o foi, no regimen actual, uma escola de estadistas, iniciando sua mocidade intelligente e patriotica, desde cedo, no exercicio da vida publica.

O dr. Mario Bastos Cruz, secretario da Justiça e Segurança Publica, em visita á Penitenciaria do Estado de S. Paulo, e cercado pelos funccionarios daquelle modelar instituto.

O Batalhão de Bombeiros Sapadores de S. Paulo é uma corporação que honra o paiz e perfeitamente apparelhada para o desempenho de sua missão. Nesta pagina estampamos, ao alto e em baixo: o carro-luz, unico existente no Brasil, destinado á illuminação de predios de grande altura, e um outro carro de typo modernissimo. Ao centro, vê-se a maior das escadas «Magyrus» existentes no paiz.

Em companhia dos illustres auxiliares de seu governo, drs. Mario Bastos Cruz e Salles Júnior, secretarios da Segurança Publica e da Fazenda, e do coronel Joaquim Brandão, commandante da Policia Militar do Estado, o presidente Julio Prestes fez, ha pouco, demorada visita á Escola de Aviação de S. Paulo. Nesta pagina vê-se, ao alto, s. ex. ao chegar ao campo de aviação, e, ao centro, ouvindo as explicações que lhe dá um official aviador da Policia sobre um dos apparelhos. Em baixo: alguns dos modernos aviões da Escola de Aviação do Estado.

Gustavo Barrozo e a nossa Historia

Por Costafilho

(Expressamente escripto para FON-FON.)

SI vivo fôra Rio Branco, o Barão da Paz, quem mestre maior se revelou da nossa Historia, certo encantado estaria presentemente, com o serviço inestimavel, de legitimo patriotismo, que Gustavo Barrozo está prestando á cultura da Historia Nacional, com a publicação utilissima dos seus felizes trabalhos a respeito das guerras de Lopez, de Rosas e do Vidéo, repertorios esclarecidos e esclarecedores de factos, scenas, acontecimentos e casos memoraveis da vida heróica e dramatica dos nossos avós, cujas narrações, verbalmente feitas em sua maioria, teriam a sorte do esquecimento, si vocações benemeritas e cuidosas como essa de Gustavo Barrozo, o épico sertanista e o evocador literario das grandes sombras do Prata, as deixassem de recolher em paginas fulgentes para legado das posterías gerações brasileiras.

A nossa Historia, que somente depois de Homem de Mello, Capistrano de Abreu, Rocha Pombo e João Ribeiro, começou a ser ensinada e comprehendida no sentido sociologico verdadeiramente brasileiro, muito terá que esboçar em alto relevo, nas cimalhas e pórticos dos seus suggestivos capítulos, daquellas figuras e daquelles actos de alta expressão moral e humana descriptos e relatados pela voz augusta da tradição, magistralmente victrolizada agora, em rico vernaculo, nos livros do acadêmico nortista, figura distincta e heraldica entre as doutas e brilhantes que povoam e honram o "Petit Trianon".

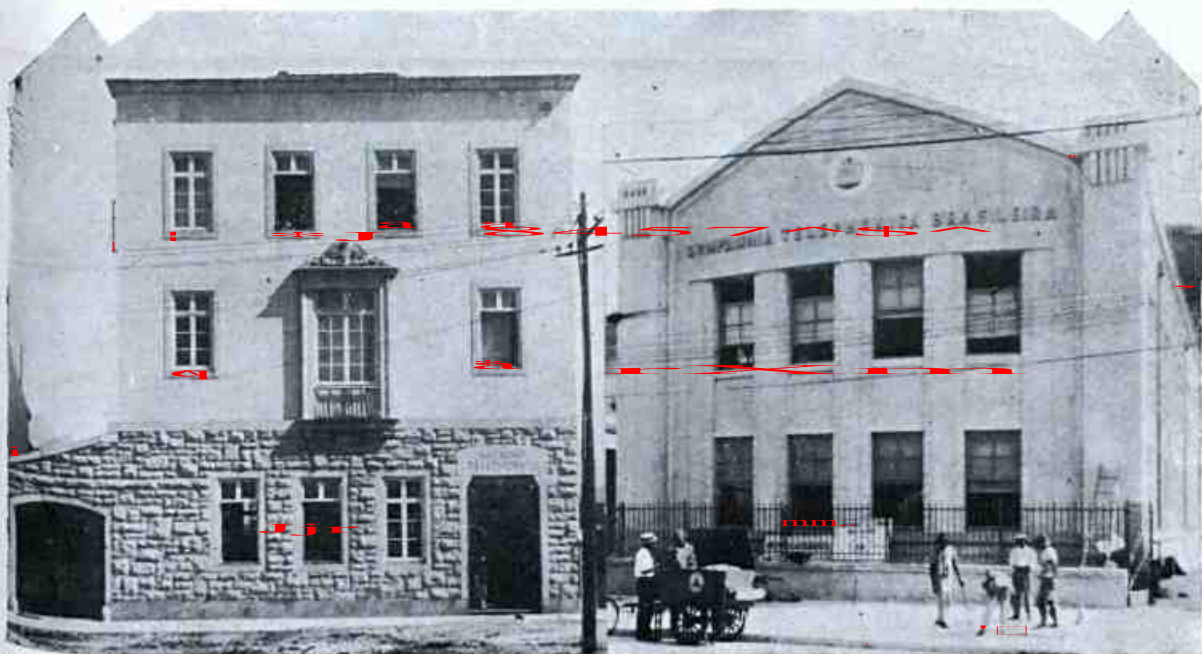
Phenomeno acroceraunio, que alumia primeiro os pincaros do Pensamento, para depois banhar a superfície monotona da communis opinio doctoruw, a synthese cultural, oti matéria histórica, tem raramente se manifestado, mesmo em altitudes espirituaes notórias.

Diminuto se nos apresenta o numero de cabeças superiores em cujas circumvoluções sadias a faculdade mestra de evocar a verdade do passado remoto e num golpe genial de synthese focalizal-a na tela do presente, tenha sido visivel e exteriorizada com exito apreciavel.

Michelet, Carlyle, Mommsen, Prescott, Oliveira Lima, Taine, Oliveira Martins, Alexandre Herculano, Fiske foram os maiores e os melhores no assumpto e no privilegio vocacional.

Pois bem: agrada-me sinceramente declarar, pelas columnas desta conceituadissima revista, que Gustavo Barrozo revelou em consideravel grão, nos seus últimos livros referidos, a faculdade preciosa de dramatizar, com rara clarividencia, o nosso passado historico.

Costa Filho, autor desta pagina brilhante sobre Gustavo Barrozo, nosso querido companheiro, redactor-chefe de FON-FON, é professor cathedratico de Historia do Brasil do Atheneu Pedro II, de Aracajú, e uma figura de grande relevo nos círculos intellectuaes sergipanos.

A cidade e os telephones automaticos

O edificio da antiga estação Ipanema e actual estação 7, á rua 16 de Novembro, numero 37.

O edificio em que será installado o novo serviço de telephones automaticos, á rua Visconde de Pirajá.

A Companhia Telephonica Brasileira vae inaugurar, dentro de alguns dias, o novo serviço de telephones automaticos da actual estação 7, que abrange os bairros populosos de Copacabana, Ipanema, Leblon e Gavea, e beneficiará, desta maneira, uma grande parte da cidade. No intuito de evitar o atropelo e os aborrecimentos verificados por occasião da inauguração do serviço automatico da estação 3, a Companhia está fazendo, na imprensa diaria, intensa, intelligente e clara propaganda, ensinando ao publico daquelles bairros como deve fazer uso dos novos apparelhos.

Tratando-se de um acontecimento que interessa, de muito perto, á população carioca, achamos opportuno offerecer, aqui, aos nossos leitores, alguns aspectos photographicos que se relacionam com o importante melhoramento com que a Companhia Telephonica Brasileira vae dotar aquella aristocratica zona da capital da Republica.

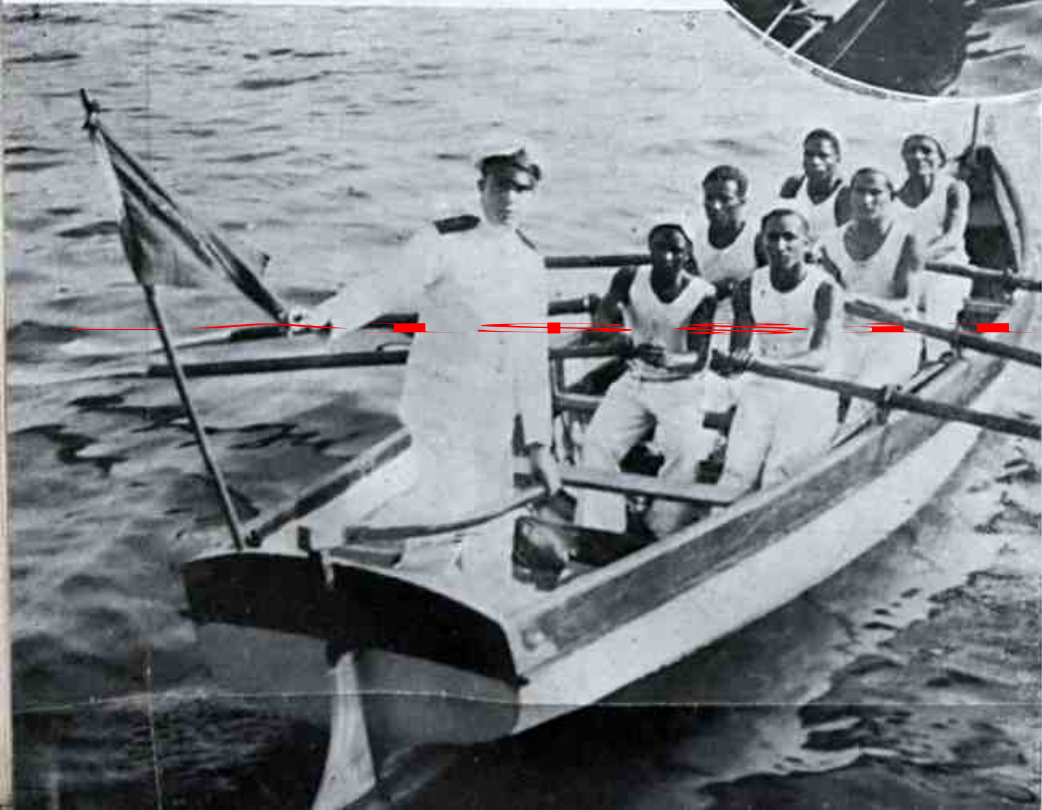
Vista panoramica da vasta zona que vae ser beneficiada pelo novo serviço de telephones automaticos da estação 7, comprehendendo Copacabana, Ipanema, Leblon e Gavea.

A Temporada do Remo

As regatas de novissimos que se realizaram domingo passado, na enseada de Botafogo, sob os auspicios da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, deram inicio, brilhantemente, á temporada de remo no corrente anno. As varias provas do programma organizado pela Federação despertaram grande enthusiasmo entre os respectivos concorrentes, que eram todos rapazes dos nossos clubs de regatas e da Liga de Sports da Marinha. O heróe da tarde nautica foi o Club de Regatas do Flamengo, que venceu nada menos de seis pareos com as suas guarnições. Esta pagina focaliza tres detalhes dessa primeira festa dos remadores cariocas.

MAIO

Maio, escuta a oração que eu murmuro, no teu portico, no dia em que despontas magnifico de poesia e de outomno, escuta a minha fervorosa oração, mez lindo e poderoso!

Eu te venho pedir, maio, doce mez dos perfumes e das nupcias, que sorrias, como um deus que comprehende o encanto supremo do mundo, que sorrias ao coração de todos os amorosos!

Eu te venho pedir, maio, doce mez de Nossa Senhora, que sorrias, como um deus que comprehende o amor mais bello da terra, que sorrias ao coração de todas as mães!

Eu te venho pedir, maio, doce mez dos crysanthemos e das novenas, que sorrias, como um deus que comprehende o sonho e a fé, que sorrias ao coração de todos os que vivem de mãos postas deante da Belleza e deante da Verdade!

Maura de Senna Pereira.

ANDRÉ BRULÉ já não vale os enthusiasmos das suas admiradoras de ha doze annos passados.

E as suas admiradoras daquelle tempo, certamente, perderam a flamma das batalhas por varios motivos.

Tudo mudou. A casaca de Brulé. Os gestos de Brulé. O olhar de Brulé. As capas de Brulé. A elegancia de Brulé...

E Brulé e toda a sua indumentaria. E Brulé, e todo o seu arsenal de ademanes sentimentaes e estudados, deixaram de ser...

O seu espectaculo de estréa, no Theatro Municipal, foi, antes de tudo, uma suave decepção.

A comedia escolhida para apresentação do elenco trazido ao Brasil, por Brulé, é uma peça de folhetim dramatização, quasi inactual. Não se comprehende que Paris applauda, encarnados em mulheres e homens seculo XX, gritos sentimentaes de outras éras, vingando paixões dolorosas, que evocam os transes dos velhos amores medievaes.

E' um drama. Um drama deshumano, irrealissimo. Brulé revelou-se um actor differente do Brulé de 1918.

E a actriz Madeleine Lely foi uma emocional sem grande e verdadeira emoção.

A platéa manteve uma espectativa ansiosa em torno do famoso galã.

Todos os seus movimentos eram recolhidos com uma curiosidade pasmosa.

Ninguem podia comprehender que aquelle homem tão molle, trahindo uma sensibilidade ancestral, pudesse ter vivido na memoria de certas mulheres brasileiras como um idolo.

E durante doze annos muita gente recordou Brulé, esse André Brulé que ahi está, meloso e displicente como um sonho de fantasia e de amor... Pobres mulheres sentimentaes...

Pobre galã fatal...

Eu preferiria, sem duvida alguma, a esse Brulé "almofadinha", a figura diabolica do Mesquitinha ou o formoso Augusto Annibal.

Brulé está cansado. Cansado de tudo.

Visivelmente fatigado até da sua decantada elegancia.

Foi o que elle revelou através do seu ar emphatico, sorrindo de tedio, numa elegancia fóra da moda, vivendo dentro do passado no espirito das suas admiradoras desencantadas.

Seria preferivel que o André Brulé não mais tivesse voltado ao Brasil pretendendo reviver a sua gloria de animador de elegancias e de modelo impeccavel de roupas e de capas. O homem já não desperta interesse ás suas commovidas admiradoras.

O actor é o mesmo de sempre: vinnocordio e exaggerado.

O tempo é um desesperado demolidor.

Devasta, e quando lhe conserva á creatura um aspecto de certa mocidade, confere-lhe tambem um porte especial de espectro, gravitando inversamente para um passado esteril. Brulé não envelheceu.

Não enrugou a face. Talvez não tenha cabellos brancos.

Mas, está um Fausto complicado.

Severo e profundamente gasto em todas as suas attitudes.

A sua vesga e dengosa elegancia não encerra um só traço do forte desenvolvimento de um espirito evoluido.

Brulé deixou de ser.

Essas suas admiradoras!

Algumas, debatem-se num solteirismo horrivel, e ainda o admiram.

Muitas, não desejam para os seus filhos, jovens apollineos, a elegancia cansada de Brulé.

Outras, destruiram o seu idolo por emprestavel, nesta época de homens solidos na despreoccupação de uma elegancia bem comprehendida.

André Brulé feneceu para a civilização contemporanea como um lyrio sob uma grande rajada...

Ella. — Amanhã, ás sete horas, vem encontrar-te commigo neste logar.

Elle. — Bem. E a que horas chegarás tú?...

*

— Dizem que um homem casado vive mais do que um solteiro...

— Ora, isso é tolice! O que acontece é que, para o casado, o tempo se torna mais longo.

*

Quanah Parker, chefe da tribu de pelles-vermelhas dos Comanches, adoptou em sua velhice muitos dos costumes dos brancos, mas continuava sendo polygamo

Era grande amigo e admirador do presidente Roosevelt, que, por occasião de uma excursão a Texas, foi visitar o velho guerreiro. Parker fez-lhe notar, com orgulho, que vestia como um branco, morava em uma casa e mandava seus filhos á escola.

— Muito bem, chefe — disse lhe Roosevelt. — Mas, por que não dá a seus homens um exemplo mais de obediencia ás leis e aos costumes dos brancos? Um branco tem uma unica esposa e você vive com cinco mulheres. Separe-se de quatro dellas e fique com uma só. Poderia continuar mantendo as outras quatro sem tê-las em seu lar.

O indio reflectiu um momento e depois, com uma expressão de ironia em seus olhos vivos, respondeu:

— Você é meu grande pae branco e farei o que deseja, mas com uma condição.

— Qual é a condição?

— Escolha a mulher que ha de ficar commigo e depois vá communicar a resolução ás outras quatro...

*

O caixeiro. — Aquella senhora pergunta si este jersey encolhe ou não.

O chefe de secção. — Está ta medida que ella deseja?

O caixeiro. — Não, senhor. Ella o acha muito largo.

O chefe de secção. — Então é claro que encolhe!

*

— Não estou nada contente com o papagaio que o senhor me vendeu.

— Mas, por que, minha senhora?

— Ora, é porque não disse uma só palavra emquanto não lhe dei meia duzia de nozes, tres ameixas e uma sôpa de pão molhado em chocolate!

— Ah, minha senhora, é que eu me esqueci de dizer-lhe que elle é um orador de sobremesa...

*

Um jornalista é, ha algum tempo, victima da importunação dos seus credores.

Uma noite, o porteiro lhe dá conta das visitas do dia.

— Veiu esta manhã um individuo com uma nota...

— Diga ao menos quem era! O alfaiate, o sapateiro?...

— Não o vi — respondeu o porteiro. — Eu estava ainda deitado... mas lhe ouvi a voz.

— Que voz tinha?

— Uma voz assim como sahida da cabeça.

— Então deve ter sido o chapeleiro...

*

— Creia! Os bellos quadros me commovem muito. Hontem, um me fez chorar.

— Era muito bonito?

— Não. Cahiu-me sobre a cabeça...

*

— Não havia ainda tres minutos que palestravamos, quando me deu o epitheto de asno! Que raça de homem é elle?

— E' um homem muito franco absolutamente incapaz de dizer uma mentira!

*

Um cavalheiro visita um museu de antigüidades e pergunta ao guarda:

— Ha mais alguma coisa a ver?

— Sim, senhor, este pequenino cofre...

— Onde, sem duvida, alguma grande dama guardava as suas jóias?

— Não senhor; onde, ás vezes, guardo as gorgetas que os visitantes me dão...

*

No tribunal.

O juiz. — Como!? Pretende o senhor, então, annullar a declaração que prestou esta manhã?!

O accusado — Sim, doutor. Meu advogado convenceu-me de que sou innocente.

Ricos e pobres

E' incompleta a "toilette",
Quer de pobre, quer do escol,
Se não tem o sabonete
Perfumado — o Eucalol.

Mil menos uma noites...

São-Paulo está tão bonito!
A' noite, no centro urbano,
os annuncios luminosos
tremeluzem, audaciosos,
ante o arcano
do Infinito
e revelam, do alto, a lucta
ella do Espirito humano
e a materia inerte e bruta.

Aliás, a materia inerte,
a Senhora Natureza,
parece que aqui já nasce,
ou, ao nascer, se converte
em cousa civilizada.
E, com certeza,
do miraculoso enlace
entre a terra recem-nada
e o Progresso — esse bruxão,
São-Paulo, a terra encantada,
nunca foi bem ré-sem-nada,
teve esplendido quinhão
no testamento de fada
que é a Civilização.

Aqui, do meu quarto andar
na urbs metropolitana,
minha vista anda a pousar
lá longe... em Copacabana,
pois não encontra pousada
nesta moderna Paris,
ou Vienna newyorkizada,
onde a nova Scheerazada
renova a lenda esgotada
entre sistros e arrabís...

Mas, de certo, Anacreonte,
de entre esses arranhacéos
que limitam o horizonte,
e a garôa, cujos véos
limitam a luz no olhar,
por aqui procuraria,
todavia,
através da casaría
e dos lanterninhas em festa,
uma visão de floresta
e uma promessa de mar...
E diria
(oh! si diria)
desse quarto, em quarto-andar,
em que, não por medo ao frio,
aqui me insulo e me enjáulo:
— Ah! o que estraga São-Paulo,
é... a saudade do Rio...

E Anacreont (pois não?)
em verdade, ou em poesia,
Anacreonte teria,
teria toda a razão...

Bruma e Sol

De Lys d'Orléans

INVERNO do meu Brasil, sorriso de luz, brisa suave! Inverno da minha terra, inverno de arvores verdes, galhadas floridas, ramos de pomos maravilhosos! Por toda parte — quaresmas violaceas, cassias flavas, amaryllis purpurinas, muscineas de velludo!

Fructos de ouro, onde perpassam, ás vezes, coleopteros de carcassas metallicas!...

Que mais, natureza encantada da minha terra de sonho, agora que descansas do estuante estio?!...

... Inverno doce! Brisa amena que dá ás fa-

O BRASIL NO EGYPTO

A «Casa do Café Brasileiro», inaugurada em Alexandria, no Egypto, a 28 de março ultimo, e cuja finalidade é a propaganda da nossa rubiacea naquelle longinquo paiz.

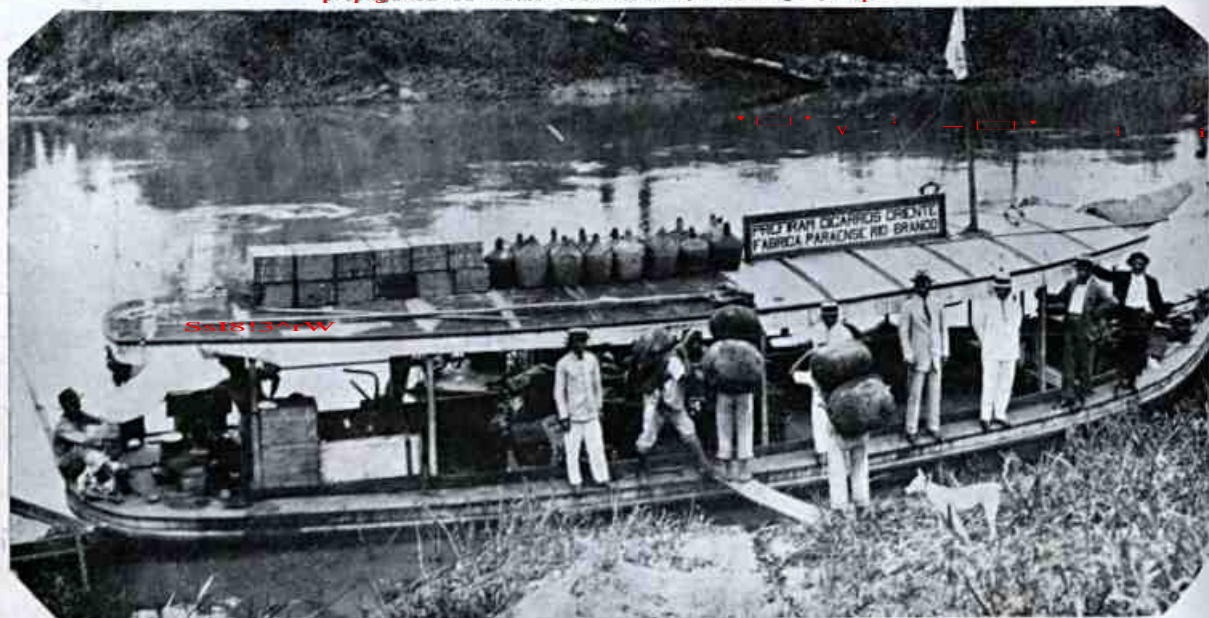
Uma folha que tomba morta, suggerindo o outomno scismarento do olhar amado!...

Inverno do meu Brasil, sorriso de amor! Beijo sublime da terra privilegiada!... Inverno brasileiro! O norte nem o sente!

No sul, a bruma, a garôa, a geada, recordando paizagens d'além!

E o Rio? Terra carioca, mulher de dezoito annos eternos! Linda. Loura. Rosada. Perfumada. Como é lindo o olhar azul que o Atlantico te deu! Como é formosa a tua cabelleira de sol! A tua tez das areias brancas! As tuas vestes de todos os matizes do verde! Terra carioca! Bella terra!

E a minha S. Paulo linda?

Minha S. Paulo, fria

O BRASIL NO EXTREMO NORTE

O embarque de borracha na cidade de Brasilia, Acre. Na margem opposta do rio vêem-se terras bolivianas. Na embarcação, á beira do barranco, apreciando o carregamento da principal producção acreana, destacam-se o Juiz de Direito dr. Caio Valladares Filho, agente aduaneiro do Brasil em Cobija, sr. Adolpho Marinho, o guarda aduaneiro sr. Theodomiro Campos, os srs. Antonio Amorim e Soeiro, capitalistas e negociantes em Manáos e Acre.

—

Um grupo de banhistas da lagôa dos Patos, em Pelotas, Rio Grande do Sul.

ces, o cultuado e o "frisson" sublime de quem ouve a voz amada!

Inverno encantador! Sorriso de mulher moça! Calor morno e adorado!

Inverno azul, sereno, cheio de sol!

—

e indifferente! Envolta quasi sempre nas gazes da garôa... tua veste é "un déjeuner de soleil"...

S. Paulo minha! São Paulo adorada!... São Paulo da minh'alma! São Paulo... Rio! Natureza exalta-

Conquista da Liberdade

(de João Barreto de Menezes)

ERA, evidentemente, uma grande nodoa, nas paginas da vida brasileira, essa instituição do esclavagismo, que por muito tempo chumbou uma raça desprovida de sua liberdade aos ignobeis grilhões do senhorio muitas vezes feroz.

Si mesmo sob o dominio daquelles que melhor sabiam ser humanos que senhores havia para os escravos a misera situação em que se achavam, sentindo que a vida apenas lhes pertencia como rude expressão de um dom mortal, sem nenhum direito a aspirar mais ainda o ar limpido e fecundo dos nobres anseios que levantam o nivel dos sentimentos, então quando [illegible] de humanos eram barbaros os senhores e tratavam aos seus infelizes servos como si alimarias fossem, tinham razão os escravos de viver acabrunhados e constituir um ambiente era que se formou a psychologia dos que, si não eram tristes por natureza, ao menos o eram ante as contingencias fataes de seu destino.

Quadros houve, durante esse tetrico momento de nossa historia, que infelizmente deixaram de servir á penna dos nossos romancistas e dramaturgos. E mais a estes que áquelles. Antes em drama que romance se poderia rever presentemente a dura realidade de uma phase em que a escravidão fazia de uma classe o rebotalho da especie humana, vendendo seres, trocando seres, humilhando seres e azorragando seres, como si fossem apenas uma leva de bestas de carga de que os proprietarios não precisassem mais. E isto não podia persistir nem continuar. Não persistiu nem continuou.

A nobilitante revolta dos sentimentos sociaes accendeu na causa abolicionista o facho do emancipacionismo e, após a propaganda que se dividiu em aspectos doutrinarios quanto á sua effectividade em letras de lei exterminadora do velho cancro, vingou emfim a liberdade servil completa, na grandiosa aurora de 13 de maio, que fulge, no cadastro de nossos brilhantes fastos, como a mais solemne das victorias da consciencia brasileira.

Fomos por muito tempo uma nação manchada de escravos, porque apenas mantinhamos em nossa legislação uma herança do passado. Hoje não o somos mais, porque a abolição, embora decretada pela corôa que então nos regia, nada mais exprimiu senão o voto unanime das aspirações nacionaes.

Sem jamais recusar á Isabel Redemptora os louros pela assignatura da Lei Aurea, que justamente nos valeu uma corôa immortal de mais brilho que o proprio sceptro de seu imperio, não se póde negar que a obra da abolição, concretizada embora numa lei, foi collectivamente almejada, de modo a ser comprehendida como o rebento da propria educação moral do paiz.

E nessa cruzada libertaria de uma classe, si os oradores, publicistas e poetas entraram com o seu contingente de solidariedade, assiste ao torrão pernambucano uma posição de relevo com a mulher á frente, entre as quaes, não precisando referir o nome de outras lutadoras, basta invocar a imagem fulgentemente historica de Leonor Porto.

Pois com essa excelsa heroina em semelhante cruzada e a cujo lado brilharam os João Ramos, Sebastião Grande de Arruda e Alfredo Pinto, como que traduzindo a sentença impressa em seus designios, encontraram, afinal, os escravos a conquista da liberdade que a escravidão lhes algemára.

Tive pena de ti! Depois...

Tive pena de ti, ao vêr quanta maldade
O destino guardou para teu soffrimento.
Dóe-me ainda lembrar a negra iniquidade
Que, um dia, te mudou a vida num tormento!

Tive pena de ti!... Porém, essa piedade,
Que se apossou de mim, no primeiro momento,
Transformou-se depois que vi com que humildade
Divina a tua cruz levavas, sem lamento.

E admirei-te, então!... E, aos meus olhos, cresceste,
Porque te vi sahir do martyrio e da dor,
Sem ninguem maldizer, tu que tanto soffreste!...

Porque viste por terra o teu sonho maior,
Sem um gesto siquer de mágoa ou de rancor...
Só ficando mais triste e mais suave e melhor!

PAULO GUSTAVO

BRUMA E SOL

(Conclusão)

[illegible]! Terra carioca, mulher esphinge! Eu te adoro também, pedaço do patrio solo divinal!

Oh! o teu sublime inverno!... Os teus filhinhos pobres não morrem de frio! As tuas mulheres lindas ostentam, em vão, pelles custosas!...

Terra carioca, sonho de Deus! Ideal do Altissimo! Terra do meu amôr!...

Inverno e sol! Frio e flores! Perfumes e arvores verdes... Meu Brasil moreno!

Inverno da minha terra, primavera do mundo!

O bello e pittoresco salto do Itú, visto em dois aspectos photographicos tomados pelo dr. Lazary Guedes, secretario da presidencia de S. Paulo, durante uma excursão de visitantes do Rio de Janeiro á cidade paulista de Itú.

COCAINA

Prefiro um amor terno ao amor eterno.

*

A gargalhada é o *prompto* allivio dos imbecis, pois o homem superior apenas sorri...

*

As grandes paixões produzem os grandes desenganos.

MARION.

FILIGRANAS

Todas as vezes que passo pela Avenida em frente ao palacio Monroe e que olho o obelisco, o pequeno obelisco de granito cinzento alli collocado pelos constructores da grande artéria, o que se verifica todos os dias, sorrio lentamente...

Lembro-me dos obeliscos contemplados em viagens distantes. O de Paris, patinado pelos seculos, solitario e triste, lembrando Ramsés e o Nilo, as esphynges e as pyramides. O de Roma, perfilado na praça monumental de S. Pedro, viva recordação de Cleopatra e dos templos hypostilicos. O de Luksor, contemplando as areias do deserto, os íbis e os crocodilos rapaces.

E esse, pequeno e magro, liso e feio, perdido na decoração sumptuosa da paysagem carioca, fala-me duns cavallos que já deveriam estar nelle amarrados e ainda não nascêram...

Compensações

Eu sei que a felicidade
Nunca se deu bem commigo,
Por ter ciumes da saudade
Que desprezar não consigo.

Por isso, não tenho amores,
E, por não ter namoradas,
Fujo aos espinhos traidores
Das rosas mais delicadas.

Sonhador, de alma erradia,
Chego a crer, calmo e risonho,
Que o mytho da fantasia
E' realidade no sonho...

(Do "Sublime Tormento" — no prélo.)

J. V. Martins.

Maria do Agreste

MAX MONTEIRO

MELLO E SILVA, autor da novella "Maria do Agreste", foi-me, uma tarde, apresentado pelo illustre jornalista e causidico dr. Alfredo Horcades, na redacção da revista que obedece á direcção do ultimo.

Pelo physico, vi logo que se tratava de um filho do Norte. Estatura mediana, gordo, *entroncado*, sem pretensão a Bello Brummell, tez queimada pelo sol, olhar sagaz que vê tudo, até o intimo das almas, annel de medico a faiscar no indicador da mão direita, de instante a instante um sorriso ironico á superficie dos labios, simplicidade no trajar, levantando repetidas vezes o peitilho da camisa, como si esta lhe fizesse calor, tudo me indicava ser Mello e Silva rebento daquella região brasileira.

Effectivamente, não me enganei: é pernambucano.

Desde então, encontravamo-nos quasi diariamente até o seu embarque para a Europa, há pouco.

Antes de partir, porém, offereceu-me um exemplar da novella que principiou a escrever lá no "fim do mundo", em Matto Grosso, usando a sua propria expressão, e terminou aqui, no Rio, e que se intitula "Maria do Agreste".

Eu já conhecia Mello e Silva como jornalista, através da terrivel polemica que manteve, no Maranhão, com Nascimento Moraes, organização apreciavel do periodismo nortista. Nunca lhe lera, entretanto, um trabalho siquer de ficção. Dahi, a surpreza que me causou a sua novella.

A capa, devida ao pincel magico do consagrado artista hespanhol Navarro Rivas, representa uma mulata que já foi bella, quando pura, no seu sertão, mas cuja belleza se extinguiu nas noites de orgias passadas nas grandes urbes. E' o que se denota do seu sorriso depravado e dos olhos amortecidos.

A feição material está bôa, embora não seja impeccavel. No prefacio, o autor diz os motivos por que traçou as paginas da referida novella e confessa que a lançou á publicidade movido pelo seu immenso querer a "Maria do Agreste", que "até desejei vêl-a nas vitrines das livrarias, sorrindo para os que passam, sem malicia"...

O enredo é natural e — porque não dizer? — verdadeiro.

O autor toma parte da historia não como protagonista principal, mas como personagem secundario, simples espectador. Assim, conta que, estando adoentado, foi passar uma temporada em Jurema, villa do interior de Pernambuco.

Lá, presenciou á historia que resumo abaixo:

"Maria do Agreste" era a mulata mais cortejada da redondeza e dotada de uma belleza sensual, esquisita, formidavel, vencedora, belleza que dominou o sertão, invadiu depois a matta e, como o leitor) verá, transpondo cidades, passou como um raio, fulminando, destruindo, vulcanizando as terras mais estranhas".

Amava-a occulta e silenciosamente, com a ingenuidade caracteristica do sertanejo, Pedro Vaqueiro, mestre do laço, vencedor de caatingas, que synthetizava, na bella flôr selvagem, "todo o seu universo affectivo".

Uma tarde de verão escaldante, perturbou-se o socego da villa com a chegada de cavalheiros, entre os quaes um bacharel, que não foi baptizado pelo autor da novella.

Chico Tripinha, molecote alcoviteiro, que se entregava ao torpe mister de "cavallinho que vae-e-vem", como se diz por aquellas bandas do individuo que faz o papel de estafeta do Amôr, observou no doutor um negocio de futuro. E, destarte, com artimanhas, insinuante, conseguiu captar as sympathias do recem-vindo, e, consequentemente, chamar-lhe a attenção para Maria do Agreste.

Depois de Chico Tripinha haver arrancado varias moedas dos bolsos do bacharel e usado de muitos expedientes e labias demoniacas, arranjou as cousas de tal fórma, que, numa noite de luar, os dois se encontraram, o praciano e a sertaneja, pela primeira vez.

Uma semana após, Chico Tripinha e "Maria do Agreste" fôram assaltados pelo odio e pela tristeza. E' que o dr. desapparecêra, sem dar áquelle o pago derradeiro do trabalho infame e áquella nem siquer uma esperança...

Nesse ponto da narrativa, o medico substitúe o literato. Mello e Silva descreve o estado da heroina, scientificamente.

Julgando-se indigna da convivencia paterna, "Maria do Agreste" abandonou o lar para todo o sempre, amaldiçoando o seu primeiro sonho e chorando o seu futuro incerto.

Já no trem, a caminho de Recife, olhava, entre lagrimas, perder-se no além a terra querida onde deixára a honra e onde Pedro Vaqueiro, perseguido pela saudade e pela desventura, atravessára, com o punhal, o coração afflicto.

Um "moço bonito", peito em *tapeações*, encontrando-se no carro e adivinhando-lhe a tragedia interior, convidou-a a residir na casa de sua *madrinha*, mulher de reputação duvidosa.

E, em virtude da insistencia do matreiro e do seu estado pecuniario, "Maria do Agreste" acquiesceu ao offerecimento tão *gentil*, na doce illusão de uma vida honesta e limpa. Lá, entretanto, com os máus conselhos e com as promessas de melhores dias, "Maria do Agreste" mudou de intenção e, como corollario, mudou tambem de nome. Passou a chamar-se "madame" Lili Tavares. E, ao fructo do peccado daquella noite, deu sumiço...

O resto da novella passa-se na capital pernambucana e aqui, no Rio, onde, desilludida, já sem belleza, gasta pela cocaina, se suicidou a Maria que se fez Lili...

"Maria do Agreste" é bem interessante. O estylo de Mello e Silva agrada. Seu defeito é abusar da adjectivação. Isso, no emtanto, é desculpavel, pois se trata de obra de estréa.

Com o seu livro, Mello e Silva póde firmar-se, com galhardia, entre os nossos escriptores nacionaes.

Aventura do "rei de ouros"

DE ALBERTO DONAUDY

ERA aquelle um jardim de retiros honestos, sem surpresas, onde os bons casaes burguezes se abandonavam, aos domingos, ao manso prazer dos passeios conjugaes; onde o pae e a mãe, assentados á fresca sombra das arvores, se certificavam de que ninguem attentava contra a incolumidade de seus rebentos; onde a estrangeira lançava migalhas de pão aos cysnes do pequenino lago, que as recolhiam sem servilismo, decorosos, ou aos pombos que accorriam trefegos e com as cabecinhas sempre moveis pareciam desfazer-se em cumprimentos de agradecimento; e onde as idades se dividiam e agrupavam pela virtude das forças naturaes, pelo instincto de cohesão: as crianças na grande aléa, sob o sol, adestrando-se com jogos innocentes, — quem era mais agil, mais velhaca, mais astuta — para o futuro e perigoso jogo da vida; os jovens a sonhar, passeando, com o *Amanhã*, o rei de um paiz de fadas, que lhes havia de trazer dadivas inesperadas em seu manto encantado; e os velhos, reunidos em bancos que se defrontavam, a reviverem em suas narrações a existencia transcorrida, apoiando-se na memoria, o bom bastão da velhice.

Observavamos, de preferencia, crianças que eramos, com a escarninha curiosidade dos nossos poucos annos insolentes, o pequeno grupo dos velhos, todos de espinha curvada e cabellos côr de neve; e, não sabendo nós como se chamavam, tinhamos imposto, a cada um delles, um appellido. Um era o *pintor*, porque estava sempre occupado em desenhar garatujas no chão com o seu guarda-chuva; outro, o maestro, porque acompanhava sempre os seus discursos com largos gestos, como se estivesse a dirigir uma orchestra invisível; mais outro, o grosseirão, porque não sorria nunca e parecia que devia fazer soffrer todos que lhe tocassem; outro, ainda, o cão de guarda, pelo temido por nós, porque não nos permittia jogar alli por perto; e, finalmente, o rei de ouros, o unico que nos era sympathico, que nos reenviava a bola; o unico a interessar-se pelos nossos jogos infantis, e que fôra por nós chamado assim por causa da barba avermelhada e quadrada, os longos cabellos descendo-lhe em anneis por sobre as orelhas, e aquelle ar digno de rei desthronado que nos parecia ter sahido de entre as cartas de um baralho para se pôr de passeio pelo jardim.

(Voltavamos do rei de ouros. Perdoavamos, só a elle, a velhice. Mas talvez, na nossa instinctiva sympathia, uma curiosidade nos espicaçasse: vimos um dia que, enthusiasmando-se numa narrativa qualquer entre os seus companheiros, tinha tirado da bocca, com assombrosa facilidade, todos os dentes e que, depois de ter feito o gesto de lançal-os por terra, collocara-os de novo, tranquillamente, no logar. Queriamos que nos mostrasse tambem como fazia para arrancar assim os seus dentes miraculosos. E, por isso, procuravamos captivar cada vez mais a sua sympathia, deixando que na obra de seducção tomassem parte tambem as meninas, terriveis criaturas de salas de onze annos a doze, interessando-as com os nossos jogos mais difficeis ou com todas as proezas das nossas mil diabruras.

Esperamos que estivesse sosinho um dia; mais madrugador do que de costume, attento á leitura do seu jornal, lá estava no seu banco: rodeamol-o subito, apertando-o como num cerco, do qual não podia escapar.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, meus amiguinhos.

— Sabe como o chamamos?

— Como me chamam vocês?

— O rei de ouros.

— Por que?

— Porque se parece com o rei de ouros e porque gostamos de você.

Sorriu, acariciando um de nós. E, então, a pergunta explodiu inesperada e brutal:

— Por que não nos deixa ver tambem os seus dentes?

Trocamos olhares amedrontados em seguida.

Não tinha sido uma impertinencia excessiva a nossa? Não poderia elle indispor-nos para sempre com o *rei de ouros?* Mas elle era composto, cheio de generosidade e de indulgencia.

— Por que os querem ver vocês? — perguntou-nos. — Por curiosidade apenas, ou para aprenderem alguma cousa com isso?

— Para aprendermos, entende-se — disse, com muita seriedade, um de nós, torcendo os olhos para os companheiros.

Mas fomos apanhados.

— Disse uma mentira, menino — advertiu o velho. — Não cores, porém, por semelhante cousa. Só os homens se devem envergonhar das mentiras. Quando eu era tambem criança, quantas não proferi? Não obstante, a minha infancia não foi alegre e descuidada como a de vocês. Mais pequeno do que qualquer um dos que estão aqui presentes, fui obrigado a seguir meu pae para a America, e numa America muito mais distante do que a que vocês imaginam, porque não basta, para lá chegar, atravessar o mar; é preciso fazer a pé, muitas vezes, longas e longas caminhadas, sob um sol ardente e um calor forte que opprime, através de florestas onde a passagem é aberta a machado e onde pode acontecer que nenhum homem ainda tenha penetrado.

"As necessidades da vida têm impellido muitos de nossos brancos para acolá, espalhando-os num immenso planalto de vastas propriedades, distantes uma das outras kilometros e kilometros, á custa de ricas sociedades européas, para a colheita da borracha, que serve depois a tantas exigencias da vida moderna. [illegible] logares são ainda habitados por tribus selvagens, entre as quaes a mais terrivel é a dos [illegible], homens guerreiros e audazes, can[illegible] alguns, e que só vivem de pilhagem. A vida é um inferno nessas paragens. Comquanto sejam as propriedades defendidas por altas palissadas, precisa-se viver sempre em continua vigilancia para defender-se das tribus e das feras.

"Naquellas terras, o calor tropical verga as mais fortes fibras. Não só se morre muito joven, como a vida se arrasta entre soffrimentos continuados. Um dos males mais atrozes que assaltam o indigena, adolescente ainda, é a dôr de dentes, para o que contribuem a humidade do clima e as frutas muito doces, que são o seu principal alimento; dôr sem remedio, contra a qual não conseguiram ainda encontrar nenhum balsamo; o que é por elles considerado um castigo divino, porque só arrancando-os terão tregua.

Quando a chuva cae inexoravel sobre aquellas florestas illimitadas e se vive como sob um orvalho mortifero, num pantano cujo ar faz suspender a respiração, o mal é ainda mais atroz; e, então, as noites tropicaes são cheias dos urros terriveis dos soffredores, e o somno impedido, ou, nas modorras, cheio de sonhos espantosos.

"Eu tambem tive, durante quarenta annos, de sujeitar-me á condemnação commum; mas nesse caso, para nós brancos, a sociedade de que dependiamos providenciava immediatamente; e, de facto, fui transportado para outro logar, e ali provido de uma dentadura. De vol-

ta, soube que a nossa pequena communidade, formada de uma centena de homens, mulheres e crianças, tinha-me escolhido para chefe. Se bem que tal cousa importasse em não leves responsabilidades, acceitei de boa vontade. Já me tinha affeiçoado áquella gente e depois sabia que ninguém melhor do que eu conhecia os usos e costumes dos indígenas e, por isso, estava na possibilidade de evitar a tempo as ciladas.

"Todavia, quem não erra na vida, quem pode considerar-se immune de um erro imperdoável, ainda que involuntário? Numa das propriedades menos afastadas, apesar de distante uma vintena de kilometros da nossa, realizava-se uma festa á noite e os meus homens manifestaram o desejo de ir assisti-la em companhia dos *seringueiros*, que se fariam seguir de uma escolta armada. Eu ficaria só com as mulheres e as crianças, de guarda na vasta propriedade. Que perigo poderia existir? Era lua cheia naquella noite, e todos sabíamos, por antiga experiencia, que nenhuma tribu inimiga abandona nunca em noites taes os seus aldeiamentos para emprehender qualquer empresa. Deixei-me convencer e accedi. Não me lembrei senão tarde já, depois que os homens partiram, de que entre os *seringueiros* havia um em quem eu não confiava e que, por prudencia, deveria ter conservado a meu lado, assim como uma especie de refem. Quem poderia ter impedido que mudasse de rota por um instante e fosse correndo avisar alguma das tribus que a propriedade se encontrava sem defesa?

"Obcecado por esta idéa, depois que as mulheres e as crianças procuraram os leitos, decidi ficar de vigilia toda a noite no grande pateo, de modo a estar prompto para attender a qualquer rumor suspeito e poder lançar a confusão entre os assaltantes, no caso de alguma possivel incursão, com boas pontarias de arma de fogo. Armei-me de fuzil e puz-me a caminhar abaixo e acima como uma sentinella deante do seu posto de guarda. Mas a noite estava muito humida e quente, e dava aos membros uma fadiga mortal. Os gemidos dos doentes eram mais distinctos naquella hora também, por causa do vento que soprava, e tornavam mais enervante a vigilia, mais exhaustiva a espera. Assentei-me. Para dominar o somno, puz-me a seguir a lua no seu lento caminhar; uma lua muito grande para o pequeno quadrado de céo que eu via acolá, no alto. Mas a minha mente começara a annuviar-se. Quando a luz passou para além do tecto mais alto da feitoria, e ficou como em equilibrio numa das cumieiras, pensei: E agora, sahindo dali, não se precipitará no vacuo? Não será melhor que se conserve onde está"?

Aventuras do "Rei de Ouros"

"Um somno brutal me colhera em suas malhas: durou não sei quantas horas, mas tão pesado que só o grito de terror das nossas mulheres e o chôro das crianças conseguiram, de repente, despertar-me. Pondo-me de pé de um salto, agarrei o fuzil, mas assegurei-me de prompto ser muito tarde para fazer uso delle. Tendo escalado as palissadas, os *sirienos* já se encontravam no pateo, agrupados num dos angulos, e alguns delles me apontavam já as suas flechas, emquanto outros lhes voltavam as pontas para a terra, em advertencia de que de mim dependia morrer ou não, porque tinham vindo apenas para receber refens e entabolarem entendimentos. Emquanto isto, as mulheres e as crianças se apertavam ás minhas costas, tremendo e chorando; e não havia senão eu para defendel-as, eu somente...

"Veiu-me, nesse momento, uma inspiração, uma idéa desesperada daquellas que nos surgem nos casos extremos. Sem ligar importancia ás flechas que me ameaçavam, avancei lentamente, sob a lua, para o grupo mergulhado na sombra, fazendo com os braços mysteriosos gestos de magia e elevando aos céos os olhos inspirados. Detive-me justamente no meio do pateo, e com dois dedos unicamente, assim como faço ver agora a vocês, arranquei os dentes da bocca, lançando-os ao solo, onde se despedaçaram.

"Um estupor primeiro, uma agitação depois; um tumulto, um panico que logo em seguida se transformou em terror, apoderou-se do grupo de selvagens. Eu tinha alcançado o prodigioso! Pudera arrancar todos os dentes de uma só vez! Quem, então, era eu?

Aterrorizados, deixando flechas e trabucos, fugiram como loucos para além das suas tabas, para além do rio, enchendo a noite com os seus gritos de terror e annunciando aos outros:

"— Milagre! O feiticeiro! Viva o feiticeiro! Elle é um Deus!...

"Assim, meus meninos, pude salvar de morte certa muitas crian-

Aventura do "Rei de ouros"

(Conclusão)

... como vocês e evitar a maior dôr existente sobre a terra a muitos paes e a muitas mães: a de perder os seus filhos. E desse modo, a minha narrativa serviu para ensinar a vocês alguma cousa. Para que se aproximaram de mim senão para rirem dos meus dentes? E eil-os, a todos commovidos, no entanto. De pequenos selvagens que eram, transformaram-se em crianças de sentimento. Não fugiram como os indios, mas ... Vocês tambem a minha narração foi de magia. ... de que tudo pode ter uma importancia na vida, gerar um sentimento inesperado, mudar o curso dos acontecimentos, fazer annunciar maravilhas, e que rir das desventuras humanas é proprio apenas dos ... e dos ignorantes, que vêem muitas vezes transformado em pranto esse riso...

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

NO PELOURINHO DA DESHONRA

Da Ufa

Cinema RIALTO — Lily Damita, tanto tempo afastada das telas cariocas, volta agora em antigos filmes germanicos e modernos filmes americanos. Este é dos primeiros. Confessamos que nos agrada muito mais a Lily desta phase, ou porque ella se encontra mais dentro do seu elemento, ou porque os argumentos são mais de molde a fazer vibrar a sua alma de latina. *No Pelourinho da Deshonra* é um drama de moldes bastante antiquados na sua essencia, embora di realização moderna. O romantismo tem aqui a sua influencia nitida: mas a verdade é que o publico gosta na tela desses ambientes e dessas almas cheias de idealismo e de aventuras e se distrae a ver os outros a soffrer as suas loucuras. Lily é admiravel neste typo de mulher soffredora, e neste trabalho não está tão preoccupada em mostrar o seu corpo divino de deusa. A apresentação technica do film é boa.

Cotação — BOM

UM SONHO QUE VIVEU

Da Fox

Cinema PALACIO — Filme romantico, de uma simplicidade encantadora, feito para as almas simples e boas que desta vida moderna nada querem entender que não seja o amor dos corações que se ligam, impellidos por sentimentos sinceros. Por isso mesmo, o seu argumento é quasi uma anomalia no meio em que decorre, essa atordoante metropole americana. Mas não deixamos de acreditar que ainda mesmo nesses ambientes de modernismo e loucura existam estes oasis de felicidade e candura. O enredo é encantador e na sua delicadez e graça não poderia ter melhores interpretes do que Janet Gaynor e Charles Farrell. São artistas ideaes para estes trabalhos, em que se exige belleza moral denunciada pela candura physica. A par destas qualidades, o filme da Fox tem uma apresentação luxuosa, caracteristica e fina, com um accentuado bom gosto e graça. Parece que a parte propriamente material e scientifica da pellicula se esforça por acompanhar com extremo cuidado o lavor artistico e intellectual da obra. E' emfim um delicioso trabalho.

Cotação — BOM

ULTIMA CANCÃO

Da Warner Bros.

Cinema PATHE' PALACE — Al Jolson é hoje o artista mais querido, mais procurado pelo publico americano. Creador de figuras typicamente populares, póde affirmar-se que é um artista que arrasta após si as multidões, dominadas pelo espirito nacional. Daqui resulta que, fóra do ambiente norte-americano, a sua influencia diminue sensivelmente. E' um artista de canto, mais do que um artista de tela. Excessivamente parado na sua expressão physionomica, temos de fechar os olhos para sentir o encanto de o ouvir e não nos deixemos levar pela má impressão de o vêr. Neste filme, (filme de valor, digamos desde já) que o Programma Matarazzo nos deu, elle é ainda o mesmo. Incontestavelmente o argumento e a parte technica são superiores. Daqui resulta tornar-se este film uma bella e agradavel obra de arte.

Cotação — BOM

A PRINCEZA DO CIRCO

Da Ufa

Cinema RIALTO — Filme ao que parece um triaco, com a inevitavel intervenção de fardas. Noventa por cento dessas pelliculas, que são allemãs, propriamente, não nos apparecem sem este espirito militar. O artista Harry Liedtke deve possuir uma bella collecção de fardamentos. Enredo commum: encenação soffrivel; interpretação brilhante, nomeadamente por parte de Hilda Rosh, que parece uma imitação de Lily Damita, isto sem desmerecer o seu valor, nem tentar amesquinhal-a. As scenas do ambiente theatral, sem serem novidade, estão bem delinadas.

Cotação — SOFFRIVEL

FALTA DE VIGOR E VITALIDADE

FREQUENTEMENTE OS RINS SÃO A CAUSA

Ha epidemia de velhice prematura. Homens e mulheres que deveriam estar no melhor da vida, fortes e cheios de saúde, sentem-se sem animo para trabalhar ou distrahir-se, incommodados por dores constantes. As pernas ficam pesadas, as costas estão doridas, cada movimento é um tormento e não se pode conciliar o somno durante a noite.

A sua má saúde e perda de vigor se devem a anormalidades nos processos naturaes que têm logar no organismo. O sangue, em vez de levar alimentos sãos aos nervos e musculos, se enche de venenos que irritam os nervos.

Nos rins está a origem da sua doença, porque se não filtram e purificam o sangue quando este percorre o organismo, permittem que o acido urico se accumule com excesso.

Ha um tratamento garantido para este estado debilitado. Foi conhecido durante 40 annos sob o nome de Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Milhares de pessoas experimentaram este medicamento e opinam que é inestimavel nos casos de Perda de Vitalidade, Dores nas Costas, Dores Articulares, Desordens na Bexiga, Rheumatismo e Desordens dos Rins.

Padece V. S. de Dores nas Costas, Fadiga, Debilidade, Rheumatismo, Inappetencia, Insomnia, e sente-se impedido de gozar das alegrias da vida? Se é assim, V. S. deve tomar as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga AGORA. Este é o tratamento recommendado pelos medicos e pelos pacientes que recobraram a saúde.

M. 6.

Adquira um frasco de Pilulas De Witt em sua pharmacia, tome duas antes de deitar-se e uma antes de cada refeição. Pela manhã V. S. despertará mais forte, cheio de vida e com disposição para o trabalho e para as distracções. Milhares de pessoas falam e escrevem elogiosamente sobre os magnificos resultados obtidos.

Adquira um frasco de Pilulas De Witt hoje mesmo. V. S. notará o effeito 24 horas depois de haver tomado a primeira dose. Se V. S. persevera, a sua saúde está assegurada. Se deseja comprovar a rapidez com que agem as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, peça-nos um fornecimento gratis para experiencia, usando o coupon abaixo, ou se V. S. prefere, escreva o seu nome e direcção sobre uma folha de papel e envie-a a E. C. De Witt & Co., Ltd., (Depto. M. 6), Caixa do Correio 884, Rio de Janeiro.

GRATIS — FORNECIMENTO PARA EXPERIENCIA DAS

PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA

Com o infimo gasto de um sello do correio, V. S. chegará a saber que este tratamento com 40 annos de existencia pode alliviar as suas dores.

REMETTA-NOS ESTE COUPON

— HOJE MESMO —

Snrs. E. C. De Witt & Co., Ltd.,
(Depto. M. 6), Caixa do Correio 834,
Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, um fornecimento das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

NOME.......................................

ENDEREÇO.......................................

....

....

No tratamento da Syphilis em qualquer dos seus periodos!

Attesto que tenho empregado em minha clinica o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharm.-Chim. João da Silva Silveira, colhendo sempre optimos resultados no tratamento da Syphilis em qualquer dos seus periodos, pelo que reputo-o como um medicamento de prompta efficacia e que é um dos melhores depurativos do sangue. O que juro em fé do meu grão.

Matta de S. João (Bahia), 15 de Junho de 1916.

Dr. Alexandre Caetano de Almeida.

Medico e Pharmaceutico pela Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia.

UM JUIZ

ERA um homem recto, comprehendedor de seus deveres, escravo do cumprimento das leis o dr. Ernesto. Desde pequeno fôra assim digno de admiração e acatamento, diziam os mais velhos que o conheceram quando criança. Causava, mesmo, assombro, o modo por que se distinguia dos demais meninos!

E, com o correr dos annos, illustrando-se, aperfeiçoando-se em seus estudos, nos quaes sempre se salientara, após ter-se bacharelado em direito e feito uma advocacia honesta, resolvera abraçar a magistratura, conseguindo, com facilidade, galgar o cargo de juiz em prospera e adeantada capital. Algum tempo depois, o seu nome era um exemplo. Correra todo o Estado e já era citado mesmo na capital da Republica. Era um *homem*, exclamavam, querendo, com essa expressão, dizer tudo, abranger todas as boas qualidades que sesuppõem dignas de um homem. Em vão, com promessas vantajosas, quizeram introduzil-o na politica. A victoria do partido que tivesse o seu apoio, seria certa. Com o prestigio de um nome tão acatado e respeitado, talvez o partido opposto se submettesse à vontade soberana do povo, tornando o voto uma realidade. Mas, não; o juiz não accedera aos rogos, que lhe viriam destruir todo o passado glorioso. Não! O seu cargo era de juiz, e de suas attribuições jamais se arredaria. Não trocava a toga por nada. Amava o direito. Estava habituado a proferir sentenças amparadas nos textos inflexiveis da lei! Muita vez, a lei não seguia com a justiça, elle bem o reconhecia, mas que fazer? Si o caso estava expresso, citava o dispositivo legal, e proferia a sua decisão.

E, assim, dessa maneira, a sua austeridade se espalhou por toda a parte.

O dr. Ernesto, em sua vida particular, era o mesmo homem recto. Só tinha a differençal-o do homem publico, a inalteravel justiça de suas acções, da qual de quando em quando, ao serviço da lei, se afastava, forçado por ella propria. Em sua vida privada, elle era a lei; entretanto, no desempenho de suas attribuições, della era um executor severo.

D. Olga, sua esposa, bella moça, virtuosa e boa, nunca havia manifestado, mesmo ás pessoas intimas e parentes, a mais leve censura ao dr. Ernesto. Este era tido como o exemplo dos maridos. Embora cirumenta, d. Olga jamais tivera occasião de se martyrizar e duvidar do dr. Ernesto, que, apesar da sua conducta irreprehensivel, que aos olhos daquelles que apenas o conheciam de nome, dava a impressão de um velho carrancudo e feio, era um homem ainda relativamente moço, bello e sympathico. Tinha uns olhos muito grandes e penetrantes e uns labios ligeiramente grossos e rasgados, que lhe emprestavam algo de volupia... Com o nome que possuia e a sua belleza physica, muita paixão havia de inspirar. O facto, porém, é que de nenhuma se tinha conhecimento. Nem mesmo de calumnias, tão communs e alvejando principalmente ás pessoas notaveis, elle era victima.

• • •

ANOITECIA. Gigantescos blocos de escuras nuvens se amontoavam para as bandas do sul e um calor intenso suffocava até as proprias arvores, que se achavam estaticas.

Foi, com espanto, que d. Olga ouvira do marido que não *jantava em casa e ia sahir naquelle momento*. Pelo tom com que falara, um que de anormal se notava nelle.

DE PEDRO PAULO FARIA ROCHA

— Vou jantar com um collega, com o qual tenho negocios a tratar. Voltarei cedo — disse.

— Mas... olha o temporal que está ameaçando cahir, respondera, nervosa, d. Olga.

— Ora, minha querida, não vou ficar na rua! Até isto.

Raríssimas vezes o dr. Ernesto jantára fora de casa. E as poucas vezes que o fizera, citava o nome da pessoa com quem ia fazer a refeição.

D. Olga, afflicta, reflexionava: *Não, devia haver alguma cousa de mais... Elle não contara o motivo para não a atormentar. Ella sempre vivera desassocegada com os rigores do marido no cumprimento da lei. Devia elle possuir inimigos...*

Essa noite, d. Olga jantara apprehensiva, tendo a augmentar-lhe o estado nervoso a borrasca que tomára fortemente.

• • •

ERAM já dez horas. O temporal passára e as estrellas scintillavam nas alturas. A natureza parecia ditosa, agora.

D. Olga, impaciente, olhava para os lados da rua, querendo divisar o marido. O tilintar do telephone obrigando-a, ansiosa, a retirar-se da janella.

— Como?! O Ernesto acaba de ser ferido?! Onde, onde?

E a pessoa que lhe communicava o triste acontecimento repetira o logar e desligara.

Louca de dôr, em pranto, d. Olga atirara um agasalho ás costas e correra para o local indicado, certa de ter sido o marido victima de algum inimigo. Chegara, emfim. A casa citada era um rico palacete de pessoas, embora não de amizade, de seu conhecimento. Soffrega, subiu as escadarias da parte exterior da casa, penetrara, ás tontas, no rico salão de visitas... mas não pudera approximar-se do dr. Ernesto. Soltara um grito angustioso e desmaiara ao ouvir:

— Seu marido... e a amante!

A um canto da sala, uma mulher, de porte esbelto, occultando o rosto, soluçava alto. E o mesmo homem que fitara a d. Olga, sem notar que ella, por desmaiada, não podia ouvir, continuou firme, porém, com os olhos nadando em lagrimas:

— Ha algum tempo que eu desconfiava... Que de duvidas, de agonias, eu passei!... Debati-me em uma desesperadora dôr, em uma duvida cruciante... Ao mesmo tempo que cria... achava impossivel... Hontem premeditei uma viagem qualquer para hoje... Fiquei á espreita... Fiquei cego... e detonei a arma. Acertou nelle. Felizmente, não morreu, para que possa supportar a dôr e a vergonha... E ahi está a realidade que destruiu tudo, tudo, para mim...

• • •

ALGUM tempo depois, o dr. Ernesto, que não mais era juiz, após ver-se envolvido em uma questão de desquite, partia para bem longe...

Apesar do perdão que obtivera da esposa, que o adorava, elle se sentia humilhado e envergonhado deante della e de todos... Seu nome glorioso e acatado elle via pronunciado com um sorriso cheio de ironia... E, o monumento de sua desgraça, a cicatriz que lhe ficára na face mostrava-lhe sempre o poder da fraqueza humana...

Aquelle estigma, que carregava, tinha deitado por terra todas as sentenças que, recto e inflexivel, proferira amparado pelas leis!...

ESPIRITO ALHEIO

— A dactylographa de meu marido demittiu-se de seu emprego.
— Por que?
— Porque o surprehendeu beijando-me...

O velho medico. — Você curou seu enfermo. Que mais deseja?
O joven collega. — E' que não sei qual dos remedios que lhe receitei o curou.

— Garçon, eu desejaria jantar bem esta noite. Que me aconselha você?
— O restaurante do lado.

— Disse o enfermo algumas palavras com bom sentido antes que começasse a delirar?
— Sim, doutor. Perguntou si já havia ido em[illegible] velho medico idiota...

:: Astucia de Mulher ::

De EMIR ARSLAN

CONTAM que o Efrit (o diabo) havia sugerido a um homem que, antes de se casar, devia procurar conhecer sufficientemente as astucias, embustes e artificios das mulheres, afim de não poder ser esmagado por ellas.

Esse homem era um mercador entre os mercadores e pensou que, para chegar a seu fim, o melhor meio seria prometter a cada freguez uma baixa nos preços de suas compras, contanto que lhe narrassem um conto sobre a astucia feminina. Sua tenda ficou sendo, assim, bastante concorrida, e cada comprador lhe contava uma historia mais extraordinaria e inverosimil do que a outra.

Assim, dia a dia, o homem ia amontoando, em um grosso caderno, todos os contos de astucias femininas, com os menores detalhes.

Quando suppoz que já mulher alguma poderia enganal-o, se casou.

Transcorreram os dias, e depois as semanas, e, um dia, lhe disse a esposa:

— Oh, filho de meu tio (assim se chamam entre si os esposos, no Oriente), quero ir ver minha mãe!

— Tua mãe? — perguntou o marido, desconfiado.

E a si mesmo disse:

"Já começam os embustes."

Procurou no caderno, e depois leu: "Quando uma mulher pede para ir ver sua mãe, é para fazer tal ou qual cousa". E enumera-as. Então, declarou a sua mulher que não podia permittir-lhe que sahisse. De sorte que cada vez que a esposa desejava sahir para ir ver sua irmã, sua tia, ou para um passeio, o marido achava que tudo estava annotado no caderno, e a mulher chegou ao limite do desespero, ao comprehender que tivera a má sorte de cahir nas mãos de semelhante marido.

E depois reflectiu longamente, afim de encontrar um artificio que não estivesse annotado no caderno, para pôr fim á sua situação intoleravel.

Um dia, antes de seguir para seu trabalho, o marido comprou uns mamões que passavam á porta. Mal havia sahido o esposo, passou um peixeiro, e a mulher o chamou, comprando-lhe algumas sardinhas. E, com muito cuidado, fez em cada mamão um finissimo talho, para introduzir uma sardinha.

Quando o marido regressou, depois de suas occupações, alegre e contente, pediu, ao chegar, que sua mulher lhe partisse um mamão para refrescar o estomago, e a esposa se apressou a satisfazel-o.

Mas, ao abrir um, exclamou:

— Alah, que cousa extraordinaria! O mamão tem um peixe!...

O marido, ao ver aquillo, não quiz acreditar, e seu espanto não teve limites.

Pediu a sua mulher que partisse outro mamão, e outro peixe sahiu do interior da fruta, assim como um terceiro e um quarto.

Cada mamão continha uma sardinha. O marido exclamou:

— Oh! Alah é o Creador e todo Poderoso. Até hoje suppunha eu que os peixes só viviam na agua, e agora vejo que tambem nos mamões podem nascer e crescer.

A mulher, então, lhe disse:

— Que te parece si convidassemos teus parentes a virem comer comnosco estas sardinhas que parecem finas e delicadas?

E o marido se apressou a acceitar a indicação, guardando o segredo, com o fim de lhes dar uma grande surpresa, de que jamais podiam suspeitar. Uma vez reunida a familia em torno da grande bandeja de cobre cinzelado, que continha toda especie de manjares, á excepção dos peixes, o marido, com surpresa, perguntou á mulher:

— E as sardinhas?

— Que sardinhas? — contestou-lhe, ingenuamente, a esposa.

— Ora, as que tirámos dos mamões!

— Que estás dizendo?! Si os peixes só podem viver dentro dagua...

— Não te lembras, mulher, que encontrámos umas bonitas sardinhas nos mamões que comprei esta manhã?

— Oh, Alah misericordioso! — exclama a mulher. — Meu marido perdeu a razão. Enlouqueceu.

O marido, enfurecido, se lançou sobre a mulher, para castigal-a. E seus parentes ficaram, então, convencidos de que o esposo havia, com effeito, perdido a razão. Ha uma crença popular no Oriente segundo a qual a loucura provém da circumstancia de Efrit se introduzir no homem, e o unico meio de expulsal-o é bater nelle fortemente com sapatos e chinellos. Assim, todos os parentes cahiram dessa maneira sobre o marido, que acabou tendo que confessar não ter visto peixes nem mamões... Os parentes julgaram que o Efrit já havia fugido de seu corpo, e deixaram de bater nelle. Mas, pouco depois, o marido gritou:

— No emtanto, juro por Alah e seu propheta que vimos e tirámos peixes dos mamões!

— Já voltou o Efrit! — exclamaram os parentes.

Amarraram-no e o levaram cerrado a um bamirixtan (sanatorio de alienados).

Uma vez só, sua esposa se approximou delle, e lhe disse, com um sorriso ironico e diabolico:

— Que tal? Porventura isto estava annotado em teu caderno?

E depois de uma pausa, ajuntou:

— Eu me havia portado comtigo com toda fidelidade e devoção, e no emtanto, não podia pedir nada, nem fazer nada, sem que me respondesses: "Isto está annotado no caderno, isto está apontado no caderno, e aquillo está escripto no caderno". De sorte que teu maldito caderno foi a causa de nossa desgraça.

— Piedade! — exclamou o marido. — Peço-te perdão e graça. Tu és a filha querida de meu tio, tu és minha fiel companheira, és a luz de meus olhos. Toma o caderno, rasga-o, queima-o, mas salva-me, e eu te prometto e juro por Alah que, de hoje em deante, farei tudo o que tu queiras.

— Jorge!

— Alberto!

E os dois rapazes abraçaram-se calorosamente em plena Galeria Cruzeiro.

— Ha quanto tempo, Jorge!

— E' verdade! Ha uns oito mezes que não nos vemos...

— Parece incrivel!

— Parece, sim... Mas vamos molhar o nosso encontro e conversar mos mais á vontade.

E embarafustaram-se os dois pela Brahma a dentro.

— Garçon! Dois duplos!

— Então, Jorge, que é feito de você?

— Vou indo, assim, assim. Mettido no Ministerio, com um bando de dactylographas na minha repartição, quasi não tenho tempo para mais nada...

— Meganão! E's agora um pachá...

— Não é tanto assim... O meu chefe é muito esperto!

— Eu jamais trabalharia numa repartição dessas para não acabar... maluco!

— Talvez um dia eu acabe... casando.

— Já tens, então, uma predilecta, hein?

— Mais ou menos... E, por falar em casamento: a ultima vez que nos encontrámos usavas alliança e estavas acompanhado da tua noiva. Hoje vejo-te sem alliança alguma... é signal de que já casaste e, como todo o marido moderno, usas a alliança... no bolso!

— Não. Não me casei.

— Deveras? Você que tinha marcado até o dia...

— Mas isso não foi o sufficiente para que o casamento se realizasse.

— Que houve, então?

— Um ataque...

— Um ataque? — Garçon! mais dois duplos. Conta agora isso. Um ataque... Cousa esquisita...

— Recordas-te que a ultima vez que nos vimos foi no baile das Mercedes...

— E' facto.

— Recordas-te tambem que, quando te apresentei a minha noiva, falei que ella estava um pouco resfriada e que por isso tinhamos de regressar cêdo...

— Coitadinha! Ella então peorou, teve um ataque e morreu?

— Não! Quem teve o ataque fui eu.

— Você? Não comprehendo...

— Pois vae ouvindo. Como minha noiva continuasse a peorar, resolveu ir passar uns dias em Petropolis, em casa de uns parentes, e eu fiquei aqui no Rio á vontade, solto. Tres dias depois, ella me escreveu uma carta, cheia de diminuitivos — "meu bemzinho", "meu queridinho", "meu amorzinho..." Phrases banaes que as mulheres sabem empregar tão bem!

O Ataque

Odilon d'Alencar

— Eu conheço essas phrases...

— Quando fui responder a carta, tive o ataque.

— Coitado!

— Não sei si foi por causa da grande mentira que eu ia pregar. Já tinha escripto — "Minha adorada. Desde que daqui partiste, não tenho mais alegria. Nada me distráe. Todas essas mulheres que enchem as nossas avenidas, são, para mim, completamente indifferentes."

— Que heresia, Alberto, que barbaridade!

— Pois é. Quando escrevi — "São para mim completamente indifferentes", senti uma nuvem sobre os olhos e uma dôr aguda no coração. A penna, cheia de tinta, cahiu-me das mãos e, como num protesto mudo, foi borrar a palavra "indifferentes", que tão cynicamente eu tinha escripto. Senti tudo girar em volta de mim e cahi da cadeira sobre o pavimento. Já completamente "morto".

— Que coisa horrivel!

— Entretanto, Jorge, apesar de me sentir morto, ouvia e via tudo, pois "morri" com os olhos abertos!

— Como enforcado...

— Meia hora depois, encontraram-me cahido, "morto". Gritos, chôro, correrias e dahi a pouco, o tlim-tlim da Assistencia.

"O medico tomou-me o pulso e — nada! Auscultou-me o coração e tambem — nada! Dirigindo-se então á minha familia, disse, laconicamente: — "Está morto"! Deu o nome complicado de uma doença do coração e, calmamente, foi sahindo... Ah! Os medicos... Os medicos!

"Os gritos, então, chegaram ao auge! Eu quiz socegar os meus parentes angustiados, quiz falar, dizer que estava vivo, vivinho da silva, mas, desgraçadamente, não podia!

"Algum tempo depois, vejo-me vestido com o meu melhor terno e mettido num caixão de defunto, rodeado por quatro cirios enormes! E eu vivo, Jorge! Mais vivo do que nunca, pois via e ouvia tudo com rara facilidade!

"Minha familia, mais laconicamente ainda do que o medico, telegraphou a minha noiva, dizendo — "Alberto falleceu hoje, seis horas. Enterro amanhã ás quatro."

A noticia rapidamente se esp-
lhou e a minha casa encheu-se
gente. Que coisa horrivel,
amigo, é ouvir-se condolencias
nossa propria morte! Gente
mais gente a chegar e eu de
do meu caixão a ouvir, de
mento a momento: "Ai... ai
meus pesames..." "Meus pe-
mes, ai... ai...!!!" Pesames,
pesames!

"Minha prima, a Lili, toda
rosa, beijou-me as faces e, ao
jar-me, balançou um dos cirios
um pingo de cêra quente, fer-
do, cahiu-me na ponta do nariz
eu sem poder gritar — ai! A
grata, que nunca consentiu que
a beijasse — quantas vezes
tei! — vinha beijar-me depois
"morto"!

"Assim, passei a noite toda
deado de amigos chorosos e
manhã, começaram a chegar
corôas.

Percebi, então, que as coisas
tavam ficando pretas: ia ser
terrado vivo!"

— Tudo por causa daquelle
differentes"...

— Enterrado vivo! Até
s nto um calafrio quando pe-
nisso... Ás nove horas, mais
menos, ouvi um barulho na
da, acompanhado de chôro.
minha noiva, que chegava!
gurada, pallida, abraçou-se
nha cabeça, chorando, gem-
angustiadamente: — "Meu
Meu unico amor!... O' meu
que será de mim sem o
amor?! Meu amor... Meu amor
Dai-me o meu amor, ó Deus
levae-me com elle... Meu amor
Meu unico amor! Alberto,
querido, sou eu, não me ouves
Deus!... O' meu unico amor
Meu amor... Meu amor..."

"E gritava, e chorava, beijan-
me a bocca, as faces e os
olhos arregalados... Eu dizia
migo mesmo — "Como ella
ama... como ella me ama!

"Ah! quanto pode o amor!
contacto dos seus labios, senti
calor estranho no corpo e
pobre coração, que muitas ho-
estava parado, iniciou o seu
sico tac-tac... Era a vida que
tava! abracei-me ao pescoço
nha querida noiva e confundi-
os nossos beijos e as nossas
grimas...

"Quando resuscitei, houve
bandada dos presentes: as sen-
ras hystericas tiveram chiliques
depois, tudo voltou á calma e
me tens gozando a vida.

— E tua noiva? Que fim
ella para não te casares?

— Com medo que, depois de
sado, eu tivesse um novo ataque
casou-se com outro!

— Ah! As mulheres!... Garçon!

— São umas ingratas!
mais dois duplos!

Do carnet de um descontente

Por

JOSÉ M. BRAÑA

ESTAMOS tão acostumados a ser enganados pelos outros, que quando se cumpre uma de nossas esperanças, nos parece então que nos enganamos nós tambem.

•

Eu não posso comprehender como, sendo a vida tão curta, haja homens tão covardes, que não sejam capazes de vivêl-a até o fim.

•

Depois de ter visto quanto fizeram as mulheres por se parecer comnosco, estou convencido de que é uma grande cousa ser homem.

•

E' bom ter amôr proprio, mas não tanto que nos ponhamos em ridiculo deante dos que conhecem nossos defeitos e nossos vicios.

•

Emquanto fui menino, fui um escravo de meus paes. Hoje, que sou homem, sou um escravo de meus filhos.

•

Si fossemos analysar o sentido de tudo o que nos dizem, até em um simples *obrigado* veriamos uma offensa.

•

A senhora X., actriz de comedia, suggere estes dois conceitos a quantos a conhecem: No theatro: "Que má artista representando!" Fóra do theatro: "Que excellente artista enganando a seu marido!"

•

Si os que morrem recuperassem suas faculdades durante o trajecto entre sua casa e o cemiterio, que satisfação não sentiriam ao ver que todos os homens se descobriam, respeitosamente, á sua passagem!

•

Eu prefiro dever aos outros a que os outros me devam a mim. Porque não tenho confiança sinão em mim mesmo.

•

Eu não sou capaz de dizer a uma mulher: "Amo-te!" E não sou capaz precisamente porque receio que ella me responda: "E eu tambem."

•

Toda obra, bôa ou má, significa um grande esforço para seu autor. Sob esse ponto de vista, todas as obras valem a mesma cousa.

•

As leis são muito bonitas e muito uteis... mas quanto mal fazem!

•

Eu espero ser rico e feliz um dia não muito distante. Si, com effeito, se cumprir essa esperança minha, pensarei que tinha razão em continuar vivendo. Si, pelo contrario, não se cumprir, pensarei que foi essa uma razão para continuar vivendo.

•

Na luta pela vida uns triumpham e outros fracassam; mas todos — vencedores e vencidos — succumbem, afinal, ao peso de seu grande esforço.

•

Noventa por cento dos homens não lê, nem escreve, nem pensa. E' menos mal que esse noventa por cento de homens é util nas fabricas e no campo!

•

A nullidade e a incultura de certos homens que occupam logar de destaque passam despercebidas graças a seus secretarios.

•

Aquelle que não dá nada não deve esperar nada. Acontece, no entanto, que muitos que dão alguma cousa esperam alguma cousa inutilmente.

•

Não te enchas de orgulho por que os outros ponham teu talento nas nuvens, que quanto mais o elevem, mais provas de talento exigirão de ti.

•

O êxito depende do applauso, mas quasi nunca o applauso justifica o êxito.

•

A morte, como castigo, é uma cousa ridicula. Como castigo, que melhor para defender do ... vida?

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno ... 48$000
Semestre ... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0377. — Administração: 2-4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 5 - sob. Caixa do correio 1431.
Repr. na Europa: Pavignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

VERSOS

Pae Francisco

Jayme de Sant'Iago

Por ter nascido sob a escravidão do relho,
Pae-Francisco nasceu, alem de mudo, velho.

Mas, mesmo assim,
quando o "braço christão" do portuguez
vendeu-o, como se vende um feixe de capim,
o preto congolez,
num grande, largo, immenso gesto,
tendo as mãos postas e a fronte ao ar,
mandou a Budha o seu protesto,
e, em seu silencio, pôz-se a orar...

Trouxeram-n'o, porém, para o Brasil,
e, aqui, viveu, elle, a vida hostil
de um simplesmente desgraçado,
de um sempiterno condemnado.
ás galés dos destinos esquecidos...
sem jamais se lembrar deste verbo — existir;
sem poder, pelo menos, attingir
a escada de Jacob dos seus sonhos perdidos...

E, quando, já vencido, exhausto do trabalho
da manjarra e do malho,
alguem lhe cochichou, alguem lhe disse
que elle, daquella vez, ia se libertar,
o alcool de 80 graus de sua caduquice
fêl-o, por entre angustias e decepções,
assistir ao funereo desfilar
do séquito das suas proprias illusões...

E Pae-Francisco ouviu, na voz das cousas,
que o Destino o chamava ao silencio das lousas...

... E tombou, como o arbusto
que, aos golpes do machado e, a muito custo,
róla, pesada e indolentemente...
Por isso, Pae-Francisco o peso já não sente
de vinte e nove lustros de miseria!
Sem um dia de paz! Sem um dia de féria!
Só trabalho forçado. E nudez. E chibata.
E soluços de bronze. E lagrimas de prata.

A historia dolorosa e verdadeira
do irmão de Pae-André e de Pae-João,
é a vergonha da grande Patria Brasileira
e um insulto infeliz á Civilização!

Contemol-a, entretanto,
hoje, que Pae-Francisco é um campo-santo
de tristeza, de dôr e de serenidade...
e o Brasil,
livre do orgulho atroz, do feudalismo heril
de certa gente ruim, de "sangue azul",
lembra um coqueiro que, num pavoroso grito,
penetrando a amplidão e estragando o infinito,
seu passado pregou no Cruzeiro do Sul!...